



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS - ICS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL – PPGAS

Sílvia Teixeira de Lima

O Caminho do *Bodhisattva* em Alagoas: Um estudo etnográfico

Maceió/Alagoas

2018

Sílvia Teixeira de Lima

O Caminho do *Bodhisattva* em Alagoas: Um estudo etnográfico

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Instituto de Ciências Sociais, da Universidade Federal de Alagoas, como requisito para obtenção do título de Mestra em Antropologia Social sob a Orientação da Prof^a Sílvia Aguiar Carneiro Martins, Ph.D.

Maceió

2018

Catlogação na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecário: Marcelino de Carvalho

L732c Lima, Sílvia Teixeira de.
O caminho do Bodhisattva em Alagoas : um estudo etnográfico / Sílvia Teixeira de Lima. Maceió, 2019.
134 f. : il. color.

Orientadora: Sílvia Aguiar Carneiro Martins.
Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Sociais. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Maceió, 2018.

Bibliografia: f. 123-128.
Glossário: f. 129-133.
Apêndice: f. 134.

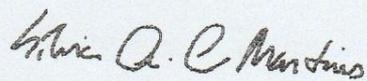
1. Etnologia. 2. Budismo - Alagoas. 3. Bodhisattvas. 4. Fotoetnografia. I. Título.

CDU: 39:294.3(813.5)

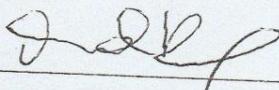
SÍLVIA TEIXEIRA DE LIMA

O Caminho do *Bodhisattva* em Alagoas: Um estudo etnográfico

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Instituto de Ciências Sociais, da Universidade Federal de Alagoas, como requisito para obtenção do título de Mestre em Antropologia Social, apresentada à banca examinadora, em 12 de dezembro de 2018, constituída pelos professores:



Prof^ª. Sílvia Aguiar Carneiro Martins, Ph.D.
Orientadora PPGAS/UFAL



Prof^ª. Dra. Fernanda Rechenberg PPGAS/UFAL
Membro interno

Prof^ª. Dra. Maria Lúcia Abaurre Gnerre / PPCR/UFPB
Membro Externo

AGRADECIMENTOS

Este foi um dos trabalhos que fiz com a maior paixão e que dediquei a maior atenção. Nada melhor que pesquisar e escrever acerca do que se ama e vive. A pesquisa sobre o Budismo me trouxe uma das maiores formas de prática da filosofia e dos ensinamentos.

Cada leitura realizada foi um exercício de reflexão, contemplação e contextualização onde as práticas formais em meu altar, precisaram ser feitas todos os dias, sempre antes e depois de iniciar a escrita ou o trabalho de campo.

Porém, a essência da perspectiva budista está na impermanência e no apego. E esses princípios básicos foram meus mestres mais ativos durante a realização dessa pesquisa. Eles se manifestaram de forma extremamente contundente, como a lâmina afiada da *purba* para não me fazer esquecer a natureza das coisas. Veio a perda do emprego, e só através da bolsa concedida pela FAPEAL, foi possível a realização do mestrado, então, à FAPEAL, o meu agradecimento; depois, veio a morte de meu irmão, aos 46 anos, e a necessidade auxiliar minha família na elaboração dessa morte, sobretudo a minha mãe; depois, vieram as mortes de três interlocutoras e irmãs *vajra*, que fizeram parte de minha caminhada nas *Sanghas*; por último, e não menos importante, a morte de meu tio, e mais uma vez, outra perda para lidar.

Então, agradeço a esse aprendizado que tive e que me sinalizou de pronto sobre a dinamicidade das coisas, sobre a necessidade de reinvenção constante, sobre o exercício contínuo da paciência, sobre a eterna construção e desconstrução de paradigmas e conceitos. Por tudo isso, gratidão!

Agradeço também a cada um dos que estiveram nesse caminho e foram meus mestres em potencial começando pela minha orientadora **Sílvia Martins**, que me acolheu como sua orientanda e me guiou com extrema sabedoria compartilhando seus saberes, sua companhia, sua presença, sua forte energia; sua disponibilidade e amizade; obrigada **Siloé Amorim**, que me trouxe à luz dos saberes audiovisuais e pelo afago de sua amizade e afetividade; obrigada **Fernanda Rechenberg**, por seu carinho e carisma no ensino da Antropologia Urbana, na orquestração da musicalidade do nosso Curtos-Circuitos e das orientações da banca dessa pesquisa; obrigada **Maria Lúcia Abaurre Gnerre**, por trazer a leveza de sua presença e pela disponibilização de seu precioso tempo com as preciosas orientações na banca dessa pesquisa; obrigada a cada um dos professores desse programa de **Pós-Graduação** que, com suas atitudes e posturas, me fizeram pensar, analisar, cada ideia passada em minha cabeça exercitando e ampliando meu senso crítico.

Obrigada aos meus companheiros de jornada, da turma, do GEAVI e do AVAL, nosso grupo de pesquisa, que foram parceiros generosos em seus compartilhamentos de dúvidas, dores, alegrias e tristezas, distribuindo o seu melhor para mim, em especial a minha querida **Rosileide Silva**, uma irmã preciosa que a vida me deu, companheira de cada uma das angústias e alegrias desse percurso mas, disponível para muitas caminhadas ainda por vir; obrigada **Tainá Teixeira**, minha “Estrelinha”, filha amada também mestranda, que esteve sempre na retaguarda do suporte técnico e em muitas discussões teóricas; obrigada **Yasmin Teixeira**, minha “Flor Branca Perfumada”, pelo apoio e pelo carinho e atenção constante às minhas demandas; obrigada **Orlando Lins**, pela disponibilização pessoal e profissional; obrigada a **Klara Maria Schenkel** pela sua dissertação “**O Buddha e o Extremo Oriental das Américas**” e posteriormente o livro “**O Lótus e o Cactus**”, pois foi a partir destes que toda essa ideia se desenrolou; obrigada Professor **Clodomir Andrade** que gentilmente cedeu sua tese para compor o referencial teórico desta pesquisa; obrigada a cada um dos irmãos vajra que foram meus interlocutores oferecendo sua preciosa contribuição para a realização desta pesquisa. Para todos dedico o mérito dessa pesquisa para que todos possam se beneficiar e meu desejo auspicioso que:

“Neste exato momento, possam nem mesmo os nomes doença, fome, guerra e sofrimento ser ouvidos pelas pessoas e nações da Terra. Mas possam sim, sua conduta moral, mérito, riqueza e prosperidade crescer, e possam à suprema bem-aventurança e bem-estar sempre surgir para elas. E possa eu trabalhar sem cessar pela liberação de todos os seres”.

OM MANI PADME HUNG.

“Nada lhe posso dar que já não exista em você mesmo. Não posso abrir-lhe outro mundo de imagens, além daquele que há em sua própria alma. Nada lhe posso dar a não ser a oportunidade, o impulso, a chave. Eu o ajudarei a tornar visível o seu próprio mundo, e isso é tudo”.

Hermann Hesse (1955, p.177)

APRESENTAÇÃO

Nasci e me criei em um ambiente cristão católico, no qual permaneci por anos vivendo os ensinamentos e práticas dessa construção religiosa. Estudei em colégio de freiras, participei de diversos grupos religiosos de jovens, encontros, missas, retiros, mas sentia que algo faltava, que algo não se fazia inteiro. Buscava nos livros inúmeras possibilidades de conhecimento. Lia desvairadamente o que podia, pois tudo me interessava e inquietava. Me encantava com a simples possibilidade de „viajar“ nas palavras, nas histórias contadas e nos mundos descritos pelos diversos autores que visitava. Menina de interior, fui crescendo, me tornando jovem e ampliando minhas buscas, migrei para a capital para um novo colégio e vi minha visão se ampliar. Vi meu universo se expandir e através daquele novo ambiente, ter acesso ao conhecimento que poderia saciar minha sede e fome de informações especializadas.

O mundo se abriu em conexão com o infinito. Experimentar os novos horizontes me encheram de fascínio, o esporte com a possibilidade de cuidar do corpo; as artes pelo acesso à estética, à sensibilidade, à alma das coisas; a geografia que trazia o mundo e suas representações de localidades e ambientes para mais perto; a história e a filosofia, com as vidas dos povos, suas culturas, costumes, ideias, pensamentos, iam me fascinando e já se transformando em muitos sonhos despertados através das leituras que fazia. E ao acessar o oriente, deslumbrei-me com aquela imensidão diferente de cores pronunciadas nas vestimentas, nos objetos e na diversidade cultural na maneira diferenciada de ver o homem, a mente e como acessar esse ambiente que falava de um jeito especial de questionar a vida, a morte, o amor, o cuidado como o outro, consigo mesmo.

Os povos de olhos puxados, parecidos com os meus que sentavam e observavam a mente, respiravam em movimentos sincronizados e tranquilos, me fascinavam. Chegou a faculdade, e as coisas se ampliaram, descobri na filosofia, na antropologia, na sociologia e na psicologia os atributos humanos e existenciais presentes nas mentes que estudava. Tudo parecia ter um lugar especial que me dizia ter um significado maior. Foi quando me chegou às mãos um livro que dentre outros se tornou um livro de cabeceira: Siddharta, de Hermann Hesse, que lhe falava de um ser que encontrou o estado de iluminação estudando a sua mente pela
meditação.

Sim, meditação era a palavra chave da minha descoberta. As formas de meditar que eram descritas numa forma no mínimo intrigante, chamava-se Budismo. Começava assim, a responder algumas das perguntas que fazia há algum tempo e dar sentido à minha busca espiritual, não mais contemplada pela fé católica de minha infância e adolescência. O tempo passou, a faculdade terminou, veio o casamento, e mais uma vez migrei para outras paragens. Ainda inquieta e questionadora, continuei minha busca e comecei acanhadamente a praticar meditação com os poucos conhecimentos que tinha pelas leituras que fazia. Mas ao retornar para minha terra, num outro momento de vida, já mãe, não mais casada e com uma vida pra recomeçar, pus-me a lecionar e tive notícias através de uma aluna da existência um Centro de Práticas Budistas Tibetano na cidade, onde se praticava meditação, sob a orientação de uma monja inglesa, onde as pessoas poderiam ir aprender.

O meu coração se encheu de alegria e meus olhos brilharam diante da possibilidade de poder acessar esse universo só sabido, até então, pelos livros lidos. E fui embora em busca desse conhecimento. E ao chegar, maravilhei-me com o lugar. Era ali que me encontrava. Era ali que queria estar. Era ali que me sentia plena. Um estado de paz e imensa alegria invadiu meu ser e ao sentar na almofada para ouvir a mestra e iniciar minha meditação, vislumbrei um sentimento de presença, encantada com a figura daquela que viria a ser minha professora, com quem tomaria refúgio e assentiria os ensinamentos sobre a filosofia budista para sua vida e guiaria meus passos pelo caminho dali em diante.

Tomei refúgio no *Buddha*, no *Dharma* e na *Sangha* e minha mestra me deu o nome de „**Pema Chözang**’ (a **Grande Mãe**). Era 2004, o centro de Práticas existia desde 2000; tornei-me membro ativo da comunidade budista tibetana, recebendo os ensinamentos propostos por minha mestra e demais professores que estiveram presentes durante o tempo de existência dessa comunidade na cidade de Maceió, que concluiu suas atividades em 2010. Meu nome sofreu alteração mais tarde, quando da renovação de meus votos com outro professor que também se tornaria residente na *Sangha* e me acrescentou mais um nome, passando a me chamar „**Pema Chözang Drolma**’ (A **Grande Mãe do Dharma**). É desta comunidade que falarei nesta dissertação, através dos registros fotográficos e histórias de vida de alguns dos seus adeptos. O Budismo se torna, em minha vida, uma referência de conduta ética, norteando meu cotidiano, minhas ações, minha forma de viver. E embora o grupo originário de meu refúgio não mais exista, minha prática continua com meus estudos fundamentados nas orientações de minha professora inicial, a qual estará sendo referenciada neste estudo. Estudo esse que espero poder beneficiar muitos seres sencientes.

RESUMO

O Budismo é um complexo religioso e filosófico, surgido na Índia há aproximadamente 2.400 anos e tem se espalhado pelo mundo e se adaptado aos diversos contextos culturais de cada localidade, possibilitando experiências diversas às pessoas que o praticam. A proposta dessa pesquisa foi fazer um estudo etnográfico da história do Budismo Tibetano em Alagoas a partir de 2000, apresentando os centros de práticas, os professores, os adeptos, praticantes. Procurando entender como se deu, e se dá, o caminho percorrido pelos alagoanos nos caminhos do *Bodhisattva* que é o de *Buddha* desde seu começo até os dias atuais. O Caminho do *Bodhisattva* é aquele percorrido pelo ser que busca a iluminação e se treina para poder beneficiar os outros seres a eliminar o sofrimento. Metodologias empregadas para a realização desse estudo foram usos do método etnográfico, da história de vida e da fotoetnografia. O Caminho do *Bodhisattva* não se conclui, mostra que o percurso desenvolvido por mim e pelos participantes da *Sangha* budista em Alagoas tem muitas voltas e está sempre mudando, se refazendo, se adaptando a cada possibilidade que se manifesta.

Palavras Chave: Budismo em Alagoas, Bodhisattva, Etnografia, Fotoetnografia.

ABSTRACT

Buddhism is a religious and philosophical complex that emerged in India around 2,400 years ago and has spread around the world and adapted to the diverse cultural contexts of each locality, allowing diverse experiences to the people who practice it. The proposal of this research was to make an ethnographic study of the history of Tibetan Buddhism in Alagoas from 2000, presenting the practice centers, teachers, adepts, practitioners. Trying to understand how the Alagoas traveled in the ways of the Bodhisattva, which is that of *Buddha* from its beginning to the present day, has been given and is given. The Way of the Bodhisattva is the path traveled by the being who seeks enlightenment and trains in order to benefit other beings to eliminate suffering. Methodologies used to carry out this study were uses of the ethnographic method, life history and photoethnography. The Path of the Bodhisattva does not conclude, it shows that the course developed by me and the participants of the Buddhist *Sangha* in Alagoas has many twists and is always changing, reworking, adapting to every possibility that manifests itself

Keywords: Buddhism in Alagoas, Bodhisattva, Ethnography, Photoethnography.

RESUMEN

El Budismo es un complejo religioso y filosófico, surgido en la India hace unos 2.400 años y se ha extendido por el mundo y se adapta a los diversos contextos culturales de cada localidad, posibilitando experiencias diversas a las personas que lo practican. La propuesta de esta investigación fue hacer un estudio etnográfico de la historia del Budismo Tibetano en Alagoas a partir de 2000, presentando los centros de prácticas, los profesores, los adeptos, practicantes. Buscando entender cómo se dio, y se da, el camino recorrido por los alagoanos en los caminos del Bodhisattva que es el de Buda desde su comienzo hasta los días actuales. El Camino del Bodhisattva es aquel recorrido por el ser que busca la iluminación y se entrena para poder beneficiar a los demás seres a eliminar el sufrimiento. Metodologías empleadas para la realización de este estudio fueron usos del método etnográfico, de la historia de vida y de la fotoetnografía. Metodologías empleadas para la realización de este estudio fueron usos del método etnográfico, de la historia de vida y de la fotoetnografía. El Camino del Bodhisattva no se concluye, muestra que el recorrido desarrollado por mí y por los participantes de la *Sangha* budista en Alagoas tiene muchas vueltas y está siempre cambiando, rehaciéndose, adaptándose a cada posibilidad que se manifiesta.

Palabras Clave: El Budismo en Alagoas, Bodhisattva, Etnografía, Fotoetnografía.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1. Lama Kempa. Fonte: Acervo pessoal de Pema Namgye Döndrup.....	34
Fotografia 2. Venerável Bhikkuni Ani Zamba Chözom. Fonte: Acervo pessoal da autora	34
Fotografia 3. Chagdud Tulku Rinpoche. Fonte: Acervo pessoal de Pema Namgye Döndrup.	34
Fotografia 4. Roda da Vida. Fonte: Acervo pessoal da autora	36
Fotografia 5. <i>Sangha</i> Kunzang Ling. Acervo pessoal de Pema Namgye Döndrup.....	47
Fotografia 6. <i>Sangha</i> Trashi Chekhor Ling - Lugar Bom do <i>Dharma</i> . Fonte: Acervo pessoal de Pema Namgye Döndrup.....	47
Fotografia 7. <i>Dorge</i> . Fonte: Acervo pessoal de Pema Namgye Döndrup.	50
Fotografia 8. Mandala. Fonte: Acervo pessoal da autora	51
Fotografia 9. Chagdud Rinpoche e Lama Sherab Drolma. Fonte: Acervo pessoal de Pema Namgye Döndrup.	58
Fotografia 10. S. Ema. Chagdud Rinpoche e Chagdud Khadro. Fonte: Acervo pessoal de Pema Namgye Döndrup.....	59
Fotografia 11. Chagdud Rinpoche. Fonte: Acervo pessoal de Pema Namgye Döndrup.....	59
Fotografia 12. Ani La. Fonte: Acervo pessoal da autora.....	61
Fotografia 13. Ani Zamba Chözom. Fonte: Acervo pessoal da autora	62
Fotografia 14. Oratório Budista – Arte Lama Kenpa. Fonte: Acervo pessoal de Pema Namgye Döndrup.....	63
Fotografia 15. Flor de Lotus – Arte Lama Kenpa. Fonte: Acervo pessoal de Pema Namgye Döndrup.....	64
Fotografia 16. Lama Kenpa – Casamento Museu Theo Brandão. Fonte: Fotógrafo Jean Charles.....	64
Fotografia 17. Chagdud Khadro. Fonte: Acervo pessoal de Pema Namgye Döndrup.....	66
Fotografia 18. Lama Sherab Drolma/ <i>Sangha</i> Kunzang Ling. Fonte: Acervo pessoal de Pema Namgye Döndrup.	67
Fotografia 19. Lama Sherab Drolma. Fonte: Acervo pessoal de Pema Namgye Döndrup.	68
Fotografia 20. Lama Tsering Everest. Fonte: Acervo pessoal de Pema Namgye Döndrup.	68
Fotografia 21. Lama Padma Samten – Ensino Roda da Vida. Fonte: Acervo pessoal da autora	69
Fotografia 22. Jigme Rinpoche no Kunzang Ling. Fonte: Acervo pessoal de Pema Namgye Döndrup.....	71

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. O 1º Girar.....	39
Tabela 2. O 2º Girar.....	40
Tabela 3. O 3º Girar.....	42

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
Pesquisando sobre o Budismo em Alagoas	18
O Contexto em Alagoas.....	19
O Contexto de Maceió.....	20
Sobre Orientações Teóricas, Métodos e Técnicas de Pesquisa	21
Da Revisão de Literatura	25
Dos capítulos dessa pesquisa.....	27
1. A COSMOLOGIA BUDISTA: NATUREZA FILOSÓFICA E LÓGICA DE PENSAMENTO	29
1.1 As Quatro Nobres Verdades	29
1.2 As Três Joias: o <i>Buddha</i> , o <i>Dharma</i> , a <i>Sangha</i>	32
1.3 O <i>Buddha</i>	33
1.4 O <i>Dharma</i>	35
1.5 A <i>Sangha</i>	36
1.6 Os Três Concílios.....	37
1.7 Os ensinamentos: Os Três Girares da Roda do <i>Dharma</i>	39
1.8 O <i>Mahayana</i> : O Caminho de <i>Bodhisattva</i>	43
1.9 O <i>Vajrayana</i> : O Budismo Tibetano	45
1.10 O Tantrismo.....	48
1.11 Os ritos <i>Vajrayana</i>	48
2. TRAJETÓRIA DOS MESTRES TIBETANOS NAS SANGHAS EM MACEIÓ	53
2.1 Os Mestres	53
2.2 O Fundador: Chagdud Tulku Rinpoche - (1930-2002).....	57
2.3 Os Mestres Residentes	60
2.3.1 Venerável Bhikkuni Ani Zamba Chözom	60
2.3.2 Lama Kenpa (1957).....	62

2.4	Os Mestres Visitantes	65
2.4.1	Lama Khadro	65
2.4.2	Lama Sherab Drolma.....	66
2.4.3	Lama Tsering Everest.....	68
2.4.4	Lama Padma Samten	68
2.4.5	Lama Jigme Tromge Rinpoche.....	70
3.	A SANGHA: O CAMINHO DO <i>BODHISATTVA</i> EM ALAGOAS	72
3.1	A <i>Sangha</i> e seus praticantes.....	72
3.2	Chagdud Kunzang Ling	73
3.3	Tashi Chekhor Ling	75
3.4	Grupos Existentes	75
3.5	Os Praticantes – Adeptos no Caminho do Bodhisattva	76
3.5.1	Júlio Hoffman	78
3.5.2	Dawa Lhamo.....	80
3.5.3	Pema Namgyal.....	83
3.5.4	Pema Namgye Döndrup.....	85
3.5.5	Kunza Yeshe.....	87
3.6	O Caminho do Bodhisattva.....	90
4.	IMAGENS, CORES, FORMAS E VISUALIDADES SAGRADAS DO BUDISMO TIBETANO	92
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS – DESFAZENDO A MANDALA.....	121
6.	REFERÊNCIAS	124
	GLOSSÁRIO.....	130
	APÊNDICE A	136

INTRODUÇÃO

O Budismo é uma tradição de práticas meditativas ensinadas por *Siddharta Gautama* na Índia há aproximadamente 2.400 anos. De acordo com Ana Paula Martins Gouveia (2016), pós-doutora em Estudos Budistas pela Universidade da Califórnia (2012) e pela *Sorbone*, na *École Pratique des Hautes Études* (2014), existem muitos “budismos” (2016, p.16) e muitas “filosofias” (2016, p.16). Segundo Gouveia, a construção dessa teoria recebe influências diversas de muitas culturas e pensamentos, algo que vai sendo percebido quando se estuda e conhece as várias escolas e os mestres pertencentes a elas. De acordo com Elizabeth Cleland (2011), mestre em Arte pelo Departamento de Sociologia da Universidade de Carleton, o Budismo é a segunda religião que mais cresce no Ocidente, depois do Islamismo. A prática principal de todas as escolas budistas¹ é a meditação, orientada e ensinada pelos mestres estudiosos da doutrina. Cada escola tem seus métodos e meios de ensinar e praticar a meditação, cujo objetivo é atingir o estado de iluminação. De acordo com James Williams Coleman (2002), professor de Sociologia da Universidade Politécnica da Califórnia, em sua dissertação de mestrado chama atenção para o que mais atrai as pessoas ao Budismo é a prática sistemática da meditação.

Ainda segundo Coleman (2002), muitos se voltam à doutrina enquanto conjunto coerente de ideias fundamentais a serem transmitidas, ensinadas. De acordo com o Dicionário Web², o Budismo se caracteriza pelo seu caráter não-teísta, ou seja, não gira em torno de um ser criador, mas sim através dos ensinamentos propostos pelos mestres. A ênfase neste modelo que é concebido como filosófico no primeiro momento, está na responsabilidade de cada pessoa sobre experiências por elas vividas dentro das ações praticadas e orientadas através dos ensinamentos dos mestres.

Coleman (2002), também chama atenção que os ensinamentos são passados de forma a haver em cada ponto um exame e questionamento que promova ampliação da sua consciência de vida. Isto é, nada deve ser absorvido sem que seja completamente compreendido, testado e vivenciado pelas práticas propostas e pelas experiências de vida.

¹ Escola Theravada ou Veículo Básico: enfatiza a disciplina moral e a ética, presente no Sri Lanka, Burma, Tailândia e Camboja; Escola Mahayana ou Grande Veículo: enfatiza a compaixão e a preocupação com os demais, presente na China, Japão, Coreia e Indonésia; Escola Vajrayana ou Pequeno Veículo, Veículo Diamante: enfatiza os ensinamentos tântricos, ou Mahayana Secreto, utiliza enorme variedade de métodos hábeis para suscitar uma realização profunda em um período de tempo relativamente curto; presente principalmente no Tibete. RINPOCHE, Patrul. Palavras do meu professor perfeito. Porto Alegre: Makara, 2008:49-50.



Os Centros de Prática geralmente são compostos de um “professor”³ que representa o *Buddha*, e uma *Sangha* que é um grupo de praticantes. No Brasil existem diversos Centros de Prática, de diversas escolas. Cada escola busca traduzir a essência da tradição filosófica de Sidarta com suas concepções e propostas meditativas e o praticante busca àquela que melhor atende as suas necessidades ou a que se identifica. Elas também variam sobre a natureza exata do caminho da libertação, a importância e canonicidade dos ensinamentos e práticas. Suas bases estão centradas nas Três Jóias: O *Buddha* (professor), o *Dharma* (ensinamentos), a *Sangha* (a comunidade de praticantes).

Não se pretende aqui fazer incursão em todas as escolas budistas, uma vez que cada uma por si só já demanda um enorme contingente de material de pesquisa. Desejou-se, sim, trazer um conceito breve de cada uma e pousar as discussões em apenas uma, a Escola Tibetana ou *Vajrayana*, que foi a tradição que se instalou por 17 anos na terra das Alagoas. Porém, a Escola *Mahayana*, também será citada e trazida para a discussão pelo fato de ser esta a que discorre com extrema sapiência e maestria, sobre o caminho do *Bodhisattva*, expressão que trataremos aqui para descrever o percurso realizado pelos adeptos locais.

Trazemos aqui alguns dados sobre a história de Sidarta Gautama, o Buda, como elemento de base instrutiva. Mas, principalmente para descrever a história do mestre que fundou o Centro de Práticas em Alagoas, seus professores, adeptos e praticantes. Através do método etnográfico, o objeto desta pesquisa é abordado dentro da tentativa de compreender a influência filosófica da doutrina de Buda nas vidas das pessoas envolvidas, buscado dados nos relatos de histórias de vida e estudo das imagens que registram essas histórias ao longo do tempo.

A Filosofia Budista, que é adotada e vivenciada pelos adeptos no seu cotidiano, na sua realidade, no seu dia a dia, porém, não é algo tão simples como possa parecer, ela propõe alguns ensinamentos e reflexões centrados em conceitos que norteiam a essência das práticas meditativas que possibilita ao praticante o desenvolvimento do estado de iluminação alcançado por Buda. São eles orientações para serem aplicadas e entendidas acerca do que conduz o homem ao sofrimento e de como ele pode lidar com ele, de acordo com Rinpoche (2008, p.41) esses ensinamentos se relacionam com: Causa e Efeito, Renascimento, Ciclo do *Samsara*, que compõem a leitura e o entendimento da vida e do mundo dentro dessa cosmologia; Há as quatro nobres verdades, o Nobre Caminho Óctuplo, O Caminho do Meio,

³“Mestre que atingiu a realização e foi qualificado para transmitir os ensinamentos. O mesmo que Lama.” RINPOCHE, 2008, p.44.



compondo o sofrimento, causas e soluções, que é o entendimento do *Abhidharma*⁴; e a realidade do Budismo que tais concepções sobre impermanência, sofrimento e não eu, Originação interdependente, *Sunyata*⁵.

De acordo com Gouveia (2016, p.20), Sidarta Gautama mesmo enquanto príncipe, tinha preocupações que iam além de si mesmo, não era apenas com sua salvação que se preocupava, mas com a de seu povo também e de todos os seres. Ele buscava de forma mais rápida uma solução ilimitada, que pusesse fim aos conflitos cotidianos das pessoas, mas ele queria algo que acontecesse de forma mais longa e duradoura. Algo que respondesse e solucionasse problemas relacionados à existência, nascimento e morte. E se propôs a buscar a partir de si mesmo, de suas próprias experiências possibilidades que dessem referências claras de que era possível eliminar o sofrimento causado por essas questões.

Foi então que iniciou sua busca, saindo do conforto de sua casa, de seu reino, para ver de perto, conhecer a realidade e desenvolver os métodos que mais tarde seriam aplicados pelos adeptos e transformados em uma densa e profunda teoria filosófica. Ao atingir a iluminação, começou a transmitir os ensinamentos possibilitando a todos os seres interessados em sua doutrina, praticar de forma hábil a dissolução do sofrimento.

Sua busca se deu aos 29 anos de idade, quando decidiu deixar o palácio em que morava para trilhar seu caminho espiritual. Pelo seu grande empenho, atingiu a iluminação aos 35 anos de idade (GOUVEIA, 2016). A autora nos conta ainda que Sidarta vivera cercado de todo o luxo e beleza, seu pai jamais o deixou entrar em contato com as mazelas do mundo, procurou tomar todas as precauções possíveis para que seu filho não fosse exposto a nada desagradável. Mesmo assim Sidarta se sentia inquieto e queria conhecer as coisas para além do palácio. E quando teve a chance, ficou surpreso com as cenas que viu, criando assim uma série de dúvidas e questionamentos para entender o que se passava. Ele viu um homem velho, um homem muito doente e por último um homem morto. Essas cenas mexeram com ele de tal forma pois queria saber como todos viam aquelas coisas e não se questionavam sobre o que fazer para superá-las. Foi quando então, ele viu um asceta (um praticante de meditação), que afastado um pouco da multidão inspirava calma e serenidade, se sentiu atraído por esse comportamento e resolveu abandonar sua vida no palácio, suas riquezas e seguir em busca de respostas às suas indagações.

A palavra *Buddha* é o participio passado a partir da raiz do verbo *budh*, que significa “despertar” ou “ampliar”, e assim, neste contexto, a raiz do verbo significa “despertou do

⁴Sistematização do pensamento budista contido nos sutras.

⁵Vacuidade.



sono da ignorância e ampliou a sabedoria para tudo aquilo que pode ser conhecido”, superar a ignorância e se tornar consciente (GOUVEIA, 2016, p.56).

Conforme Gouveia (2016, p.56), os *Buddhas* são seres como nós que descobriram a verdadeira natureza das coisas, livrando-se assim dos ciclos de sofrimento aos quais estavam aprisionados.

Em tibetano, a palavra utilizada para *Buddha* é “*sangs rgyas*” pronuncia-se *sangye* que significa “purificado e perfeito”, ou menos literalmente, uma pessoa completamente desperta que atingiu o conhecimento perfeito sobre a verdade” aquele que removeu todos os obscurecimentos e possui cognição prístina”, “aquele cuja mente abarca todos os objetos de cognição e os compreende perfeitamente (GOUVEIA, 2016, p.58).

A cosmologia⁶ budista considera que o universo é composto por sistemas onde cada um possui um ciclo de nascimento, desenvolvimento e morte. E os sistemas são compostos de reinos com diversos níveis e neles se explicam o processo de desenvolvimento que cada um atinge na sua busca da iluminação. A cosmologia é complexa, cheia de símbolos, signos e abrange as ideias de mundo e de homem. Essa cosmologia é explicada em cada conjunto de ensinamentos proferidos por *Buddha*. Ensinaamentos estes que se encontram nos três girares da Roda do *Dharma*. Cada girar teve um tempo de duração de explanação, um local específico de fala, um patrono, um tema com um conjunto de assuntos, uma explicação detalhada com métodos de aplicação para serem praticadas. O Budismo vem sendo estudado por variados especialistas dentro de instituições de ensino superior no mundo inteiro.

Pesquisando sobre o Budismo em Alagoas

Através desta pesquisa proponho fazer um estudo etnográfico da história do Budismo em Alagoas, apresentando os centros de práticas, os professores, os adeptos, os praticantes. O caminho do *Bodhisattva* é o caminho percorrido pelo ser que busca a iluminação e se treina para poder beneficiar os outros seres a eliminar o sofrimento (RINPOCHE, 2008. p.585). Esse caminho é construído na relação do aluno com o professor e os ensinamentos proferidos por ele. Um caminho nada fácil, cheio de entraves, altos e baixos, desafios constantes que vão desde a própria pessoa em questão, seus conceitos e construtos culturais à doutrina, práticas, ambiente, sentidos dos símbolos e signos e vivência. A proposta visa desenhar nesse cenário

⁶Cosmologia: (do gr. kosmos: mundo, e logos, ciência, teoria) Conjunto das teorias científicas que tratam das leis ou das propriedades da matéria em geral ou do universo. Toda cosmologia supõe a possibilidade de um conhecimento do mundo como sistema e de sua expressão num discurso. Por isso, a imagem do sistema do mundo é determinante para toda filosofia que se pretende sistemática. O postulado de uma totalização do mundo, pelo saber, revela-se indispensável a uma eventual totalização do próprio saber (JAPIASSU & MARCONDES, 2001).



alagoano as configurações construídas pelos adeptos que resolveram percorrer esse caminho desde seu início em 2001, até os dias atuais.

A realização desta pesquisa pode ser justificada através de muitas inquietações e principalmente por não encontrar registros que nos contassem a história do Budismo em terras alagoanas, informações nunca antes levantadas. Havia um desejo em saber como uma prática totalmente oriental, de perspectiva tão diferente, pudesse ter encontrado lugar por essas paragens, e, houvessem tantas pessoas interessadas em incluir na sua vida esse novo olhar filosófico de forma efetiva. É relevante estudar mais concretamente essa perspectiva teórica/filosófica de uma prática religiosa, pois desde o início do meu contato, a tradição budista, era convidativa como meio que de forma hipnótica viabilizaria a aprofundar conhecimentos, pois cada elemento que conhecia ampliava o meu encantamento, meu senso crítico e os dados de realidade para entender o que acontecia a minha volta e aquietava minha mente.

Esta proposta tem, portanto, a ideia de reunir informações do cenário que motivou a formação de um grupo de praticantes, a *Sangha*; os mestres e as práticas que sinalizaram como essa filosofia encontrou espaço para se instalar em Alagoas. Pretende-se trazer informações da *Sangha*, através de histórias de vida subjetivas, mostrando o impacto dessa prática filosófica nas vidas particulares, além de trazer uma descrição dos espaços de prática, mostrando percursos que aconteceram e se estenderam até os dias atuais

Busca-se entender como se deu e se dá o caminho percorrido pelos alagoanos nos caminhos do *Bodhisattva*, os caminhos de *Buddha* dentro das diversas configurações que adquiriu ao longo do tempo.

O Contexto em Alagoas

Alagoas é um dos menores estados da federação brasileira, situado na região Nordeste, cercado de água por todos os lados, mar e lagoas. De acordo com Theo Brandão,

Possui a forma de um triângulo retângulo com a hipotenusa sinuosa e irregular ao norte – a fronteira de Pernambuco – e os catetos, um, a sudeste – a costa atlântica – outro, a sudoeste – o Rio São Francisco – que o separa dos Estados de Sergipe e da Bahia. O vértice do triângulo reto fica precisamente na foz do Rio São Francisco, rio que entra em contato com o território alagoano pouco antes da cachoeira de Paulo Afonso, cuja queda principal se situa aliás, em terras de Alagoas (BRANDÃO, 2003, p.11).

Geograficamente, Alagoas é um estado diferente dos demais, pequeno, mas com um potencial gigante e diferente pelo seu componente aquático singular, fazendo disso um ótimo cartão postal pelas vistas únicas que apresenta. E justamente por ser ladeado de lagoas, ao



Norte Mundaú e ao Sul Manguaba, ganha seu nome que desafia esse lugar originalmente desenhado para a seca. Pois geograficamente falando é um dos estados pertencentes ao Polígono da Seca (BRANDÃO, 2003). Ainda segundo o autor,

mesmo na região mais seca – a do Sertão –, em plena zona das caatingas, há verdadeiro oásis de verdura e de mais ameno clima, tal como acontece nas serras de Água Branca e Mata Grande, nos sítios onde se erguem, aliás, as sedes desses municípios do alto sertão (BRANDÃO, 2003, p.11).

Por estar situada na zona tropical do hemisfério sul, possui um clima quente com apenas duas estações inverno e verão. Com um território medindo 27.793 km quadrados, possui cinco zonas geoeconômicas, uma zona costeira ou litorânea, com o cultivo do coqueiro da praia, importado da Índia, com a pesca de peixes, moluscos e crustáceos dos seus rios e lagoas; outra zona possui região montanhosa, solo fértil, clima úmido e quente, anteriormente coberta de matas, mas depois transformada e sua maioria em território agrícola para o cultivo da cana de açúcar e que possibilitou o surgimento dos engenhos de açúcar, abrigou as senzalas com os negros escravizados; em outra zona, tem-se o Sertão – local de clima semiárido, seco, chuvas escassas, vegetação de caatinga, criação de gado, cabras, cavalos, jumentos; em outra zona, tem-se o agreste, área da cultura de subsistência do milho, feijão, mandioca, macaxeira, algodão, o fumo, café e palma forrageira; e na ribeira do rio São Francisco tem-se a pesca e antes se tinha a cultura do arroz (BRANDÃO, 2003).

Alagoas é também conhecida pelas histórias provincianas de seus coronéis da cana de açúcar, de seus sertões, pelas histórias de Zumbi dos Palmares, é também um cenário profícuo de intelectuais, escritores e artistas nas mais diversas áreas, a exemplo de Graciliano Ramos e de Jorge de Lima, Aurélio Buarque de Holanda, e tantos outros, que juntos deram vida à sua economia e sua cultura impregnada de colorido e musicalidade. E em meio a esse contexto da cana de açúcar, dos engenhos, da produção de coco mistura-se uma realidade religiosa profunda calcada nos aspectos dos cultos cristãos católicos e evangélicos, dos santos vivos e mortos, das novenas, das procissões, das promessas, das religiões afro-brasileiras, que o Budismo encontra um espaço de profusão de sua filosofia. Misturando-se à religiosidade local, a cultura de *Buddha* se torna presente adaptando-se ao cenário religioso existente funcionando ora como filosofia de vida, ora como religião reformulando as concepções ideológicas e práticas das pessoas que o vivenciam.

O Contexto de Maceió

É uma cidade litorânea com uma população segundo o censo de 2010 de 932. 748 habitantes (IBGE, 2010) e estimada em 2018 de 1.012.328 habitantes, construída numa



restinga alagadiça chamada Maçaíó, ladeada por lagoas, e pelo oceano atlântico. Maceió vive sob o signo da água, com grande parte de sua população vivendo da água, ou para a água, através da pesca, com suas jangadas, canoas, apanhando sururu, mariscos, cultivando coco (BRANDÃO, 2003). As terras de Jorge de Lima, já não se caracteriza mais apenas pelo cultivo da terra e pela produção da pesca como era dantes descrito. Há muito é o artesanato, as rendas e sobretudo o turismo que tem sido o destaque de emprego e renda da região.

Maceió é chamada de “O Paraíso das Águas” as pessoas têm procurado o estado para aproveitar as belezas naturais desse paraíso e é nele que o *Dharma* floresceu e mesmo com o cenário tendo sofrido muitas modificações, tornou-se um terreno fértil para os ensinamentos de *Buddha* cuja história está sendo trazida nesta pesquisa.

O filosofar budista, assim como acontece com algumas das propostas filosóficas ocidentais, é um processo que tem a finalidade explícita de transformar aqueles que se dedicam a tal atividade (GOUVEIA, 2016, p.48).

Transformação essa nem um pouco fácil de ser feita pois não basta ter fé, faz-se necessário que o praticante desenvolva o exercício de vontade, diligência, dedicação, sabedoria e questionamento crítico conforme fala Gouveia (2016, p.48-49).

Para esse diálogo serão apresentados dados colhidos das histórias de vida e memória coletiva, da dimensão cosmológica, na análise relacionada aos rituais, cuidados com o corpo, com a alimentação, dados sobre as noções de pessoa e de gênero permeado pelas teorias que problematizem a complexidade da filosofia budista e antropológica, na sua inserção com a cultura alagoana, esse lugar de extensa profusão religiosa cristã.

Percorrer esse caminho é uma tarefa um tanto quanto desafiadora, uma vez que a história do Budismo existente neste contexto, é bastante fragmentada, exigindo desta pesquisadora que também é observadora participante, um exercício meditativo de atenção plena para perceber detalhes únicos que se farão necessários na construção do registro desta história. O Objetivo deste estudo é registrar etnograficamente as histórias das pessoas, seus engajamentos com os ensinamentos de *Buddha*, o que as motivou trilhar por esse caminho, o caminho do *Bodhisattva*, qual a natureza de sua fé nos ensinamentos budistas, relatando a presença do Budismo em Maceió desde 2001 até os dias atuais.

Sobre Orientações Teóricas, Métodos e Técnicas de Pesquisa

Como já foi mencionado, o método utilizado é dentro da pesquisa etnográfica, onde trabalhei com a noção do que Ribeiro (2003) chama de uma etnografia pós-moderna; que “tem o trabalho de campo como espaço de experiências e de verificação da



intercomunicabilidade entre os modelos culturais dos quais fazem parte o observador e o observado” (RIBEIRO, 2003. p.48). A etnografia se ocupa com o estudo descritivo, mas também dentro da interação estabelecida entre o pesquisador e os pesquisados, por isso há essa intercomunicabilidade citado por Ribeiro (2003). De acordo com Rocha e Eckert (2008), por pesquisa etnográfica entende-se como um:

composto de técnicas e de procedimentos de coletas de dados associados a uma prática do trabalho de campo a partir de uma convivência mais ou menos prolongada do (a) pesquisador (a) junto ao grupo social a ser estudado (ROCHA E ECKERT, 2003. p. 01).

Assim a presente pesquisa está ancorada na teoria crítica que segundo Ribeiro (2003. p.176),

parte do princípio de que a realidade, qualquer que seja o modo como é concebida, é considerada como um campo de possibilidades onde a tarefa da teoria consiste em definir e avaliar a natureza e o âmbito das alternativas ao empiricamente dado.

Ou seja, a análise crítica está na premissa que a “existência não esgota as possibilidades de existência” conforme diz o autor (p.176), havendo sempre possibilidades e alternativas de ir além ao que é criticável no que existe. Há uma valorização da diferença e dos saberes locais.

Um conhecimento que não é neutro, que recusa que o trabalho de pesquisa seja ilustrativo – utilização rigorosa e honesta dos métodos de investigação que conduz a análises que constituem a reprodução das preferências ideológicas de quem as realiza – mas que permita identificar os pressupostos, valores e interesses que subjazem à investigação científica (RIBEIRO, 2003. p.176).

É assim que o registro dos dados etnográficos visará abarcar a multiplicidade de possibilidades dentro das experiências vivenciadas pelos pesquisados. De acordo ainda com Boaventura Sousa Santos *apud* Ribeiro (2003, p.177), diz que

a ciência social crítica assenta numa concepção dinâmica da realidade, do social e do conhecimento. A realidade contém em si tendências e alternativas, umas possíveis, outras já disponíveis, mas marginalizadas ou ocultadas, e o conhecimento científico tem de as envolver a todas (SANTOS *apud* RIBEIRO, 2013, p.177).

Ou seja, o conhecimento científico é parte integrante dessa realidade ampla, é um processo social dinâmico, pois não há um conhecimento neutro, sendo ele já situado histórica e socialmente ainda conforme o autor.

Com a composição de um diário de campo que contemple os detalhes dos registros observação de escrito em notas, será utilizado também o registro em gravações de áudios de relatos escutados de experiências de pesquisados. Também o registro de cenários vistos e



observado no cotidiano da observação. Segundo Darcy Ribeiro, (2006, *apud* ROCHA e ECKERT 2013), seus diários são as anotações do que via e ouvia do que os índios lhe diziam. Assim pretende-se compor esse registro anotando o que se ouve, vê da realidade da comunidade Budista. Mas também recursos como registro de gravações de áudio de entrevistas e também registros fotográficos farão parte de técnicas de registros de dados etnográficos.

Essa prática de registros de dados empíricos etnográficos tem suas raízes na fenomenologia, marcada pelo interacionismo simbólico e da sociologia weberiana. Para Lima *et. al.* (1996) “O senso comum é valorizado para a compreensão do social e o observador procura interpretar aquilo que o sujeito já havia interpretado dentro do seu universo simbólico.” E com isso, associado à reflexão sobre a intercomunicabilidade estabelecida em campo entre pesquisadora e pesquisados os significados e sentidos contidos no ambiente pesquisado considerando as diferentes vozes dentro das variadas experiências vivenciadas.

A história de vida consiste uma técnica fundamental para focalizar os sujeitos na pesquisa visando focalizar experiências. Assim a pesquisadora não está interessada somente na biografia dos entrevistados, mas também no sentido das relações sociais construídas dentro de uma comunidade moral⁷ formada a partir de um pertencimento à religião Budista. O protagonismo é preservado, pois a fala é de quem está falando e o sentido é social e coletivo. O narrador possui a liberdade de informar e omitir, ou mesmo recalcar; passagens de sua vida, que não deseje expor ou que não considera interessante (BERTAUX, 2005).

As histórias de vida, de acordo com Sônia Maluf (1999) tem na narrativa o propósito da interpretação da experiência individual e coletiva como meio da busca de sentido. Estas narrativas possuem, conforme a autora, o relato das experiências vividas pelos sujeitos dentro de um contexto específico e que possuem uma demarcação de identidade coletiva e individual, além de servir para nortear o diálogo entre pesquisador e os sujeitos da pesquisa, constituindo assim o estudo de caso. Assim, podemos considerar que em termos gerais a pesquisa sobre o Budismo em Alagoas é um estudo de caso sobre a expansão dessa religião num contexto do Nordeste brasileiro. Mais especificamente em Maceió, cidade litorânea, capital do Estado de Alagoas.

A ideia de trazer as histórias de vida, foi para melhor contextualizar esse cenário de forma mais efetiva, onde os dados empíricos sinalizariam de forma mais contundente o que,

⁷ Nos atemos aqui aos princípios religiosos e éticos que uma comunidade acorda e respeita, uma vez que as crenças sobre a moralidade são generalizadas e codificadas numa certa cultura ou num dado grupo social, pelo que a moral regula o comportamento dos seus membros.



como e porque a perspectiva budista tem ênfase na vida dessas pessoas não só pelo emergente da moda ou mera curiosidade, mas como prática de vida cotidiana. Pensa-se que através dos relatos se possa mostrar de maneira mais fiel como esse cenário se desenha.

Tudo isso é um viés da pesquisa qualitativa e parte do o método empregado que esta, seguindo Ghunter (2006), dentro de um objetivo de interpretar o fenômeno que se observa, mediante observação, descrição, compreensão e o significado. Ghunter (2006) destaca que é de preocupação da pesquisa qualitativa observar o comportamento que ocorre no ambiente real, perguntar às pessoas sobre seu comportamento e seus estados subjetivos. E tem como características flexibilidade e adaptabilidade.

Outro método que será utilizado é a Fotoetnografia que entra como técnica de documentação e conhecimento etnográfico que segundo Nuno Goldphin (1995. p.167), “trata-se de produzir registros de imagens que nos ajudem a descrever de forma eficiente não a cultura material em si, mas os significados intrínsecos dos usos sociais da cultura material, de trazer à tona o sentido das relações sociais”, abrindo um campo de diálogo, de expressão da memória e reflexão dos indivíduos.

A fotografia também pode ser “ponto de partida de reflexão antropológica [...] já que ela descreve, representa ou até mesmo interpreta tudo o que pode ser visto” (GURAN, 2012. p.64). Assim a fotografia estará presente nos registros realizados pelos pesquisados, tornando-se fontes de dados para reconstrução, interpretação da expressão da memória dos pesquisados sobre a presença do Budismo em Alagoas, como também será um recurso de registro de dados etnográficos em pesquisa de campo, quando será possível registrar os contextos, cenários e os próprios pesquisados. De acordo com Paula de Oliveira Biazus (2006, p.302),

o termo fotoetnografia foi cunhado por Achutti em sua dissertação de Mestrado em Antropologia Social, realizado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde propunha uma narrativa fotográfica autônoma do texto escrito para contar sobre o cotidiano de mulheres trabalhadoras em um galpão de reciclagem de lixo em Porto Alegre (BIAZUS,2006, p.302).

A autora também diz que “o olhar do fotógrafo é aquele de alguém que escreve com a câmera e, portanto, realiza um exercício de abstração, de considerações sobre o mundo”, ou seja, a imagem captada por esse sujeito é sua pena, sua forma de escrever e dialogar com sua ideia. A imagem traduz as palavras do autor pela realidade captada naquele momento especial e único. Ainda segundo a autora em sua análise do livro de Achutti, descreve que para se fazer uma fotoetnografia precisa-se: um planejamento das imagens a serem capturadas, renovadas a cada ida a campo, sob pena de apenas se tornarem ponto de informação sobre o campo mas,



de não constituírem um discurso organizado sobre o objeto de estudo; não se deve existir impedimentos em fornecer informações de escritas variadas antes de mergulhar nas imagens.

Dentro do campo da antropologia visual, a presente pesquisa se desenvolveu a partir da coleta de fotografias para montagem de um acervo fotográfico, com a catalogação dos eventos e práticas realizados pela *Sangha* com o material cedido pelos membros desse grupo e por mim. Este material serviu de mapeamento do funcionamento deste grupo desde o início, até as transformações durante o tempo. Essas fotos estarão presentes em todo o contexto desse escrito, para contextualizar essa história e dar visualidade ao que se aborda dentro das ambiências imagéticas.

André Alves (2004), por exemplo, que é autor do *Argonautas do Mangue – Precedido de Balinese Charecter (re)visitado* (ALVES e SAMAIN, 2004), uma Etnografia visual dos caranguejeiros do município de Vitória do Espírito Santo, traz no seu livro uma proposta de reunião de fotografias em pranchas que são analisadas dentro de uma metodologia da antropologia visual empregada no presente estudo com as fotos obtidas dos acervos particulares dos adeptos budistas aqui investigados, inspirado em *Balinese Charecter*.

Etienne Samain (2012), Professor do curso de Pós-Graduação em Multimeios da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), onde desenvolveu pesquisas sobre o uso das imagens no campo das ciências humanas, explora questões relativas à epistemologia da comunicação, na linha aberta por Gregory Bateson e pela Escola de Palo Alto. Recentemente, em parceria com André Alves, publicou o livro *Os Argonautas do Mangue – Precedido de Balinese Charecter (re)visitado* (ALVES e SAMAIN, 2004). Cujas metodologia de uso das fotos dentro da antropologia visual, será empregada.

Da Revisão de Literatura

Analisando publicações acadêmicas sobre o Budismo, resolvi escolher os trabalhos que versassem mais especificamente sobre o Budismo Tibetano por ser a escola que mais se expandiu em Alagoas e também por estar fazendo parte como adepta e estudante dentro dessa escola. Essas referências nortearão as discussões que serão trazidas para referenciar dados etnográficos também presentes no contexto da pesquisa. Assim, dissertação propõe mantendo um diálogo com estudos já realizados e fazendo referência aos dados que são encontrados na pesquisa etnográfica.

Acerca do Budismo, há vários autores importantes que vão desde a parte clássica da histórica e filosófica Budista, até as produções contemporâneas que analisam e refletem sobre essa perspectiva religiosa em diversos lugares e contextos sociais. Procurei aqui elencar



dissertações de mestrado e teses de doutorado como sinalizadores dessas pesquisas acadêmicas como forma de mostrar o quanto esse tema tem sido tão atual e importante no meio científico, principalmente nas áreas da Antropologia, Ciências da Religião e Antropologia.

Klara Maria Schenkel (2013), cuja dissertação de mestrado intitulada *O Buddha e o extremo oriental das Américas: um estudo etnográfico das práticas budistas no estado da Paraíba* retrata o Budismo no nordeste, desde o contexto histórico, social e prático, trazido ao povo deste estado mais especificamente na Paraíba desde seu surgimento e situação atual. É uma proposta de investigação recente pois traz informações preciosas sobre o desenvolvimento do *Dharma* no nordeste brasileiro.

Enquanto Ricardo Strauch Aveline (2011) aborda as transformações históricas e sociais do Budismo como uma cultura de paz, onde o *Dharma* é discutido numa perspectiva da ética, da compaixão, da meditação, da amorosidade, da bondade e da equanimidade, numa sociedade individualista, orientada pela competição. Pesquisou o maior Centro de Práticas Budistas tibetano na América do Sul que fica em Três Coroas, no Rio Grande do Sul, na qual busca analisar as trajetórias religiosas dos através de entrevistas, ressaltando a importância dos momentos rituais, pensando os retiros como um local privilegiado para o exercício destas vivências.

Outros estudos podem ser destacados como de autoria de Usarski (2002, 2003, 2006, 2008), outro importante autor brasileiro organizador de vários textos escritos sobre o Budismo no Brasil, tem livros e artigos seus e de outros autores sobre essa temática que abrangem estudos sobre o conceito de religião e um diálogo entre diversas perspectivas religiosas em diversos contextos permeados pela Ciência da Religião, principalmente do Budismo frente a outras crenças.

Como já citei anteriormente, Ana Paula Martins Gouveia (2016), é pós-doutora e mestra e doutora em Comunicação pela USP, com estágio de pesquisa na Universidade de Surrey Roehampton (Inglaterra). Morou por sete anos no mosteiro tibetano Khadro Ling, no Sul do Brasil. Seu livro *Introdução à filosofia budista* (GOUVEIA, 2016), é um dos referenciais de extrema importância sobre o Budismo hoje.

Dentre os clássicos budistas serão investigados os escritos de sua Santidade *Tenzin Gyatso*, o Dalai Lama, os mestres John Peacock (2005), Patrul Rinpoche (2008) Lama Padma Samten (2001, 2006, 2010), através dos quais há dados sobre a filosofia, história, terminologias específicas e significados da doutrina Budista.



Rita Maria Gross (2005), também discorre importantes estudos de gênero e religião no Budismo na sua tese realizada pela Universidade de Wisconsin nos Estados Unidos, que trata do papel do professor de *Dharma* como função mais prestigiosa e de mais autoridade do que qualquer outro líder. Assim temos condições de entender como se dá a diferença sexual do Budismo através dos próprios ensinamentos e práticas dos professores e adeptos masculinos e femininos.

Clodomir Barros de Andrade, professor da Universidade federal de Juiz de Fora, que gentilmente nos cedeu a sua tese de doutorado sobre a filosofia de Buda e da Índia Antiga, para nos alicerçar neste estudo.

Um destaque importante são os textos de autoria da Monja Cohen (2016) que é hoje a maior representante feminina do Budismo no Brasil. Jornalista convertida ao *Zen*, morou muitos anos no Japão e dá importantes contribuições da filosofia e da questão de gênero que também será abordada na presente pesquisa.

Dos capítulos dessa pesquisa

Os capítulos aqui apresentados foram desenhados para retratar de forma teórica e visual o caminho percorrido pelos alagoanos na filosofia de *Buddha*. Cada objetivo foi escolhido para poder ajudar na compreensão desse caminhar e trazer reflexões pontuais acerca desse fazer específico em consonância com a teoria antropológica, da ciência da religião e antropologia visual e seus aportes teóricos. Em sendo assim, o **primeiro capítulo** tratará da cosmologia budista sua natureza filosófica e sua lógica de pensamento, mostrando como a espiritualidade e a ideia de homem e de mudo é entendida de forma ampla nos seguintes subtópicos: as quatro nobres verdades a máxima da essência budista; as três joias, que focará nas figuras do professor, nos ensinamentos ministrados e na comunidade que os pratica; a cosmologia propriamente dita com as representações dos símbolos e signos que a representam e a tradição dos ensinamentos e as duas escolas que serão descritas aqui, que são a Escola *Vajrayana* e *Mahayana*, que versarão sobre a tradição tibetana e o caminho do *Bodhisattva*; nos girares da roda do *Dharma*, que é a distribuição dos ensinamentos pelas escolas, grupos e professores; os concílios que organizaram os documentos de formalização desses ensinamentos e no tantrismo, no qual o Budismo Tibetano retira toda a sua significação simbólica e riqueza performática.

O **segundo capítulo** tratará dos mestres que residiram na *Sangha* local, e suas contribuições com suas histórias de vida e ensinamentos ministrados, também serão falados



dos mestres visitantes pertencentes a outros ambientes budistas, mas que deram sua contribuição para a disseminação da cultura budista nesta cidade.

O terceiro capítulo mostrará a trajetória dos praticantes em Alagoas; o caminho percorrido por eles, as configurações da comunidade budista; os grupos praticantes existentes, como se intitulam e suas histórias de vida que sinalizarão e ilustrarão o caminho o *Bodhisattva* descrito na pesquisa tendo Alagoas nesse cenário.

No **quarto** e último capítulo, farei uma interlocução com a antropologia visual e seus teóricos, trazendo a fotografia como elemento de destaque e diálogo, mostrando as imagens, as cores, as formas e as visualidades sagradas do Budismo tibetano, praticadas no contexto local. Para a apresentação desse registro imagético, usaremos a metodologia dos Argonautas do Mangue de André Alves, na apresentação da fotoetnografia no formato de pranchas. Finalizo com um glossário de termos budistas para possibilitar ao leitor, melhor ambientação e compreensão da linguagem apresentada ao longo dessa pesquisa.



4. A COSMOLOGIA BUDISTA: NATUREZA FILOSÓFICA E LÓGICA DE PENSAMENTO

“A essência da prática do Dharma não está no número de mantras que recitamos, nem no tempo que passamos em meditação, mas sim nas atividades simples do dia a dia.”
Dzongsar Jamyang Khyentse⁸

Este capítulo se tem como propósito discutir acerca da cosmologia budista, sua natureza filosófica e sua lógica de pensamento, na qual ideia de homem e de mudo é entendida nesta concepção filosófica. Para esta discussão serão apresentados os ensinamentos budistas a partir das quatro nobres verdades, do conceito das três joias, que são o *Buddha*, o *Dharma* e a *Sangha*;

A cosmologia será apresentada através dos símbolos e signos que a representam na tradição dos ensinamentos do *Dharma*, que são os ensinamentos propagados pelo *Buddha* após a iluminação apresentados pelos três girares da Roda do *Dharma* e pelas Escolas *Vajrayana* e *Mahayana*; ao tempo que também serão trazidos dados colhidos em campo acerca dos ensinamentos ministrados pelos professores na *Sangha* local.

4.1 As Quatro Nobres Verdades

Estas verdades, são a base da filosofia budista, tanto na sua vertente temática, quanto em sua abordagem pragmática.

É dito que as quatro verdades são verdadeiras, pois a exposição feita por *Buddha* corresponde à natureza dos seres e dos fenômenos como de fato são, sem qualquer equívoco, e o entendimento profundo dessas verdades é a causa da dissolução de toda a ignorância (GOUVEIA, 2016, p.98).

A primeira é verdade sobre o sofrimento; a segunda, é a verdade das causas do sofrimento; a terceira, é a verdade da cessação do sofrimento; a terceira, é a verdade do caminho que leva à cessação do sofrimento.

A ideia de falar de verdade tem a ver com o reconhecimento da natureza dos seres e dos fenômenos como eles são de fato, como de fato se apresenta sem qualquer equívoco. Também são verdadeiras em relação àquele que a compreende conforme Gouveia, (2016). O reconhecimento desse entendimento é ainda segundo a autora, dependente da disponibilidade que temos de tentar compreendê-las e passa pelos seguintes estágios: estudo, reflexão crítica e cultivo contemplativo. Condição *sine qua non* da proposta filosófica budista. Essas verdades

⁸ KHYENTSE, 2017, p.17-18



estão ligadas diretamente ao conceito de felicidade, estado de ser que todos buscamos incessantemente.

A primeira nobre verdade: 1. A verdade sobre o sofrimento (*duhkha*) – explica sobre três sofrimentos: a) Sofrimento sobre sofrimento: estamos falando de sofrimentos gerados pelas expectativas criadas, pelas tristezas, dores físicas e mentais, preocupações, ansiedades. Sofrimentos com ou sem causa aparentemente perceptível, como o engarrafamento do trânsito, decepção por alguém, uma simples dor de cabeça, a espera de algo que não aconteceu ainda. b) Sofrimento da mudança, originado pelas alterações das coisas, e nem sempre é percebido de forma imediata como a situação anterior, por ser muitas vezes sutil. Esse sofrimento traz desconforto físico e mental, por mexer no que está aparentemente quieto, acomodado, nos chamando atenção para a impermanência de todas as coisas. Como por exemplo, a perda de emprego, a mudança de cidade, a perda de um filho, uma doença. c) Sofrimento onipresente, também chamado de o sofrimento que tudo permeia, ligado a natureza composta e condicionada de todas as coisas. Falamos do *samsara*, do *karma*, da percepção de nossa própria existência, está ligado ao que é percebido como “eu”, os agregados (*skandha*) (GOUVEIA,2016).

A verdade sobre o sofrimento engloba todo e qualquer tipo de desconforto físico, mental e emocional. O que inclui o que não gostamos, as coisas do que nos separamos, o enfrentamento do que não queremos, coisas que estão todo o tempo permeando nossa existência, a ideia é perceber essas coisas, bem como as razões pela qual elas existem e trabalhar para lidar com elas.

Todas essas fontes de sofrimento podem ser entendidas como frutos das nossas percepções distorcidas da realidade, que estão diretamente ligadas ao *karma*, as relações da causa e efeito de todas as nossas ações, e os consequentes resultados (GOUVEIA, 2016, p.108).

Não é fácil identificar esses sofrimentos, aceita-los, analisa-los e modifica-los. Somos muito teimosos, densos e acomodados. Ou queremos tudo pronto, vindo de fora, com a receita pronta e de forma imediata.

A segunda nobre verdade: 2. Verdade das causas ou origem do sofrimento (*samudaya-satya*) – explica sobre o desejo como vontade de ter algo que não temos, gerando insatisfação. Seja a sede por um copo de água, um emprego muito bom, a casa dos sonhos, uma joia, um carro último modelo. a) O desejo de prazer, surgem pela necessidade de gratificações, está ligado aos nossos sentidos, são os apegos excessivos as vontades, as crenças, concepções, teorias, pontos de vistas, ideias, riquezas, poder, etc. b) O desejo de dar



continuidade a existência, a ideia de eternizar a existência, desejo profundo inconsciente de “ser”. c) O desejo de não existência, ou de destruição, de não ser, vem da crença de que, no processo de morte, tudo se extingue. Está ligado a aversão de tudo o que desagrade, existe um componente de raiva e desapontamento, pode levar ao suicídio (GOUVEIA, 2016).

O desejo, apesar de apresentar facetas que podem ser vistas como positivas ou negativas – de acordo com a aplicabilidade prática e especialmente com os resultados das ações que são estimuladas por ele – *a priori* não é “bom” ou “mau” em “si mesmo”, pois as ações consequentes dos desejos, dentro desse universo, são desprovidas de realidade intrínseca (GOUVEIA, 2016, p.115).

Ou seja, o que importa, é o valor que atribuímos ao desejo que vai ser o foco, uma vez que a pessoa é segundo Gouveia (2016, p.117), uma fabricação baseada nos sentidos, produto de sua mente. Isto está ligado diretamente ao conceito de verdade relativa e verdade última. A primeira, é passível de ser investigada no plano discursivo, observando as mudanças, o desenvolvimento das coisas, pois tudo está em movimento, portanto tudo tem relação com alguma coisa. E a segunda, ao que realmente é após a análise, a contemplação.

As causas do sofrimento também ligadas aos venenos da mente e as emoções negativas que se interligam entre si e que são impeditivos de desenvolver o estado búdico. Gouveia (2016, p.117-118), explica como sendo a ignorância (*avidya*), que é a falta de reconhecimento da nossa verdadeira natureza e da natureza dos fenômenos. O apego (*raga*), que é o agarrar-se as coisas como se elas fossem permanentes, sólidas. Aversão (*dvesa*), podendo ser entendido como raiva ou estado mental de repúdio àquilo que vai contra nossa vontade. O orgulho (*mana*), sensação de superioridade com relação aos outros e ao enaltecimento de si mesmo. E a inveja (*irsya*), incapacidade de suportar o sucesso alheio, de possuir aquilo que os outro tem ou de que desfrutam.

As emoções diretamente ligadas a esses venenos são responsáveis por nos levar a realizar ações negativas, pelas distorções da percepção e conflitos emocionais; o apego, a raiva, o orgulho, a ignorância, as crenças e visões errôneas, a dúvida. Para Gouveia (2016, p.125), “quanto maior for a nossa habilidade de perceber os movimentos da mente, mais aptos nos tornaremos em poder de aplicar antídotos para estados negativos”.

A terceira nobre verdade: 3. A terceira, é a verdade do caminho que leva à cessação do sofrimento – explica que é possível cessar todos os tipos do sofrimento, quando nos tornamos capazes de erradicar suas causas, que são a ignorância, o apego e a aversão. Conforme Gouveia (2016), O que está em jogo, é a relação que se estabelece com eles. Tendemos sempre nos agarrar e alimentar às emoções que sentimos como se elas fossem



reais, e fazemos isso todo o tempo. Dar solidez às emoções é o que impossibilita perceber o funcionamento da mente e turvar a compreensão.

A quarta nobre verdade: 4. A verdade do caminho é explicar como sair do *samsara* (a existência cíclica) e alcançar o nirvana, nos libertando assim do sofrimento. Gouveia (2016) nos coloca que dentro do pensar budista a proposição é o “nobre caminho óctuplo”, são os oito princípios básicos que podem ajudar as pessoas a se dedicarem ao entendimento da natureza da realidade.

Esses princípios são a forma de estabelecer o que *Buddha* chamou de “o caminho do meio”, que segundo Gouveia (2013, p.135), “um estilo de vida que se caracteriza por não cair nem na indulgência, nem na austeridade excessiva”. Que segundo *Buddha*, devem ser dotados de sabedoria, disciplina ética, meditação. O que *Buddha* quer nos dizer é que a solução não está na organização dos fenômenos para que nos pareçam mais agradáveis, mas sim, em reconhecer o nosso estado de engano, que temos um erro de percepção de realidade, que de fato não reconhecemos como ela é realmente, e é isso que deve ser solucionado.

4.2 As Três Joias: o *Buddha*, o *Dharma*, a *Sangha*

As Três Joias, caracterizam segundo Usarski (2009, p.25), a definição de uma comunidade ou um indivíduo como budista. Ela posiciona ou organiza quem são seus seguidores, por tomar *Buddha* como seu mestre iluminado e fonte de uma confiança profunda. Esse aspecto é segundo o autor indicado pela fórmula clássica “Eu tomo refúgio no *Buddha*; Eu tomo refúgio no *Dharma*; Eu tomo refúgio na *Sangha*”, o que caracteriza um compromisso do adepto com a memória do seu fundador e a aplicação de seus ensinamentos.

Quem toma “refúgio no *Dharma*”, adota um conceito do tempo cíclico que se manifesta como sequência de reencarnações determinadas pela lei do carma, princípio cósmico que corresponde à fórmula “ação = reação” e determina as formas e qualidades do chamado *samsara* (USARSKI, 2009, p.25-26). De acordo ainda com Usarski (p. 26-27), é um princípio soteriológico fundamental compartilhado pelas correntes budistas. Ou seja, é o que caracteriza a ideia de salvação buscada pelo adepto. Onde nada no *samsara* possui natureza própria, nada é duradouro, porém todas as coisas estão totalmente inter-relacionadas gerando causa e efeito, tudo é impermanente, transitório e temporário.

Desta forma, tomar refúgio nas Três Joias, significa dizer que o adepto se compromete em seguir um caminho obedecendo as orientações oferecidas pelo *Buddha*, através da figura do professor, do *Dharma*, os ensinamentos proferidos por *Buddha* e orientados pelas práticas meditativas, pela ética, pelo empenho em desenvolver hábitos corretos para que uma conduta



moral se torne uma manifestação natural e espontânea de valores internalizados, dominando assim as disposições negativas e tendo na *Sangha* o apoio para estar sempre no caminho do meio e a lembrança do funcionamento do *samsara* para não perder de vista o exercício da compaixão (*karuna*), da equanimidade (*upeka*), do não-apego, da não-violência (*ahimsa*), do amor-bondade (*metta*), alegria simpatizante (*mudita*), do domínio do ego (USARSKI, 2009).

4.3 O *Buddha*

Buddha, deriva do sânscrito *BUDH*, que significa despertar, iluminar. Segundo Gouveia (2016), significa despertar da ignorância e ampliar a sabedoria para tudo aquilo que pode ser conhecido, superar a ignorância e se tornar consciente. Ainda de acordo com a autora, *Buddhas* são seres que eram como nós, que desconheciam a verdadeira natureza das coisas, se libertaram dos ciclos de sofrimento e despertaram.

Em tibetano a palavra para *Buddha* é “*sangs rgyas*” *Sangye*, que significa purificado, perfeito, aquele que removeu todos os obscurecimentos (GOUVEIA, 2016).

Buddha foi conforme Tulku (1994), um *Bodhisattva*, cuja vida humana era cercada de diversas condições interessantes. Era príncipe herdeiro de um reinado muito poderoso, casado com a companheira perfeita, cercado de luxo e prazeres, um império ao seu alcance, tudo à sua disposição. Mas, uma enorme inquietação, inúmeras dúvidas era uma criança extraordinária, com uma percepção aguçada, grande poder de observação, bondade e compaixão. Percepções estas que iam se aprofundando e aumentando a cada da de sua existência.

O *Buddha* conforme Gouveia (2016), foi o ser estabeleceu por meio do seu estado de meditação a compreensão do sofrimento humano e desenvolveu formas de lidar com essa situação. As Quatro Nobres Verdades. A verdade do sofrimento; A verdade das causas do sofrimento; A verdade da cessação do sofrimento; A verdade do caminho. E sobre estes quatro pilares estão centrados e norteados os ensinamentos budistas.

A *Sangha* de Maceió, teve a auspiciosa condição de ter vários professores ministrando ensinamentos e iniciações de práticas meditativas. Dois na condição de residentes, e muitos na condição de visitantes, dos quais falaremos a respeito no capítulo dois dessa dissertação. Mas para ilustrar esse tópico, poderão ser visualizadas as fotos de Lama Kenpa, fazendo oferenda de lamparinas; fotografia 1, prontamente cedida por um interlocutor desta pesquisa; Chagdud Tulko Rinpoche fazendo prática de *Chöd*⁹, fotografia 2, prontamente cedida por um interlocutor desta pesquisa e Venerável Ani Zamba Chözom, em uma entrevista na fotografia

⁹Prática que tem como objetivo, cortar as distorções conceituais que dão origem ao processo de dualidade.



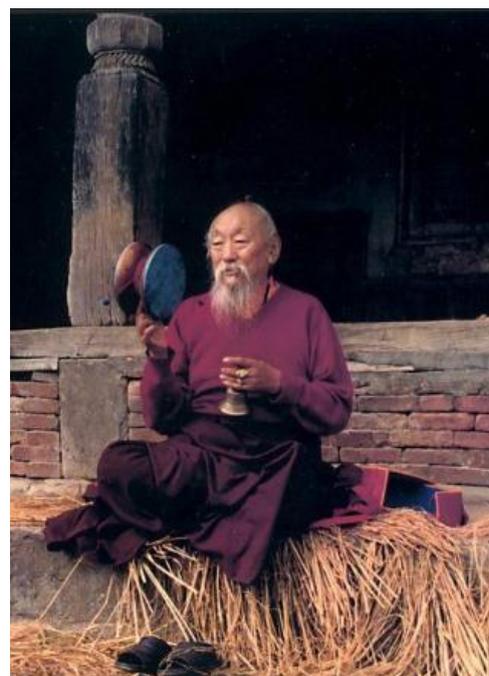
3, feita pela autora desta pesquisa. Sobre estes professores, teremos um capítulo destinado a eles onde falaremos com mais detalhes.



Fotografia 1. Lama Kempa. Fonte: Acervo pessoal de Pema Namgye Döndrup.



Fotografia 2. Venerável Bhikkuni Ani Zamba Chözom. Fonte: Acervo pessoal da autora.



Fotografia 3. Chagdud Tulku Rinpoche. Fonte: Acervo pessoal de Pema Namgye Döndrup.



4.4 O Dharma

A palavra *Dharma*, é segundo Gouveia (2016), derivada da raiz sânscrita *dhṛ*, cujo sentido é manter, preservar. Mas também abarca o conjunto de textos, fenômenos, ensinamentos budistas. Nele estão contidos os *Sutras* (discursos) proferidos por *Buddha* ao longo de sua existência. O refúgio no *Dharma*, significa respeitar e aceitar os ensinamentos e toma-los como referência para desenvolver uma conduta crítica, exploratória e disciplinar. Depois do paranirvana de *Buddha*, o *Dharma*, se tornou um legado precioso e um guia para a iluminação. Esses ensinamentos estão presentes em cada uma das Escolas budistas. O *Dharma*, foi ensinado de diversas maneiras, de acordo com Tulku (2009), o ensinamento de *Buddha* é suscitado pelas diferentes necessidades e pelas diversas capacidades dos seres vivos. Ele é plenamente sincronizado com todas as formas de consciência.

A Roda do *Dharma* vence os demônios e derrota as visões errôneas; transcende a esfera do renascimento e ascende ao reino de *Buddha*. É perfeitamente conhecida pelos veneráveis *Aryas*, entendidas pelos *pratyekaBuddhas*, compreendida pelos *Bodhisattvas*, e indivisível de todos os *Tathagatas Lalitavistara Sutra* (TULKU, 2009, p.38).

Buddha girou a Roda do *Dharma* três vezes, em cada uma delas revelou ensinamentos que demonstravam aspectos diferentes de sua realização, possibilitando assim com que cada tradição se ocupasse de um aspecto para poder propagar o que fora proferido por *Buddha* durante sua vida. Os girares, explicitam de forma detalhada a compilação, explicação, aplicação e ação desses ensinamentos. Sobre esses girares, falaremos mais adiante.

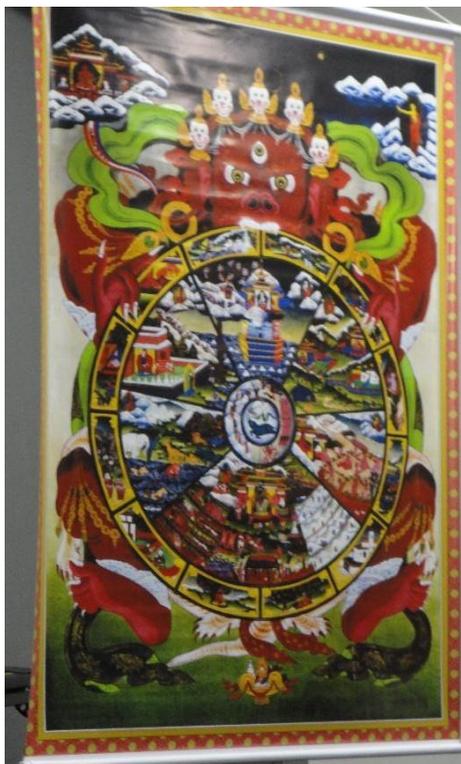
Tulku (2009), nos diz que no dia do *Paranirvana*, o Iluminado lembrou aos seus discípulos que os ensinamentos do *Dharma* foram proferidos em doze formas e cada uma dessas formas é um meio diferente de evocar a realização. Isso quer dizer que a forma pela qual o ensinamento foi transmitido, tem importância especial que pode acentuar e completar o significado do todo.

Ensinamentos sobre a Roda da Vida, São ensinamentos praticamente obrigatórios nas *Sanghas* budistas. Eles são informações importantes que orientam acerca da cosmologia Budista e o caminho da iluminação e foram ministrados por dois grandes professores na *Sangha*, Venerável Bhikkuni Ani Zamba Chözom em 2004 na sede do Kunzang Ling e por Lama Padma Samten em 2009 na *Sangha* de Maceió e também estão em formato digital no site do CEBB (Centro de Estudos Budistas e Bodisatvas) coordenado pelo Lama Samten, chamados de os „Doze elos da Originação Interdependente“. Outros ensinamentos e iniciações



sobre o *Dharma*, como: Iniciação de Yoga dos Sonhos por Lama Tsering Everest em 14, 15 e 16/06, em formato de retiro, realizado no Hotel Zumbi em União dos Palmares.

Estes ensinamentos são bastante complexos e tratam da psicologia budista, ou seja, a forma de aprender a lidar com o funcionamento da mente. Requer do adepto muita reflexão e contemplação dos seus princípios básicos e nunca aprendidos de uma só vez.



Fotografia 4.Roda da Vida. Fonte: Acervo pessoal da autora.

4.5 A Sangha

A *Sangha* budista é a comunidade dos indivíduos que tomaram refúgio nas Três Joias – O *Buddha*, o *Dharma* e a *Sangha*. De acordo com Tulku (1994, p.112), refúgio é a expressa confiança na sabedoria do *Buddha*, nos seus ensinamentos e na *Sangha* como apoio para a vida espiritual.

A comunidade budista é formada por homens e mulheres que desejam seguir os ensinamentos de *Buddha*. Originalmente essa comunidade era formada por pessoas vindas de todas as classes sociais, incluído homens e mulheres relegados a posições subalternas da sociedade indiana, o que era exigido era que os iniciantes mantivessem a disciplina e a dedicação na busca da libertação (ANDRADE, 2015).

A *Sangha* possuía regras (*vinaya*) que eram estabelecidas por *Buddha*, criadas de acordo com a necessidade. Havia regras para monjas 243 e para monges 178; as quais versavam sobre convivência comunal, aspectos morais, propriedade privada e propriedade da



ordem, vestimenta, conduta nos mosteiros e fora deles, relações entre os membros e com a comunidade laica, etc. (ANDRADE, 2015).

Porém com o crescimento e desenvolvimento do budismo, as *Sanghas* foram se ajustando a cada realidade existente e passaram a congregar leigos e se tornarem mistas e variadas passando a existir não só em mosteiros, mas nas cidades e com a presença de leigos mantendo suas vidas cotidianas com trabalho, família e vida social.

A Sangha é a expressão natural da compreensão iluminada, refletindo a interligação de todas as formas de existência. É a comunidade que dá continuidade à presença do Buddha no mundo, preservando o modelo de ação consciente e um modo de vida harmonioso. Fundada pelo Buddha, guiada por seus ensinamentos, sustentada por gerações de mestres realizados, a Sangha é o refúgio contra as atitudes e as ações que prendem os seres ao sofrimento (TULKU, 2004, p. 111).

Unida por propósitos e valores comuns, a *Sangha* é ao mesmo tempo a comunidade que sustenta o estudo e a prática do *Dharma* e também fonte de proteção contra os desejos e apegos que intensificam o sofrimento humano. Seu objetivo básico é criar um ambiente propício para o desenvolvimento do autoconhecimento e da compreensão espiritual (TULKU, 1994, p.112).

Os membros da *Sangha* podem viver juntos ou isolados, em mosteiros ou continuar em suas atividades cotidianas. Segundo Tulku (1994), os membros da *Sangha* podem ser monges (*Bhiksus*) e monjas (*Bhiksunis*) completamente ordenados, Homens (*Sramanas*) e mulheres (*Sramanis*) que tomaram votos de noviciado, *Upavasthas*, leigos que assumem votos temporários, *Skasamanas*, aqueles que ainda não tem idade suficiente para receber ordenação, Homens (*Upasakas*) e mulheres (*Upasikas*) que conciliam a observância o *Dharma* com suas responsabilidades familiares.

Os membros da *Sangha*, adotam por seus votos normas de conduta básicas de acordo com seu caminho no *Dharma*, Assumem votos de não matar, não roubar, não mentir, não tomar bebidas intoxicantes, conservar a castidade, não comer após o meio dia, não participar de diversões, não usar adornos pessoais, dormir em cama baixa, não manusear dinheiro, renunciar posses, desenvolver a autodisciplina, estudar os textos, dentre outras. O autor nos diz ainda que, as normas servem para despertar atenção sobre as consequências de cada pensamento, palavra e ação. Sobre as *Sanghas* dos grupos pesquisados falaremos mais adiante no capítulo 3.

4.6 Os Três Concílios

Os Concílios surgiram pela preocupação de manter a fidelidade aos ensinamentos de *Buddha*. Havia uma preocupação de não perder a essência do que foi ensinado e a não



distorção das palavras proferidas por *Buddha*. Então decidiu-se formar um cânone definitivo e por escrito os discursos ouvidos uma única vez. Esses ensinamentos espirituais eram memorizados e esse processo visto como essencial à compreensão. Segundo Gouveia (2016) alguns alunos mais antigos começaram a morrer, o que caracterizou um problema e gerou-se uma preocupação com esse fato e um receio de se perder tudo o que foi ensinado. Daí surgiu a ideia dos concílios para poder registrar todo o legado transmitido e evitar distorções na propagação deste.

Então foram convocados os alunos mais próximos para redigir juntos esses cânones. Alguns requisitos foram elencados para tornar essa condição possível: quem estava presente; a data em que foram reunidos; a forma como tal compilação foi efetivada; a ocasião; o encontro; o local; a súplica; as oferendas realizadas; o patrono; o propósito/motivação; os pontos da disputa a serem revistos; e o projeto principal da compilação (GOUVEIA, 2016).

O 1º Concílio: Ocorrido no verão seguinte ao paranirvana de *Buddha*, ca.543-542 a.E.C., realizado no Pico do Abutre, na “Caverna dos segredos de *Asurava*”, local onde ocorreu o segundo girar da roda e teve como premissa a compilação dos *sutras* (ensinamentos proferidos oralmente por *Buddha*). Esses ensinamentos tratavam do *Vinaya* (as regras de conduta em relação à disciplina monástica, ensino do treinamento elevado da disciplina; o *abhiDharma* (tratados escolásticos sobre os ensinamentos, se relacionavam com o treino elevado da sabedoria). Teve como patrono o rei *Ajatashatru* e Ananda, primo e assistente de *Buddha* como o responsável pela compilação dos *sutras*; *Upali* pelo *Vinaya*, e, *Mahakasyapa* principal organizador do evento e pelo *abhiDharma*. Todos esses ensinamentos compõem os três cestos (*tripitaka*) que consistem em tratados escolásticos e se relacionam com o ensino do treinamento elevado da sabedoria (meditação, da sabedoria e da disciplina) segundo GOUVEIA (2016).

O 2º Concílio: realizado oito anos depois do *paranirvana* (morte de *Buddha*), ocorreu em Vaisali, local onde ocorreu o terceiro girar da roda do *Dharma*. Este concílio, estaria focado na resolução de questões éticas, possibilitando a unificação das principais escolas da época, acabando com seus conflitos pelas diferenças interpretativas de certas passagens dos textos e discutiam as continuções do Cânone e a autoridade da comunidade. Teve como patrono o imperador *Asoka*, da dinastia *Maurya* (GOUVEIA 2016).

O 3º Concílio: foi realizado cerca de trezentos/quatrocentos anos após o paranirvana de *Buddha*, no Parque *Pushpakuta*, em *Jalandhara* (atual Caxemira), serviu para a unificação das 18 escolas budistas. Teve como patrono o rei *Kanishka*, imperador da dinastia *Vasumitra* e pelo *arhat Purnika* (GOUVEIA 2016).



4.7 Os ensinamentos: Os Três Girares da Roda do *Dharma*

Os três girares da roda do *Dharma*, são uma classificação dos ensinamentos de *Buddha*, historicamente, os girares estão ligados às três circunstâncias em que *Buddha* ensinou. E fala-se em girar, por significar o impulso dado para que uma nova forma de pensar tivesse início e pudesse continuar a se movimentar. Os girares também tem a ver com as diferentes abordagens, profundidades e alcances destes.

Os três girares, tem peculiaridades importantes, cada um teve um patrono, que financiou oferecendo as condições necessárias para suas realizações, pelo tempo necessário de sua duração, a presença de *Buddha*, uma audiência composta por adeptos que se tornaram propagadores da doutrina e professores habilitados a levar adiante e possibilitar o acesso aos povos esses ensinamentos.

O 1º girar, não nega a existência última de sujeito e objeto; o 2º girar, propõe a ausência da existência inerente dos fenômenos do eu/si; o 3º girar, determina o que deveria ser aceito como existente nem como não existente, pois todos os fenômenos são apenas aparências mentais (GOUVEIA, 2016, p.83). Nos quadros abaixo temos a descrição de cada um desses girares.

Tabela 1. O 1º Girar.

Ensino/Tempo	Local	Tema	Composição	Explicação
6 anos	Parque dos Cervos	Quatro Nobres Verdades	<ul style="list-style-type: none"> - Verdades do Sofrimento. - Causas do Sofrimento. - Possibilidades de Cessação. - Caminho para a Cessação 	1. Realidade da nossa experiência no <i>samsara</i> (duas 1ªs verdades) 2. Modos de transcendência do <i>samsara</i> , o Nirvana (duas últimas verdades)

Fonte: Elaboração da autora.

De acordo com Gouveia (2016), se fala da natureza dependente de todas as coisas, onde tudo está diretamente relacionado, nada acontece solto, gerando assim as causas e consequências de tudo o que nos cerca. A autora ainda diz (p.75) “que há uma intrincada legação com os padrões emocionais e conceituais, e que esse padrão pode ser interrompido quando forem cessadas as causas que originaram o fenômeno”. Esse ensinamento possibilita a todos nós uma reflexão com muito pé no chão, nos ajuda a remover a ilusão com a qual construímos a nossa realidade, nos mostrando o quanto romantizamos o que vivemos fabricando conceitos sobre tudo e nos guiando por caminhos pouco seguros e frágeis.



O cerne dessa construção, dessa percepção é a ignorância. Pautamos a ideia de um eu que segundo Gouveia (2016, p.76), é fruto de uma percepção dualista da realidade, que vai gerar reações emocionais negativas de apego e aversão, o que vai gerar o *Karma* e consequentemente sofrimento.

Para lidar com essa perspectiva e interromper esse padrão, deve-se treinar a mente através da meditação, e *Buddha* ensinou *Shamatha* e *Vipasyana* (técnicas que vão ensinar sobre aquietação mental, conduta ética, renúncia e o caminho monástico. Ensinaamentos que foram desenvolvidos pela tradição *Theravada* (Escola dos Anciões) conforme diz Gouveia (2016, p.76).

Tabela 2. O 2º Girar.

Ensino/Tempo	Local	Tema	Composição	Explicação
12 anos (42 aos 54 anos)	Rajgir, no Pico do Abutre	Realidade e compreensão do sofrimento	1. <i>Prajnaparamita</i> (perfeição transcendente da sabedoria). 2. <i>Prajaparamitahrdaya</i> (Âmago da Perfeição Transcendente da Sabedoria)	1. Vacuidade (vazio – <i>sunyata/sunya</i>) 2. Compaixão (<i>karuna</i>)

Fonte: Elaboração da autora.

Os ensinamentos desse Girar são, segundo Gouveia (2016, p.77), estudados até hoje pelas escolas do “Grande Veículo” *Mahayana*, cujo formato mais conciso é o *Sutra-Coração*. *Sutra*, são os discursos proferidos por *Buddha*, e segundo S. Ema. *Gyalwa Dokhampa* (2013, p.24), esse texto

ele é o coração dos ensinamentos que se referem ao caminho e ao resultado da Perfeição da Sabedoria, a essência de sua prática, a união do método perfeito e da realização completa, da compaixão e da sabedoria, sem início, meio e fim (DOKHAMPA, 2013, p.24).

De acordo ainda com o autor, o Sutra do Coração é o ensinamento perfeito para se atingir a iluminação, é o percurso completo do caminho espiritual e tem relação perfeita com os cinco estágios do caminho da iluminação e do caminho *Vajrayana*, que são: acumulação (recitação de mantras), visão (Percepção ampliada das coisas), familiarização (estar integrado ao contexto) e não mais aprender (ter o entendimento correto, realização última).

O *Sutra* do Coração é um grande exercício para colocar os pés no chão para lidar com a realidade dos fenômenos. Possibilita uma clareza da realidade vivida e favorece a prática da compaixão pelos seres sencientes. Tira o foco de si mesmo e põe no outro. Tarefa na da fácil, sair do centramento de si mesmo e enxergar quem está a nossa volta.

Compaixão e sabedoria são dois ensinamentos essenciais do *Mahayana* e do *Vajrayana*. São colocados em prática por meio de métodos hábeis. Se compaixão e sabedoria,



não existe *Mahayana* e nem *Vajrayana*. Por isso, compaixão e sabedoria são consideradas duas asas do *Mahayana* e do *Vajrayana* (DOKHAMPA, 2013, p.37).

Praticar a compaixão é essencial, deixará a pessoa feliz e calmo no *samsara*, mas não é o suficiente para atingir a iluminação. Isto é, sem a sabedoria, não será possível enxergar o que realmente é o *samsara*. Uma coisa não existe sem a outra. As duas dão sentido e significado ao caminho do *Bodhisattva*.



Tabela 3. O 3º Girar.

Ensino/Tempo	Local	Tema	Composição	Explicação
28 anos (54 anos aos 82 anos)	Vaisali - Índia	Natureza Búdica (potencial inerente à iluminação)	Natureza da Mente	1.A mente iluminada está presente em todos os seres. 2.Todos os seres são iluminados. 3.Há um caminho para a remoção dos obscurecimentos. 4.A iluminação emerge dos obscurecimentos, cognitivos, emotivos e tendências habituais, que vai além dos pensamentos e da dualidade.

Fonte: Construção da autora.

Este girar, se propõe a ensinar acerca da natureza da mente, com ela funciona criando os diversos conteúdos que impedem o caminho da iluminação e o que fazer para desenvolver as condições necessárias para transformar esse conteúdo. Gouveia (2013, p. 81) diz que “a mente iluminada está presente em todos os seres, por natureza todos os seres são iluminados, mas precisam perceber isso”, para isso precisam remover seus obscurecimentos mentais, cognitivos, sua ignorância e tendências habituais.

Esse girar, está centrado na ideia de que todos os seres sencientes, possuem a natureza búdica. Ou seja, a capacidade de tornar-se iluminado. Um dos principais textos desse girar é o Sutra da Explanação dos Segredos Profundos, que vai literalmente tratar dessa natureza búdica. Além desse texto, é fundamental ressaltar sobre os tantras, as técnicas de meditação como sistema de instruções essenciais para a prática dos ensinamentos proferidos. Ensinos esses que foram essenciais para estabelecer a ponte entre o *Sutrayana* e o *Mantrayana* que viria a ser conhecido depois como *Vajrayana*, o “Veículo do Diamante” ou “Veículo Indestrutível” (GOUVEIA, 2016).

Ensinos como “Estágios do Desenvolvimento e da Completude” em 2005, “O que é um caminho espiritual e onde nos leva” em 2008”, trabalhando com as mudanças em nossas vidas” em 2008, ministrados pela Venerável Ani Zamba Chözom; compreendem parte dos ensinamentos desse Girar.



4.8 O *Mahayana*: O Caminho de *Bodhisattva*

Chamado de o “Grande Veículo”, a compreensão dos ensinamentos deste caminho surge do entendimento das Quatro nobres Verdades, que estabelece o cultivo da moralidade, concentração meditativa e sabedoria discriminativa. Sua proposta é trabalhar para a liberação de todos os seres sencientes conforme nos diz *Tulku* (1994, p.36-37). Ainda segundo o autor, o *Mahayana* é o caminho do *Bodhisattva*, é o grande método para treinar o praticante que deseja trabalhar para liberar os seres sencientes do sofrimento.

O *Mahayana* é grande no método que ensina, pois apresenta um caminho para a total liberação do *samsara* e usa meios hábeis para beneficiar todos os seres. O *Mahayana* é grande na obtenção que torna possível, pois resulta na plena realização de um *Buddha* e na completa purificação de toda a existência (TULKU, 1994, p.37).

É no *Mahayana* que se estabelece o conceito de *bodhisattva*, o ser (*sattva*) que se aproxima da iluminação (*bodhi*), mas desiste dela para se dedicar à libertação de todos os outros seres da ignorância e do sofrimento do *samsara*, segundo Usarski (2009). Para isso se leva em consideração a importância da observância de preceitos morais e o cultivo de virtudes como a acumulação e desenvolvimento de qualidades necessárias para atingir o nirvana. Qualidades essas que são construídas de forma altruístas com pensamentos e ações positivas. Ainda segundo o autor, preocupação essa com os outros que se manifesta quando o adepto supera seu desejo de auto salvação, e, desenvolve a compaixão para com todos os seres existentes no *samsara*.

Para a escola *Mahayana*, de acordo com Usarski (2009, p.48-49) existem dois tipos de *Bodhisattvas*. *Bodhisattvas* terrestres, são seres humanos comuns identificáveis por sua ampla compaixão, são totalmente mobilizados em se engajar em possibilitar a salvação de outros seres, não se importam em passar por várias encarnações. *Bodhisattvas* transcendentais, são seres que atingiram a libertação, realizaram a sabedoria através das seis perfeições (*paramita*), mas não entraram no ciclo de morte e renascimento, podendo agir dentro do *samsara*. Esses *bodhisattvas*, não estão mais sujeitos às leis naturais, podem mudar sua de forma de existência ou até aparecer ao mesmo tempo em vários lugares, de acordo com a situação existente a exemplo de *Avalokitésvara* (o *bodhisattva* da compaixão) ser de fundamental importância para o *Vajrayana*, o veículo do diamante.

A grande tradição *Mahayana* é subdividida em dois veículos: *Mahayana Sutraryana* e *Mahayana Tantraryana*. No *Sutra* do Diamante, a Perfeição da Sabedoria (*Prajaparamita*) é comparada a um diamante (*vajra* em sânscrito) indestrutível, que corta a apreensão, fixação e



apego dual à realidade dos fenômenos, e estabelece sua verdadeira natureza vazia e luminosa, livre de qualquer elaboração mental. Dessa visão experimental surge, a partir do *Mahayana Sutrayana*, o *Vajrayana* (Veículo Adamantino), O *Mantrayana* (Veículo do Mantra) ou *Tantrayana* (Veículo do *Tantra*) (DOKHAMPA, 2013, p.25).

De acordo com Tulku (1994, p.54), “o *Bodhisattva* renuncia a todas as preocupações pessoais e trabalha pela liberação de todos os seres sencientes” É uma prática presente nos caminhos *Mahayana* e *Vajrayana*. Os dois caminhos estão bem interligados, um complementa o outro, um dá sentido ao outro. A prática mostra o quanto as coisas não acontecem de forma separada, ou isolada. Tudo está em perfeita sintonia e interligação. O *Mahayana* e o *Vajrayana*, são caminhos que fornecem ao praticante importantes possibilidades de exercitar a compaixão para com todos os seres e sobretudo alcançar a iluminação através da ação, conforme *Buddha* a alcançou.

O caminho do *Bodhisattva* não termina com a iluminação. O amadurecimento pleno da compaixão que culmina com a sabedoria suprema e os meios hábeis, é apenas a preparação necessária para um serviço incessante. O *Bodhisattva* que preenche a intenção de atingir a realização dedicará o mérito de seus esforços e privar-se-á de entrar no nirvana (TULKU, 1994, p.54-55).

O *Bodhisattva*, não procura o caminho mais curto para o nirvana. Ele se empenha também pela salvação dos outros. “Pode-se pedir auxílio a ele em toda e qualquer situação de necessidade, pois, com uma compaixão sem limites, ele deseja ajudar a todos e alcançar a salvação” (KÜNG, 2004. p.166).

O *Bodhisattva* precisa praticar todo o tempo os ensinamentos, para poder alcançar a budeidade, ou seja, o estado de iluminação. Tarefa nada fácil, por conta dos diversos apelos da mente condicionada cheia de entraves, medos e ignorância. A busca pelo despertar este em se dar conta da preciosa existência humana, onde nascer, viver e morrer significam a possibilidade desse vivenciar a natureza de *Buddha* estabelecendo as condições essenciais para a prática dos ensinamentos entrando em conexão com o ser de *Buddha*. Ainda de acordo com Küng (2004), a tarefa do *Bodhisattva* está em alcançar no decurso de sua existência as seis perfeições (*paramitas*), a generosidade (*dana*), a ética (*shila*), a paciência (*kshanti*), a compaixão (*karuna*), equanimidade (*upeksa*) a energia, os níveis mais elevados de meditação (*samadhi*), para atingir a sabedoria (*prajna*). Segundo TONY MORIS (2010), é um ser iluminado que renuncia ao nirvana até que todos os seres estejam salvos.

No veículo *Mahayana*, a figura do *bodhisattva* desempenha um papel central, não apenas como um modelo a ser seguido, mas também como um objeto de devoção, capaz de representar o compromisso a que todos devem aspirar, e ainda como um salvador piedoso no qual todos podem confiar (NINA, 2006, p.23).



Embora a escola seguida pelos adeptos e praticantes tenha sido a Escola *Vajrayana*, alguns dos ensinamentos ministrados eram também da Escola *Mahayana*, por serem considerados necessários para o desenvolvimento da compreensão, da concepção budista. Assim, ensinamentos acerca desse tema Chamado “As seis Perfeições”, foram ministrados por Lama Sherab Drolma em 26/10/2003, num primeiro momento e mais tarde também pela Venerável Ani Zamba Chözom, em 31/07/2004 e 01/08/2004. No ano seguinte em 07/08 e 09/2005, Chagdud Khadro ministra o ensinamento “Práticas de um *Bodhisattva*”, realiza um *Tsog* de Guru Rinpoche e oferece iniciação da prática de meditação de *Vajrasattva* em 10/11/2005.

4.9 O *Vajrayana*: O Budismo Tibetano

Chamado de o “Veículo de Diamante”, a forma de Budismo mais difundida no Tibete, que se desenvolveu como uma reação à especulação erudita e à acumulação de um saber doutrinal inicial, trazendo a meditação individual e a busca da realização espiritual, conforme nos diz Varenne (1986). Ainda segundo o autor, “O *Vajrayana* conduz seus adeptos a mobilizarem imediatamente todas as suas forças a fim de dissipar a ilusão que faz crer no contraste entre o *Nirvana* e o *Samsara*” (VARENNE, 1986, p.77). Essa mobilização é feita através da prática de ioga, dos ritos, das visualizações e da meditação, que provocam a limpeza dessas “impurezas”, que são fruto dos condicionamentos culturais, das paixões, das emoções e dos apegos. Ainda segundo o autor, “O *Vajrayana*, cultiva uma atitude resolutamente prática; nossas reações devem acabar contribuindo para a liberação” (VARENNE, 1986, p.80). O praticante tem suas energias redirecionadas pelo método tântrico para trabalhar essas impurezas da mente.

O praticante do tantrismo não é um espectador beato passivo; convencido da irreabilidade dos fenômenos, tomado pela vacuidade universal pressentida em suas meditações, ele deixa de ter medo, ficar inquieto, desejar ou detestar. Utiliza como material suas sedes, seus apetites, seus desejos, suas máculas, seus condicionamentos, para transformá-los, transmutá-los (VARENNE, 1986, p.80). A tradição *Vajrayana* foi a que mais se destacou em Alagoas, sendo esta que permaneceu por muitos anos se desenvolvendo e sendo referência para quem se interessasse pelo Budismo. Mesmo a *Sangha* antiga tendo se desfeito, vários membros dela continuam a praticar os ensinamentos recebidos em seus ambientes particulares.

Tharthing Tulku (1994, p.37-38), importante mestre do Budismo Tibetano, diz que a prática do *Vajrayana* não é para todos, pois requer do praticante uma compreensão profunda,



muita determinação e a orientação de um mestre qualificado para poder percorrer o caminho do *Bodhisattva*. Esse caminho é repleto de formas diversas que possibilitam ao praticante, muitos meios para atingir a realização plena. Porém a orientação se faz necessária exatamente pela diversidade de meios e métodos podendo confundir o praticante por estar este ainda com sua mente envolvida pela ignorância e o apego ao *samsara*. O *Vajrayana*, de acordo com Padma Sambava e Yeshe Tsogyal (1997, p.14) fornece os meios para superar a natureza impulsiva do homem.

O Budismo *Vajrayana* é a terceira ramificação do Budismo e congrega as mais diferentes linhagens do Budismo nascido na Índia e difundido no Tibete. O Budismo chegou ao Tibete durante o império do 37º rei do Tibete *Srong-Tsen-Gampo*, por volta de 650 aproximadamente, mas só foi implantado em 791 como religião oficial do Estado se fundindo com a antiga seita e religião dos *Bön*, de característica xamânica. Possui quatro grandes escolas ou linhagens, *Nyingma*, *Kagyü*, *Gelug* e *Sakya* (VARENNE, 1986).

Ainda segundo Varenne (1986), o *Vajrayana* se desenvolveu como uma reação à especulação erudita e à acumulação de um saber doutrinal inicial, onde a meditação individual e a busca de realização espiritual estavam no primeiro plano. Para Varenne (1986) “A proposta do *Vajrayana* é conduzir seus adeptos a mobilizarem imediatamente todas as suas forças a fim de dissipar a ilusão que faz crer no contraste entre um e outro.” Isto é, o *Vajrayana* tem uma metodologia repleta de possibilidades para o adepto lidar com as ilusões da mente e a ignorância, que é pautada no corpo, nas recitações de mantra, nos exercícios meditativos, na visualização criativa, e que foi trazida do tantrismo e da antiga religião Bom. Algo que exploraremos mais adiante.

Ensinos realizados sobre o caminho *Vajrayana* foram ministrados por vários professores, no mês de agosto ano de 2004 dentro do ensinamento intitulado “*AbDharma*”, quando houve introdução às reflexões acerca da cosmologia budista, ensinamentos ministrados: (a) Pela Venerável Bhikkuni Ani Zamba Chözom, professora então residente do Templo *Kunzang Ling*, em Maceió; (b) Relação Professor-Aluno no Budismo *Vajrayana* e Meditação *Shamatha*, por Lama Sherab Drolma, professora visitante em 08 e 09/09/2004; (c) Iniciação de Tara Vermelha 22 e 23/11/2004, por Lama Chagdud Khadro, professora visitante; (d) As práticas preliminares chamada *Ngondro*, que abriga quatro práticas específicas: Oferenda de Mandala, Purificação de *Vajrasattva* e Guru Yoga e *P’howa*, Transferência da Consciência realizadas em sequência e repetidas em 100 mil vezes. Também por Lama Chagdud Khadro em 2009.





Fotografia 5. *Sangha* Kunzang Ling. Acervo pessoal de Pema Namgye Döndrup.



Fotografia 6. *Sangha* Trashi Chekhor Ling - Lugar Bom do *Dharma*. Fonte: Acervo pessoal de Pema Namgye Döndrup.

A *Sangha* do *Kunzang Ling*, como mostra a Fotografia 5, prontamente cedida por um interlocutor desta pesquisa, teve uma atividade intensa durante seu tempo de existência, casamentos foram realizados, muitos ensinamentos e iniciações de práticas meditativas e a presença de grandes mestres do Budismo *Vajrayana*. Um desses ensinamentos foi o do *Buddha* da Medicina, ministrado por Jigme Rinpoche; Os 100 mil *Tsogs* de Tara Vermelha, evento que mobilizou todas as *Sanghas* do Brasil e no *Kunzang Ling* foi conduzido por Lama Kenpa em 11 e 12/10/2009. A Fotografia 6, retrata a *Sangha* do *Trashy Chekhor Ling*, grupo formado a partir da dissolução da *Sangha Kunzang Ling*. Haverá um capítulo onde as



fotografias dispostas neste capítulo, estarão sendo palco de uma análise ampliada nesta dissertação.

4.10 O Tantrismo

Tantra segundo Varenne (1984), é uma palavra sânscrita, da raiz *TAN*, que significa estender, continuar, multiplicar, sucessão, desenrolar, processo contínuo. *TAN* é aquilo que aumenta o conhecimento. Esse conhecimento é adquirido através de práticas físicas e mentais. Apoia-se numa visão interior, adquirida pela prática da ioga e da meditação, onde o corpo e a energia são os veículos de acesso a esse estado de consciência elevado.

É uma filosofia hindu muito antiga, é um complexo sistema de descrição da realidade objetiva, uma ciência prática e aplicável, tem características na matriarcalidade, na sensorialidade (uso do corpo).

De acordo com Varenne (1984), está centrado no despertar da *Kundalini*, a serpente de energia *ígneas*, de manifestação biológica e sexual, situada na base da espinha dorsal e que ascende através dos *chakras*, até atingir o *samadi* (*despertar*).

Os Tantras operam uma prodigiosa síntese da experiência espiritual da Índia milenar, traçando uma perspectiva constantemente afinada, a visão intuitiva da natureza humana. Síntese que aponta sempre para a efetuação de uma prática de despertar mediante as técnicas sexo-ióguicas. Um Tantra é um guia de despertar, apresentando não só uma exposição metafísica do retorno à origem e bem assim as suas justificações cosmogônicas, mas também um catálogo dos ritos e das técnicas que criarão as condições deste retorno no próprio corpo do adepto (VARENE, 1984, p.44).

Para o Tantra, todo o complexo humano é vivo e possui consciência independente da consciência central, o corpo é o veículo de manifestação dessa experiência, por isso ele é merecedor de atenção, respeito e reconhecimento. Daí o uso de mantras (vocalização de sons), mandalas, *mudras* (gestos com as mãos), visualização, rituais de formas diversas de meditação. Aspectos que compõe os diversos rituais presentes no Budismo Tibetano e que falaremos a seguir.

4.11 Os ritos Vajrayana

O Budismo Tibetano ou Budismo Tântrico, é composto de muitos ritos e jamais poderia ser praticado de maneira mecânica, pois são uma ponte para alcançar a consciência. Segundo Varenne (1984), “a execução de um rito pressupõe sempre uma unidade indivisível do corpo, da palavra e do espírito”. E é dessa unidade que demandam os ritos tibetanos.

Do corpo: temos Os *mudras*, conforme coloca Varenne (1984, p.76,77), são gestos simbólicos complexos feitos com as mãos e dedos, cujo objetivo é representar simbolicamente um deus, um estado de consciência, uma paixão, uma percepção. Os *mudras*



fecham os circuitos energéticos. As **prostrações**, reverências ao professor, a representação da deidade. As oferendas, de incenso, de luz, formas de comunicação com a divindade interior de acordo com Varenne (1986).

Da palavra: destacamos os **mantras**: sílabas ou fonemas de acordo com Varenne (1984, p.74,75), é uma das mais antigas técnicas de despertar da consciência, é uma fórmula sonora concentrada que dá impulso a forças corporais entorpecidas, ou seja, na medida em que é pronunciado corretamente, tem a capacidade e a finalidade de despertar certas energias sutis que estavam adormecidas. O autor ainda coloca que “um mantra deve ser emitido com o tom, o acento, a abertura interior adequada, pois de outro modo não tem qualquer espécie de eficácia. O mantra mais célebre recitado por milhões de fiéis é *OM MANI PADME HUNG* – SALVE A JOIA DO LÓTUS. Segundo o autor (p.84), esse mantra é uma invocação mística da consciência de *Buddha*, a qual está situada em cada um de nós, no mais profundo de nossas instâncias psíquicas. É o mantra da compaixão.

Do espírito: aqui, destacamos a **meditação**: Diversas formas de meditação são realizadas pelos adeptos, cuja prática consiste em “fabricar” mentalmente divindades interiores e identificar-se com elas, antes de “desfazê-las”. Esse processo de fabricação mental é realizado pelo exercício de visualização criativa, herdado do xamanismo, da qual falaremos mais adiante. Dessa forma, tudo é produzido pelo espírito e tudo volta ao espírito (VARENNE,1986). Junto a esse processo de visualização estão diversos símbolos como objetos auxiliares de culto, que representam princípios abstratos, ou estados de consciência. Segundo o autor (p.86), o mais conhecido é o *Vajra* ou Cetro de Diamante – *Dorge*¹⁰.

¹⁰Instrumento ritual, manipulado pelos Lamas no curso das cerimônias...pequeno cetro de cinco a dez centímetros, em bronze, prata ou ouro maciço. Ele simboliza a sabedoria indistinta (*prajna*) e os “Meios Hábeis” (a transformação das emoções e das paixões em energia). O diamante materializa a perfeição alcançada pelos *Buddhas*, sua união indissolúvel com a vacuidade (VARENNE, 1986.p.86).





Fotografia 7. *Dorge*. Fonte: Acervo pessoal de Pema Namgye Döndrup.

Outra representação é a **mandala**: são figuras geométricas, simétricas, organizadas em torno de um tema central. Segundo Varenne (1986) são representações iniciática dos poderes psíquicos atuantes no universo e nos seres, ao contemplá-la instaura-se no adepto, uma experiência espiritual fundamental. Elas reconstituem os dramas psicológicos cotidianos, fixando os poderes perturbadores numa representação arquetípica, parecendo um teatro em quatro dimensões, dos nossos medos, paixões, desejos, repulsas e as deidades do panteão budista. Segundo o autor, esse diagrama psíquico, tem implicações culturais e religiosas, revelando mecanismos projetivos da consciência. Teóricos como Carl Gustav Jung, publicou diversos estudos sobre mandalas, através de desenhos construídos pelos seus pacientes. VARENNE (1986) ela facilita o processo de integração e familiariza o adepto com os arcanos de sua própria psique. Ela também significa a jornada que o adepto está fazendo no seu caminho espiritual, que quando terminada, poderá ser destruída mostrando o final do ciclo.





Fotografia 8. Mandala. Fonte: Acervo pessoal da autora.

A **visualização**: Característica do caminho tântrico, se apoia no princípio metafísico do Budismo clássico que diz que o mundo é uma criação do espírito. A visualização está presente em quase todas as práticas meditativas, consistem criar na mente a representação da imagem das deidades em seus detalhes para poder possibilitar à mente acessar os aspectos psicológicos e espirituais presentes nelas e em si mesmo (VARENNE, 1986).

Por intermédio de suas criações mentais, o adepto deve repentinamente realizar a identidade de natureza (insubstancial) entre o seu “eu” e a “realidade”. A visualização é, no entanto, praticada cotidianamente pela maioria dos adeptos iniciados. (VARENNE, 1986, p.89-90).

Todo o ensinamento budista, está centrado em treinar a mente para lidar com os condicionamentos mentais para promover a mudança de atitudes e que conduzem ao sofrimento. Em sendo assim, a visualização possibilita ao adepto a reformulação de pensamentos e ideias que se configurarão mais tarde em ações que o libertará do ciclo do *samsara*.

O Tantrismo, segundo Varenne (1984), propõe unicamente a libertação espiritual, a iluminação. As tradições que o tem como referência vão construir seus ensinamentos usando dele o que for conveniente aos seus propósitos. E vão se adaptando à cada realidade a qual se



defrontam. Ainda segundo o autor, (p.156) “o tantrismo *Vajrayana* constitui um meio eficaz de desviar de seu curso “normal” as energias nos fenômenos.” Conclui o autor, dizendo que as técnicas desenvolvidas pelo *Vajrayana*, podem contribuir para uma verdadeira limpeza da mente moderna, uma vez que vivemos no meio de um universo completamente irreal, bastante inconsistente e fantasmático, o que possibilita uma irreal criação da realidade que nos cerca. Temos os lamas circulando livremente em nosso meio, com total acessibilidade, bastado buscar a conexão adequada para esse encontro e a vontade de mergulha nesse caminho espiritual percorrendo os caminhos abertos um dia por *Buddha*.



5. TRAJETÓRIA DOS MESTRES TIBETANOS NAS SANGHAS EM MACEIÓ

“Nos sutras, é repetido muitas vezes um conselho sobre a maneira de seguir um guru, conhecido como „as quatro confianças”: não confie na pessoa, mas no Dharma que ela ensina; não se foque no significado superficial das palavras, mas no seu significado pleno e completo; não se apoie nos ensinamentos que necessitam de interpretação, mas nos ensinamentos absolutos; não se apoie na mente, mas na sabedoria.”
Dzongsar Jamyang Khyentse

“Reverencio os Mestres com toda a deferência possível, estar diante de um deles, é a possibilidade de obter muito mérito. Quando pensei neste capítulo pensei no quanto foi importante ter recebido seus ensinamentos, sobretudo de Ani Lá, que me concedeu refúgio e me aceitou como aluna. Estar em sua presença é uma das experiências das mais emocionantes possíveis de se ter. Estive presente em muitos dos ensinamentos e iniciações realizados por eles, mas a maior conexão foi estabelecida com Ani Lá que pude compartilhar de minha pesquisa e receber informações preciosas para dispor aqui e que ao mesmo tempo foi um grande ensinamento. Tudo o que vem dela, vem como ensinamento, as vezes de forma irada, as vezes de forma afável, mas sempre com muita amorosidade. Estar com ela é sempre uma renovação dos votos de refúgio, foi assim quando me concedeu a entrevista, foi assim quando documentei o retiro e as palestras, foi assim sempre que estive em sua presença. Mas os mestres aqui descritos que fizeram parte dessas *Sanghas*, deixaram plantadas definitivamente em solo extremamente fértil a semente do *Dharma* e a eles minha eterna gratidão¹¹.”

Este capítulo versa sobre os mestres residentes e visitantes nas *Sanghas* em Maceió, e suas contribuições com suas histórias de vida e ensinamentos ministrados. Também faço referência aos mestres visitantes pertencentes a outros ambientes budistas, mas que deram sua contribuição para a disseminação da cultura budista nesta cidade. São mestres ordenados e designados a ensinar aos praticantes. São pessoas que se dedicam exclusivamente a ensinar o *Dharma*. Normalmente vêm de uma tradição de linhagem específica ou foram preparados em escolas ou tradições com reconhecimento e titulação adequada.

Será discutido o papel do professor na figura do guru tibetano e sua importância para a efetivação do ensinamento budista, esclarecendo sua significação na tradição *Vajrayana* sob a ótica de vários pesquisadores e mestres budistas.

5.1 Os Mestres

No Budismo Tibetano, ser professor não é algo tão simples assim. O professor é um mentor espiritual, alguém que detém características e habilidades específicas para assumir tal

¹¹Trecho do meu Diário de Campo escrito em maio/2017.



função. Em sânscrito a palavra para professor é “Guru” e em tibetano, é “Lama”, que significa amigo espiritual. Diferente de outras tradições budistas, a tradição *Vajrayana*, exige uma relação direta do aluno com o professor.

De acordo com a tradição indiana, o mestre é muito mais que um professor, é segundo Clodomir Andrade (2013, p.104) “é uma ponte, uma balsa que nos leva para a outra margem, para além das dores do *samsara*. O mestre, não se limita a sua natureza física ou emocional, ele representa, incorpora e torna presente a própria tradição.” O mestre ou guru, orienta seu aluno pelo caminho que está percorrendo e sinaliza o que for necessário para que possa atingir os estágios de desenvolvimento espiritual.

É preciso estabelecer uma conexão com o professor para que este se torne seu orientador, nos termos búdicos, é preciso realizar uma guru-yoga. Ainda segundo Andrade (2013), a expressão “guru” é aquele que remove as trevas, é quem nos introduz aos ensinamentos de *Buddha*.

Duas qualidades são necessárias a um professor: primeiro que ele tenha ouvido, contemplado e compreendido os ensinamentos, e segundo que ele tenha meditado sobre os ensinamentos e tenha alcançado a realização de seu significado essencial (RINPOCHE, 2003.p.83).

O professor é esse ser que pode nos ajudar a cultivar a intenção altruísta de acordar do sonho da vida para poder ajudar os outros, no Budismo, é a função mais privilegiada, tem uma autoridade superior a qualquer outro líder da *Sangha*.

De acordo com Dilgo Khyentse Rinpoche (2008, p.44), “o professor é aquele que faz chegar até nós as transmissões dos *Buddhas* do passado, corporifica pra nós os *Buddhas* do presente, e, por meio dos seus ensinamentos, é a origem dos *Buddhas* do futuro.” O professor faz a conexão do aluno com os ensinamentos. Essa conexão é chamada no Budismo Tibetano de Guru Ioga. Esta relação deve ser estabelecida com plena confiança, senão ela não trará benefício algum para o aluno. Segundo Dzongsar Khyentse (2017, p.102), “a Guru Ioga, é o único método que existe para se constituir uma ponte entre nós e a natureza da nossa mente.” É preciso observar o professor de perto, verificar se ele tem um bom coração, se vive os ensinamentos, se tem realização meditativa, se estudou bem o *Dharma*, que tenha em mente os interesses dos seus alunos, não os seus próprios e uma linhagem autêntica. Se não tiver base sólida, poderá conduzir o aluno por um caminho errado, não seguro (RINPOCHE, 2003. KHYENTSE, 2017).

Para quem busca a iluminação, o guru é mais importante do que todos os *Buddhas* dos três tempos juntos. A tarefa do guru não é apenas ensinar, mas também conduzir os alunos. Ele é o nosso companheiro mais importante, nossa família, marido,



mulher e filho amado, porque ele é o único que pode nos levar à iluminação (KHYENTSE, 2017, p.97).

Dzongsar Khyentse (2017), também diz que todos queremos atingir a iluminação, mas essa não é uma tarefa fácil como se imagina. Requer disciplina orientações e coragem, uma vez que precisamos enfrentar uma série de coisas que passamos muitas vidas tentando evitar e o guru vem justamente desafiar nossos preconceitos, medos e nos ensinar a domar nosso ego. O guru perturba nossa vida, nos tira da zona de conforto pondo em xeque tudo o que acreditamos. O guru é a chave do caminho espiritual. De acordo ainda com o autor (p.99), “no *Vajrayana*, é dito que o guru é o *Buddha*, o guru é o *Dharma* e o guru é a *Sangha*.” Ou seja é está presente em todos os contextos da prática espiritual. Se é o *Buddha*, ele é a representação do aspecto interno e secreto, é aquele que orienta, conduz; se ele é o *Dharma*, ele é a sabedoria que representa os ensinamentos e o próprio praticante desses ensinamentos; se ele é a *Sangha*, ele é a comunidade de praticantes e um componente crucial desse ambiente. Está se falando aqui do guru de forma geral, tanto para o feminino, quanto para o masculino.

Porém do ponto de vista geral, a literatura fala muito pouco ou quase nada do guru feminino no Budismo. Embora tenhamos informação de que a primeira *Sangha* feminina fora criada por sua mãe, as referências de reconhecimento de excelente prática meditativa e referenciados em sua prática e vida espiritual normalmente são homens. Vários livros foram escritos descrevendo suas vidas e sua distinção enquanto encarnações de diversos *Bodhisattvas*. A exemplo de *Chagdud Tulku Rinpoche*, reconhecido aos três anos como a reencarnação de um grande mestre, do qual falaremos mais adiante; do Tenzin Guiatso, o Dalai Lama, como a reencarnação de *Avalokitéshvara* o Senhor da Compaixão, dentre outros.

O elemento feminino tem seu reconhecimento, porém mais enfaticamente atrelado as histórias de vida dos monges ou professores. Enquanto *Sangha* há ainda uma notável dependência ao elemento masculino por seu contexto histórico de ver a mulher como inferior mesmo nos dias atuais. Porém, várias críticas têm sido feitas ao longo do tempo em relação ao papel feminino no contexto das religiões, sobretudo no que se refere ao ensino e condução de Práticas e direção de templos ou entidades religiosas. Segundo Gross (2005, p.515), a religião tem sido também historicamente, espaço de dominação de homens e as mulheres tem ocupado lugar de menor importância, em suas práticas e instituições. Esse fato tem sido alvo de muitas críticas feministas, sugerindo diversas soluções para resolver a questão, mas não vamos discutir essa questão agora, mas vamos pontuar que embora o cenário das religiões no geral tenha a participação mais efetiva masculina, as mulheres não deixam de ser referenciadas também.



No caso do Budismo Tibetano, como já disto antes, a necessidade de um professor é muito importante e este precisa ser bastante qualificado para poder transmitir de forma efetiva o *Dharma*, por este ser sutil e facilmente mal compreendido. De acordo com GROSS (2005, p.416-417), só alguém que tenha praticado por muitos anos saberá decidir o que e como o adepto deverá praticar os ensinamentos e a meditação e por ser tão importante esse relacionamento professor-aluno, os adeptos precisam informar muito bem sobre um professor antes de se vincularem a ele.

Os registros falam muito pouco de monjas, professoras de *Dharma* mulheres, menos ainda de mulheres com realizações fortes em suas práticas meditativas. Para analisar essas questões Gross (2005) aponta alguns aspectos que valem a pena pensar sobre o assunto. Ela diz que as *Sanghas* femininas eram feitas por mulheres subordinadas aos homens, não treinadas para ensinar, nem para a filosofia e o debate, bem como confecção de mandalas, por achar que elas não necessitariam de tais habilidades. Outros pontos como a falta de suporte econômico e a subordinação masculina, e o último e talvez algo que pese sobremaneira nesse pensar seja a falta de modelo de realização meditativa que pudessem se referenciar; o que historicamente estão fora dos registros (GROSS, 2005).

Embora ela traga esses registros históricos, algumas coisas merecem novo olhar hoje em dia, como o crescente número de mulheres se sobressaindo como dirigentes espirituais e administrativas de Centros de Prática. A exemplo do Chagdud Gonpa Brasil, com sede no Rio Grande do Sul, O Chagdud Hispanoamérica compreendendo Uruguai, Chile, Argentina e Venezuela tendo Lama Chagdud Khadro como orientadora espiritual e Lama Sherab Drolma como orientadora administrativa; Centro Kunzang Ling em Maceió, foi orientado por Ani Zamba Chözom, em mais da metade do seu tempo de existência. O Templo Odsal Ling em São Paulo, tem orientação espiritual de Lama Tsering Everest.

O elemento feminino no contexto budista ainda requer mais informações que relatem historicamente mulheres com grandes realizações em suas práticas que inspirem aos alunos praticantes.

A *Sangha* do Chagdud Kunzang Ling, foi fundada por sua Eminência Chagdud Tulku Rinpoche em 2001, por achar possível potencial florescimento do *Dharma* nas terras de Alagoas. Porém só foi oficializada em 2003, quando da realização de um ensinamento ministrado por *Chagdud Tulku Rinpoche* na Casa da Palavra. Esse Centro de Práticas era filiado ao *Chagdud Gompa Khadro Ling* de Três Coroas, no Rio Grande do Sul e designou como professora residente a monja inglesa Venerável *Bhikkuni* Ani Zamba Chözom, para orientar os alunos e guia-los no caminho *Vajrayana*. Durante sua permanência como



professora residente, vários outros professores vieram contribuir para os ensinamentos do *Dharma*, realizando diversas iniciações de práticas meditativas. Sobre cada um deles será falado aqui.

5.2 O Fundador: Chagdud Tulku Rinpoche - (1930-2002)

Este mestre nasceu no Tibete Oriental, em 12 de agosto de 1930 e faleceu em 17 de novembro de 2002 em Três Coroas/RS. Foi reconhecido como a décima sexta encarnação de *Tenpel Djaltzen*, mestre do templo *Chagdud Gonpa*, aos três anos de idade. Chegou nos Estados Unidos em 24 de outubro de 1979, foi um grande e renomado erudito, mestre espiritual, professor, médico, amigo, artista e poeta. Lá estabeleceu moradia com a criação da Fundação Chagdud Gonpa onde ministrou diversos ensinamentos, sobre os métodos e a sabedoria do Budismo tibetano, incluindo arte, filosofia e práticas de meditação da tradição do Budismo *Vajrayana* (WILBER, 2005).

De acordo com Wilber (2005), *Chagdud Rinpoche* foi ousado em ordenar uma mulher Ocidental como Lama como um dos primeiros mestres tibetanos, a qual viria ser sua esposa Jane Tromge e diretora espiritual do *Chagdud Gonpa* Brasil desde sua fundação. O Senhor da Dança, como era chamado, foi um grande Mestre de *Dzogtchen*, a Grande Perfeição, um dos ensinamentos Budistas mais elevados. Seus alunos tinham acesso ilimitado, estava sempre disponível para eles. Ensinou muitas categorias do Budismo *Vajrayana*.

Sua realização da Grande Perfeição era completamente integrada na conduta das atividades do dia a dia onde sua força era sentida por qualquer um que estivesse em sua presença pois suas palavras os atingiam com a intensidade de uma flecha certa no alvo, mas com infinito amor e bondade. Chagdud dizia:

A natureza de tudo é o coração puro, nossa própria aspiração altruísta, nossa motivação pura. Suas ações e as dos outros podem não ser tão diferentes; a diferença está no coração, na motivação que o leva a agir. E é isso que faz toda a diferença no resultado de suas ações no mundo. Você precisa ter a pureza de seu próprio coração, a pureza de sua postura e intenções com relação aos outros e ao mundo à sua volta. Esta é a semente da paz interior (WILBER, apud RINPOCHE, 2005, p.15).

A vida desse grande mestre é o exemplo de realização que se busca nos professores do *Dharma*. É essa perspectiva que se procura enxergar naquele que elegemos como nosso professor, alguém que enxergue além daquilo que se apresenta, que tenha clareza da natureza de sua mente. Chagdud Rinpoche, era um mestre extremamente amado pelos adeptos, era alguém cuja presença falava por si só emanando imensa tranquilidade e amorosidade. Um de seus alunos certa vez declarou:



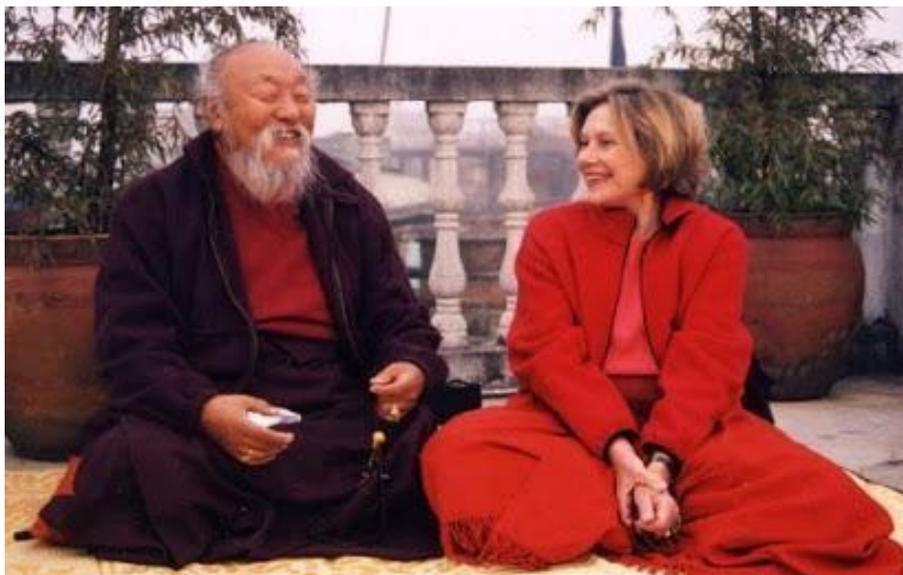
Às vezes ele dispara palavras que têm um efeito atordoante, tal qual um relâmpago. Então depois do choque, vem um frescor, como o ar puro depois da tempestade. Tudo que está à volta de nosso ser se sente purificado. E Rinpoche é inalterável. Seu amor ainda está presente. Sua bondade ainda está presente. A vastidão incompreensível de sua mente que mantém todos os nossos fenômenos ainda está presente (WILBER, apud RINPOCHE, 2005, p.15-16).

Veio para o Brasil em 1994, onde permaneceu por sete anos no templo *Khadro Ling* em Três Coroas no rio Grande do Sul. Este Templo pertence a linhagem *Nyingma* do Budismo *Vajrayana*. Em 12 de maio de 2000, Chagdud Rinpoche ministrou uma palestra no Colégio Inei (em Maceió) intitulada: “O Valor do Budismo na Vida Cotidiana” e nos dias 13 e 14 de maio do mesmo ano, ministrou *Workshop* “Curando Emoções”, na Casa da Palavra e a 1ª Iniciação de Tara Vermelha. Foram seus primeiros ensinamentos em Alagoas; Realizou em 16 de junho de 2002 a 2ª Iniciação de Tara Vermelha.



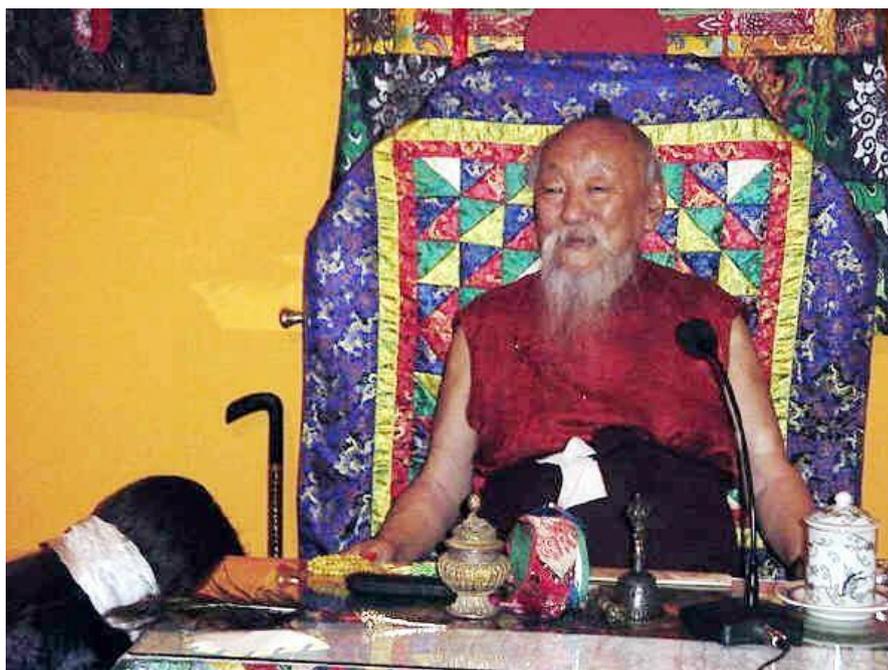
Fotografia 9. Chagdud Rinpoche e Lama Sherab Drolma. Fonte: Acervo pessoal de Pema Namgye Döndrup.





Fotografia 10. S. Ema, Chagdud Rinpoche e Chagdud Khadro. Fonte: Acervo pessoal de Pema Namgye Döndrup.

Chagdud nos inspirou com sua vida cheia de sabedoria na qual ele dizia “minha vida é uma lição sobre a impermanência e a impermanência é a principal mestra do praticante espiritual” (RINPOCHE, 2005, p.16) e deixou seus ensinamentos registrados nas práticas que ensinou, nos livros sobre o *Dharma* sua história pode ser lida no livro autobiográfico intitulado “O Senhor da Dança”, cuja história segundo Wilber (2005), pode ser lida em muitos níveis, na forma de uma aventura pitoresca repleta de humor, na forma de uma jornada espiritual e na norma de ensinamento como uma proposta de atingir a verdade absoluta frente às incertezas da vida.



Fotografia 11. Chagdud Rinpoche. Fonte: Acervo pessoal de Pema Namgye Döndrup.



5.3 Os Mestres Residentes

5.3.1 Venerável Bhikkuni Ani Zamba Chözom

Ani Zamba Chözom, é de origem inglesa, de temperamento bastante forte, exigindo de seus alunos bastante diligência em suas práticas, detém o título de *Gelongma*, que é ordenação máxima para uma monja budista. Uma das primeiras alunas ocidentais de S. Ema. *Chagdud Tulku Rinpoche*, é também aluna de outros grandes mestres budistas de diferentes tradições. É detentora de várias linhagens monásticas, não apenas do Budismo Tibetano, também nas tradições chinesa e coreana do Budismo. Foi uma das primeiras ocidentais a tomar iniciações nas linhagens citadas.

Tem vivido na Ásia desde 1969, morou e coordenou o Centro de Práticas de S. Ema. *Chagdud Tulku Rinpoche* em Maceió, Alagoas até 2005. Ani Lá, possui uma abordagem do Budismo bastante direta e seus ensinamentos focam-se na percepção mental como a causa da felicidade, o sofrimento e um meio para a realização espiritual. Diversos ensinamentos foram ministrados por ela, como Treinamento da mente em sete pontos em 31/08/2002, 01/09/2002, 21 e 22/09/2002, 19/10/2002, 26/10/2002, 22 e 23/02/2003, 05 e 06/04/2003, 12/04/2003, 07/02/2004; Refugio 25/09/2002; As Seis Perfeições em 31/07/2004 a 01/08/2004; Psicologia, Filosofia e Ética no Budismo Tibetano em 17/04/2004, no Auditório da Biblioteca Central da UFAL, promovido pela Pró-Reitoria de Extensão, Pró-Reitoria Estudantil e Centro Budista Kunzang Ling; *AbDharma* em 25 e 26/09/2004; Estágios do Desenvolvimento e da Completude em 14 e 15/05/2005; Realização do primeiro casamento budista do estado de um dos adeptos em 18/01/2005; Palestra: A mentalidade de vítima não é necessária agora, é tempo de despertar o guerreiro em 07/04/2006; Retiro de *Vajrasatva* em 08 e 09/04/2006; Ensino e prática de *Shamatha* em 12/04/2006; Palestra: O que é um caminho espiritual e onde nos leva em 09/2008; Palestra: Você é realmente Feliz? Em 13/2008; Trabalhando com as mudanças em nossas vidas – Retiro em 15, 16 e 17/2008; Palestra: Meditação: o que é e como funciona em 12/2008; Palestra: Tornar a Prática sua vida e sua vida sua prática em 14/2008. Já como coordenadora do Grupo de Estudos Budistas Visão *Dipankara* Maceió, realizou em 01/12/2009 Ensino sobre Meditação; em 02/12/2009, Trabalhando com a Energia das Emoções; Palestra: O que significa ser livre em 03/12/2009; Retiro revelando nosso maior tesouro no Sítio Carababa em Ipioca/AL em 04,05 e 06/12/2009; Palestra: A sabedoria de fazer a vida trabalhar a nosso favor em 28/05/2010, no CEPROAL; Palestra: Compreendendo o Caminho Espiritual em 29/05/2010 no Grupo Tashi Chekhor Ling;



Ensino e prática: Aquele que sabe que é um tolo é verdadeiramente sábio, no Sítio Carababa – Ipioca/AL, em 30/05/2010.

Sua experiência e conhecimento do *Dharma* são profundos fazendo com que oriente grupos em várias partes do mundo. Mesmo deixando a *Sangha* do *Kunzang Ling* e morando em outro estado, Ani Lá permaneceu ministrando ensinamentos a várias outras pessoas que se tornaram adeptos da filosofia budista. Ela vem uma vez ao ano e faz uma série de conferências e um retiro de silêncio mantendo assim a conexão e a relação de *Guru Ioga*. Se adaptando às tecnologias, Ani Lá também faz seus ensinamentos via internet, conectando a todos os alunos interessados em se manter nutridos com a suas orientações e não perder o contato.¹²



Fotografia 12. Ani La. Fonte: Acervo pessoal da autora.

¹²Atualmente, Ani La vem anualmente à Maceió onde profere palestras e realiza um retiro de 3 dias no Sítio Carababa (litoral norte de Maceió). E reúne através do Zoom encontros semanais, reunindo mais de 40 seguidores que habitam em diversos locais no Brasil e também estrangeiros que moram no exterior.





Fotografia 13. Ani Zamba Chözom. Fonte: Acervo pessoal da autora.

5.3.2 Lama Kenpa (1957)

Lama Kenpa nasceu em Tashigang, no Butão em 1957, é de uma família tradicional de lamas. Aos 5 anos recebeu junto com Dzongsar Jamyang Khyentse Rinpoche ensinamentos *Tesar* e o *Refúgio de Dudjom Rinpoche*, recebendo então o nome de Kunga Randjo. Com sete anos aprendeu a ler e escrever sozinho, com 15 foi estudar no Monastério Lama Ugyen Dorje (seu tio por parte de pai) que ficava na mesma região. Lá recebeu as instruções e transmissões da tradição *Nyingma*. Os ensinamentos, abrangiam *Pujas*, textos sagrados, *mudras*, uso dos instrumentos, como fazer *thomas* e rituais. Depois de três anos de estudos, em 1980, entrou em retiro e passou 5 anos e 6 meses ainda sob orientação de seu tio, Lama Ugyen Dorje.

Em seguida, passou a dar ensinamentos durante 4 anos no monastério. Com 28 anos foi para o Nepal, onde ficou num *Shedra* sob orientação de Kenpo Ridizin, onde passou a ser seu atendente e ficou lá por 5 anos. E seguiu para o retiro de três anos ainda num Monastério do Nepal, onde recebeu ensinamentos durante todo o retiro de Kenpo Ridizin, Penor Rinpoche e Chatral Rinpoche.

Depois desse período, fez *Dzotchen* com Kenpo Ridizin, Chatral Rinpoche e Dilgo Kyentse Rinpoche durante 6 meses. Recebeu iniciações de Kaybjé Doudrupchen Rinpoche de Longchen Nyinthing no Sikin na Índia. Foi para o Nepal e recebeu *tesar* iniciação com Chabjed Tuji Rinpoche. Na Índia recebeu iniciação e ensinamentos de *P'owa* durante o retiro



de um mês de Chatral Rinpoche. Fez retiro de Niune durante 6 meses com Chatral Rinpoche, mais tarde tomou iniciações de *Troma* com Tinley Norbu Rinpoche.

Em 2004 ainda no Nepal, Dzongsar Khyentse Rinpoche pediu para o Lama Kenpa vir para o Khadro Ling para ajudar no trabalho artístico da Terra Pura de *Padmasmbava*¹³. Em 2006, voltou para o Butão para preparar toda a cerimônia de morte de seu tio, Lama Ugyen Dorge, que veio a falecer em julho do mesmo ano.

No Khadro Ling, recebeu iniciações de Jigme Rinpoche e Chagdud Khadro de *Tara Vermelha*. Com seu conhecimento dos tradicionais ornamentos arquitetônicos e suas habilidades com seu trabalho em madeira, ele contribuiu imensamente com o embelezamento do Templo da Terra Pura de *Padmasambava*. Lama Kenpa, possui excelente prática em meditação, a qual se mostra em seu trabalho, ele é famoso por sua habilidade de medir, contar e instalar detalhes de madeira sem qualquer erro ou necessidade de revisão. Uma de suas obras eram os oratórios em madeira, e as pinturas de símbolos budistas.



Fotografia 14. Oratório Budista – Arte Lama Kenpa. Fonte: Acervo pessoal de Pema Namgye Döndrup.

¹³Templo em homenagem à Padmasambava situado em Três Coroas no Rio Grande do Sul.





Fotografia 15. Flor de Lotus – Arte Lama Kenpa. Fonte: Acervo pessoal de Pema Namgye Döndrup.



Fotografia 16. Lama Kenpa – Casamento Museu Theo Brandão. Fonte: Fotógrafo Jean Charles.



Foi também professor residente do Centro de Práticas Kunzang Ling e quando esse centro de práticas se desfez, criou e se tornou responsável pelo Grupo de Práticas Budistas em Maceió, Tashi Tchekhor Ling – Lugar de Bom *Dharma* - até meados de 2012. Realizou em 17/08/2004 em conjunto com o Chagdud Gonpa 100 mil *Tsogs*; Realizou casamento em 20/02/2006 no Museu Theo Brandão; Outubro e novembro de 2008, Prática de salvamento de animais; Retiro de *Niugne*¹⁴ junto com o *unze* Maurian em 2009; Realizava práticas meditativas continuamente de Tara Vermelha, Tara Verde, *Riwo Sangcho* (prática através do uso da fumaça de substâncias nobres queimadas para criar grandiosas oferendas aos seres iluminados, assim como a todos os seres presos à existência cíclica, acumulando vasto mérito. Usando o texto escrito por Lhatsüm Namkha Jikme e S.S. Dudjom Rinpoche: *Riwo Sangchö* - Oferenda Queimada para Purificação na Encosta da Montanha, e a *sadhana* de *Lung Ta*), *Tsogs* de Tara Vermelha e Guru Rinpoche. Lama Kenpa esteve casado com uma alagoana e ambos tiveram uma filha. Após sua separação e o término do grupo, voltou para um retiro no Butão e atualmente reside no Rio Grande do Sul no Chagdud Gompa Khadro Ling.

5.4 Os Mestres Visitantes

5.4.1 Lama Khadro

Conheceu S. Ema. Chagdud Tulku Rinpoche em março de 1978, casou-se com ele em 1979 e foi sua aluna até o *Parinirvana* de Rinpoche, 23 anos mais tarde. Ao ordená-la lama em 1997, Chagdud Rinpoche a incumbiu de ser a futura Diretora Espiritual do Chagdud Gonpa Brasil. Assim, *Lama Khadro* tem se concentrado em dar continuidade ao treinamento *Vajrayana* de alta qualidade estabelecido por ele. Durante o tempo vivido com Rinpoche, Lama Khadro recebeu treinamento constante, abrangendo desde a organização de atividades do *Dharma*, até os ensinamentos e prática do *Vajrayana*.

Ela colaborou na autobiografia de Rinpoche, "O Senhor da Dança" e, sob sua orientação, compilou comentários de seus ensinamentos sobre as Práticas do *Ngondro* de *Dudjom Tersar*, o *P'owa* de Longsal Nyingpo e sobre a versão concisa de *Tara Vermelha* de Apong Terton.

Como ex-diretora da Padma Publishing, nos Estados Unidos, Khadro editou muitas traduções de obras tibetanas. Após sua mudança para o Brasil com Rinpoche, em 1995, ela passou a trabalhar na publicação de traduções para o português e o espanhol de textos do Budismo tibetano.

¹⁴Prática de jejum



Na *Sangha* de Maceió realizou os seguintes ensinamentos: As 37 Práticas de um *Bodhisattva* em 07, 08 e 09/11/2005, a partir do texto clássico do erudito Gyalsé Tokmé, escrito no século XIV; *Tsog* de Guru Rinpoche/Chuva de Bênçãos e Iniciação de *Vajrasattva* em 10/11/2005. Ensinamentos de *P'owa*.



Fotografia 17. Chagdud Khadro. Fonte: Acervo pessoal de Pema Namgye Döndrup.

5.4.2 Lama Sherab Drolma

Tornou-se aluna de S. Ema. Chagdud Tulku Rinpoche a partir de 1992, quando este chegou ao Brasil pela primeira vez, e, a partir de 1994, tornou-se sua tradutora e assistente pessoal. Foi por ele ordenada em 2002, Lama Sherab tornou-se uma professora respeitada, cuja profundidade na prática de Guru Ioga e disciplina espiritual são reconhecidas.

Lama Sherab Drolma é brasileira, graduada em odontologia e diretora administrativa do Chagdud Gonpa Brasil, é uma exímia dançarina da Dança dos Lamas e ministrou os seguintes ensinamentos na *Sangha* de Maceió: Os quatro pensamentos que transformam a mente em 25/10/2003; As seis Perfeições em 26/10/2003; Participou como tradutora de Sua Eminência Chagdud Tulku Rinpoche em 03/11/2003 da abertura oficial do Centro de Práticas Kunzang Ling em Maceió; Ensinamentos da Prática de *Shamatha* em 08/11/2004; Relação Professor/Aluno no Budismo *Vajrayana* em 09/11/2004; em 10/11/2004 Seminário/Ensinamentos *Tsog* Chuva de Bênçãos; Ensinamento e prática de *Ngnondro* em 30,



31/03/2005 e 01, 02 e 03/04/2005, prática que tem como finalidade direcionar a mente para o *Dharma*, purificar obscurecimentos e trazer à tona as qualidades da realização. Aumenta a devoção ao *Dharma* e a receptividade no mais alto nível de ensinamentos da Grande Perfeição; Meditação na Ação em 29/03/2005; em 15/12/2005 ensinamento Palavras do Meu Professor Perfeito; em 16/12/2005 ensinamento Curando as Emoções; em 17 e 18/12/2005 ensinamento O que *Buddha* Ensinou; Ensinamentos de *Ngnondro* em Janeiro de 2008; Retiro de *Niugne* de 15 a 17/05/2009.



Fotografia 18. Lama Sherab Drolma/Sangha Kunzang Ling. Fonte: Acervo pessoal de Pema Namgye Döndrup.



Fotografia 19. Lama Sherab Drolma. Fonte: Acervo pessoal de Pema Namgye Döndrup.

5.4.3 Lama Tsering Everest

Lama Tsering é lama residente e diretora do Chagdud Gonpa Odsal Ling, em São Paulo e, no momento, vive no Templo Odsal Ling em Cotia, juntamente com seu marido Lama Padma Norbu. Nasceu nos EUA, Lama Tsering foi, por mais de onze anos, intérprete de S.Ema. Chagdud Tulku Rinpoche. Recebeu a ordenação de *Lama*, em 1995 após completar um retiro de três anos, sendo assim autorizada a dar ensinamentos e iniciações do Budismo *Vajrayana*. Neste mesmo ano, foi convidada a dar ensinamentos no Brasil, para onde se mudou logo depois, assumindo a coordenação do centro em São Paulo, o Odsal Ling.

Lama Tsering, ministrou iniciação de Tara Vermelha em 27/05/2004 e em 22 e 23/11/2004, iniciação de Ioga dos Sonhos em 14, 15 e 16/04/2006, no Hotel Zumbi dos Palmares e ensinamentos de Guru Ioga em 2006. Lama Tsering ensinou que o sonho durante a noite não é apenas uma metáfora, mas de fato é uma experiência cotidiana nossa. A ioga dos sonhos não tem a ver com o conteúdo dos sonhos, ou apenas com o que a metáfora do sonho revela sobre a nossa vida, mas com métodos para manter a lucidez durante o sonho, conseqüentemente, durante a vida. De acordo com Lama Tsering (2006) a pessoa é levado a reconhecer o estado de sonho, explorar a natureza da psique, a sua própria consciência nessa vida. É uma prática realizada com a orientação de observar cada momento da experiência buscando identificar o reconhecimento do momento de sonho e despertar e ao despertar manter a consciência desse estado desperto. Várias tarefas são dadas para o iniciado realizar no período da prática e assim poder.



Fotografia 20. Lama Tsering Everest. Fonte: Acervo pessoal de Pema Namgye Döndrup.

5.4.4 Lama Padma Samten

É físico, com bacharelado e mestrado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Alfredo Aveline foi professor de física de 1969 a 1994. Neste período, dedicou-se



especialmente ao exame da física quântica, teoria na qual encontrou afinidade com o pensamento budista. No início dos anos 80, intensificou seu interesse pelo Budismo e em 1986 fundou o Centro de Estudos Budistas *Bodhisattva* (CEBB). Em 1993, foi aceito como discípulo por Chagdud Tulku Rinpoche e em 1996 foi ordenado lama e passou a dedicar-se à prática desde então.



Fotografia 21. Lama Padma Samten – Ensino Roda da Vida. Fonte: Acervo pessoal da autora.

Lama Padma Samten, foi um dos primeiros professores a oferecer ensinamentos aos praticantes budistas de Maceió, quando ainda estava se formando a *Sangha*. Ministrou no início e novamente mais tarde, ensinamentos sobre os Doze Elos de Originação Interdependente, que tratam de explicar em detalhes as emoções negativas. Cada uma dessas emoções se desdobram em várias outras que “são retratados de forma simbólica na roda da existência ou roda da vida¹⁵ representados por um porco, um pássaro e uma serpente, que se abocanham pelo rabo formando um círculo que se propulsiona, até que seja interrompido” (GOUVEIA, 2016, p.118).

A Roda da Vida, é um ensinamento muito importante para o adepto pois ilustra as causas existentes por detrás da situação de sofrimento na qual nos encontramos e oferece os

¹⁵Um dos símbolos mais antigos da tradição budista e funciona como uma espécie de cosmologia psicológica, servindo como uma cartografia dos nossos processos internos e dos seus efeitos externos (p.199).



antídotos de forma prática para lidarmos com esse sofrimento. É uma proposta bastante altruísta, uma vez que descreve como somos aprisionados nesse ciclo de sofrimento.

Atualmente Lama Padma Samten, coordena em Maceió, uma *Sangha*, vinculada ao CEBB (Centro de Estudos Budistas *Bodhisattva*) com sede na cidade de Viamão/RS. O CEBB, possui uma *Sangha* bastante ampla distribuída por 51 centros de práticas no Brasil e 3 (três) escolas, no formato do chamado Budismo engajado, o qual é praticado tanto no Ocidente quanto no oriente por líderes de diversas escolas budistas, ainda possuindo elementos decorrentes das culturas locais, como é o caso do Brasil com o futebol, a capoeira em seus projetos sociais (AVELINO, 2011). A *Sangha* de Maceió tem um público bem diversificado e a maioria dos frequentadores vão pela prática da meditação enquanto prática que ajuda a combater o estresse diário e melhoria da qualidade de vida, sem abandonar suas crenças tradicionais.

5.4.5 Lama Jigme Tromge Rinpoche

Jigme Rinpoche como é chamado por todos os seus alunos, nasceu em 1964 em *Orissa*, Índia, onde teve a boa fortuna de receber uma educação budista tradicional. Foi extensamente treinado nos ensinamentos e práticas da tradição *Nyingma* do Budismo Tibetano e estudou com muitos grandes mestres da atualidade, entre eles S.S. Dudjom Rinpoche, S.S. Khyentse Rinpoche e S.S. Jigme Phuntsok Rinpoche. Também estudou filosofia com Khetsun Sangpo Rinpoche e na escola de filosofia de *Penor Rinpoche*. Rinpoche imigrou para os Estados Unidos em 1988. Após completar o tradicional retiro de três anos guiado por seu pai, mudou-se para o *Ati Ling* em 1992, tornando-se o lama residente. Atualmente, *Rinpoche* viaja pela América do Norte, América do Sul e Ásia concedendo ensinamentos e conselhos com sua gentil sabedoria e cordialidade.

Como autorizado por seu mestre de Dzogtchen Khenpo Ngagchung, do Tibete oriental, e solicitado por Chagdud Khadro, Jigme Rinpoche agora oferece ensinamentos de Dzogtchen no contexto dos retiros anuais que Chagdud Rinpoche estabeleceu no Brasil. Rinpoche é também o mestre *vajra* nos *druvtchens* da Essência do *Sidi* e *Vajrakilaia* que acontecem no Khadro Ling. Além de compartilhar a responsabilidade sobre monastérios no Tibete e no Nepal, é o fundador e diretor do *Padmasambhava Peace Institute* e diretor da Fundação *Mahakaruna*, uma instituição de caridade internacional fundada por Chagdud Rinpoche, que assiste idosos, doentes e necessitados em várias partes da Ásia além de trabalhar para preservar a cultura do Budismo Tibetano.





Fotografia 22. Jigme Rinpoche no Kunzang Ling. Fonte: Acervo pessoal de Pema Namgye Döndrup.

Jigme Rinpoche, ministrou ensinamentos do *Buddha* da Medicina ou *Buddha Amitaius*, o “*Buddha* da Longevidade”, no Kunzang Ling em 08 a 11/08/2006, um evento muito importante para o Budismo *Vajrayana* pois segundo HSING YÜN (2004, p.58) “na medicina do *Buddha*, o tratamento das enfermidades começa pela mente dos pacientes com a cura dos três venenos”. Esses três venenos que são a ignorância, o apego e a aversão, são fonte de sofrimento gerando emoções negativas, conflituosas, aflitivas destrutivas ou perturbadoras e fazem parte da psicologia budista. Os ensinamentos ministrados por Jigme Rinpoche mobilizaram toda a *Sangha* pois se trataram de uma iniciação meditativa de suma importância, uma vez que essa prática permitiu ao adepto iniciado, conhecer e praticar essa meditação entendendo com detalhes a essência do Sutra do *Buddha* da Medicina que possui uma complexidade porque ela reúne aspectos espirituais e físicos para a promoção da saúde. Para o Budismo o papel da medicina não é só eliminar os sintomas, ela deve sim verificar o aspecto espiritual da doença e a base mental de suas causas e da cura (YÜN, 2004). O indivíduo deve ser visto em sua totalidade, pois corpo, mente e espírito encontram-se juntos e não separados. A ocorrência de enfermidades para o Budismo está intimamente relacionada com os aspectos mental, físico e espiritual, juntando-se a isso o comportamento, os hábitos desenvolvidos, o ambiente em que se vive a sociedade e a cultura onde o indivíduo está inserido (YÜN, 2004).



6. A SANGHA: O CAMINHO DO *BODHISATTVA* EM ALAGOAS

“Apenas ouvir e pensar sobre o *Dharma* não é suficiente – precisamos também praticá-lo. Então, ouvir, contemplar e meditar sobre o *Dharma* são aspectos vitais do caminho espiritual, sendo a meditação sua essência”.

Dzongsar Jamyang Khyentse Rinpoche¹⁶

“Quando pensei escrever esse capítulo, não imaginei o quanto seria tomada pela emoção. Não imaginei o quanto meu coração pulsaria diante das presenças daquelas pessoas. Ao mesmo tempo que queria estar ouvindo os relatos, queria também estar recriando as experiências descritas que em parte foram vividas por mim em dado momento. As perguntas propostas, não mais eram importantes, o diálogo estabelecido por si só respondia naturalmente cada pergunta sem serem feitas literalmente. Vi-me lembrando cada prática, cada ensinamento, cada palavra dita. Era um filme passando em minha mente, trazendo os cenários todos com sua imensa riqueza de detalhes. Eu estava transposta àquele ambiente cor de açafrão e me sentia em casa. Estava exultante e lutava para cuidar em observar o tempo, as falas, a escrita, as expressões, o lugar. O exercício de atenção plena estava ali totalmente comprometido. Minha meditação de olhos abertos era naqueles momentos totalmente ineficaz. O que me interessava era o teor das falas, das lembranças que elas me traziam. Recuperar o controle da situação de ser a pesquisadora naquele momento foi o grande desafio. Me perdi e me achei todo o tempo. Experimentei o ser afetada ali e me deixei ser, era o meu nirvana aquele momento¹⁷”.

Este capítulo, tem como propósito mostrar a trajetória dos praticantes em Alagoas; o caminho percorrido por eles, as configurações da comunidade; os grupos praticantes existentes, como se intitulam e suas histórias de vida que sinalizarão e ilustrarão o caminho o *Bodhisattva* descrito na pesquisa com suas diversas interfaces; os Centros de Prática, suas composições e atividades. São eles: O Centro de Práticas Kunzang Ling; O Centro de Práticas Tashi Tchekor Ling; O CEBB – Centro de Estudos Budistas *Bodhisattva* Maceió.

6.1 A *Sangha* e seus praticantes

A comunidade budista de Maceió tinha uma atividade intensa durante toda a semana, era muito visitada e esse pedaço do Tibete, gerava muitas curiosidades. Havia praticantes das mais diversas formas, adeptos, visitantes, praticantes de outras crenças, mas que vinha em

¹⁶Dzongsar Jamyang Khyentse Rinpoche (p.16)

¹⁷Trecho do meu diário de campo escrito em novembro/2018.



busca da tranquilidade que o lugar emanava. Havia uma boa adaptação ao espaço urbano, uma vez que a *Sangha* estava situada na parte alta da cidade favorecendo boa mobilidade aos interessados.

E não diferente das demais *Sanghas* urbanas, esta, também foi se ajustando à cada realidade existente passando a fornecer espaço para leigos e visitantes diversos.

A *Sangha* de Maceió, tinha um movimento intenso de cuidar do professor residente, de cuidar da manutenção do espaço de práticas e de realizar as práticas orientadas pelos professores. E como todo grupo, este também tinha seus conflitos e sempre tinha alguns embates difíceis de resolver, gerando alguns entraves, testando os egos de todos. O Budismo *Vajrayana*, não é uma forma muito simples de se praticar, precisa de doação do adepto, de envolvimento completo dedicação e aceitação completa do professor como guia, como orientador. Entender essa perspectiva não é uma tarefa das mais fáceis. Os adeptos desta pesquisa pertenceram aos dois únicos grupos *Vajrayana* da cidade o Chagdud Kunzang Ling e o Tashi Chekhor Ling, que serão descritos a seguir bem como os ensinamentos e iniciações realizados.

6.2 Chagdud Kunzang Ling

A *Sangha* de Alagoas, iniciou suas atividades em 2000, num Dojo de Aikido, pertencente de um dos iniciados, situado na Rua Sandoval Arroxelas, no Bairro de Ponta Verde. O espaço fora cedido para as primeiras reuniões pelo então professor de Aikido que também era simpatizante da filosofia budista pela sua prática da arte marcial e que viria se tornar depois Kunza Yeshe - “Sabedoria Primordial”, também interlocutor desta pesquisa.

A ideia de trazer os ensinamentos de *Buddha* para Maceió, partiu de um alagoano que conheceu a filosofia na Universidade da Paz. O Centro Budista Kunzang Ling “Lugar de harmonia” era vinculado ao Chagdud Gonpa Brasil, e foi criado para ser um lugar de ensinamentos e práticas da filosofia budista da linhagem *Nyingma* do Budismo *Vajrayana*. Ele nasceu oficialmente em 2001 e permaneceu realizando suas atividades até 2006, quando se dissolveu e alguns de seus membros migram para outros grupos, outros seguiram sozinhos realizando suas práticas sozinhos, ou seguiram outros rumos.

O Centro foi fundado por Sua Eminência Chagdud Tulku Rinpoche, quando de sua vinda a Maceió em 2001 quando ministrou uma palestra, um workshop na casa da Palavra e a 1ª Iniciação de Tara Vermelha. O centro Kunzang Ling, teve como professora residente orientando os ensinamentos e práticas do *Dharma* a Monja Ani Zamba Chözom nos seus seis anos de existência. Depois teve por um curto período o butanês Lama Kenpa que fora casado



com uma alagoana. Lama Kenpa, permaneceu em Maceió por mais alguns anos, até 2010 e fundou e coordenou um outro grupo de práticas budistas até 2010 o Tashi Chekhor Ling. “Lugar de Bom *Dharma*”.

O Centro Budista Kunzang Ling, era um pedaço do Tibete em Alagoas situado à Rua Clarêncio Jucá, no Farol, era o ambiente de residência da professora encarregada de orientar os ensinamentos do *Dharma*, decorado com as cores do Budismo tibetano vermelha e amarelo açafraão, com as *thangkas*¹⁸ com as imagens das deidades nas paredes, estátuas diversas, altares, objetos de prática, almofadas, instrumentos necessários às práticas de meditação budista. Era um espaço de estudos dos textos clássicos do Budismo Tibetano e dos ensinamentos e iniciações das práticas meditativas. Estava sob a orientação de Ani Lá, monja descrita no capítulo anterior, a qual possibilitava prática de meditação *Shamatha*, *Tonglen*, *Vipassana*, Tara Vermelha, Retiros, diversos outros ensinamentos conforme descritos no capítulo anterior.

O Centro contava com vários participantes que ajudavam na condução e manutenção do espaço, aproximadamente 10 oficialmente e encerrou suas atividades em março de 2010, com em virtude da solicitação de desocupação da casa onde funcionava o Centro e que pertencia a família de um dos adeptos, ficando a *Sangha* sem ter outro local possível para manter suas instalações. A comunicação foi feita por Lama Sherab através de um e-mail encaminhado à *Sangha*. Ani Zamba compra terras em Monte azul, na chapada diamantina e resolve montar lá o projeto Dipankara e então vem Lama Kenpa que mal chega e já deixa o Kunzang Ling e inicia uma nova *Sangha*.

Esse pedaço do Tibete, conquistou muitas pessoas que se tornaram adeptos, tomando votos de refúgio e seguindo as orientações de seus professores. Havia toda segunda feira as 19 horas, prática regular de Tara Vermelha e aos sábados prática de meditação *Shamatha* e leitura do livro Portões da Prática Budista de Chagdud Tulku Rinpoche. Essas práticas foram muitas vezes conduzidas por mim Pema Chözang Drolma e por Pema Namgye Döndrup¹⁹. E seguindo o calendário tibetano, a havia a realização de *Tsogs* de Tara e Chuva de Bênçãos, *Vajrakilaya* ou acumulação de recitação de mantras; Prática de *Riwo Sangcho*; A contabilidade do Centro era realizada sempre por Yeshe Tsomo (Oceano de Sabedoria).

¹⁸ (Tib., tkang-ka) Pintura budista em tecido ou pergaminho.

¹⁹ Os nomes budistas, são escolhidos pelo professor com quem se toma refúgio. Ao observar as características do aluno, o professor quando aceita ensinar esse aluno, concede refúgio em cerimônia específica e o adepto toma os votos, assumindo a responsabilidade de praticante e ao final o professor lhe concede um nome a ser usado dali em diante.



A trajetória desses praticantes estabelece o ritmo da urbe, todos estão no contexto da cidade, com seus afazeres profissionais, ligados a contextos sociais específicos, com as demandas tecnológicas, industriais típicas de uma cidade.

6.3 Tashi Chekhor Ling

Criado a partir das aspirações de alguns alunos budistas e da generosidade e sabedoria do Lama Kenpa, após a dissolução do Kunzang Ling. O Centro de Práticas Tashi Checkhor Ling que significa “Lugar de Bom *Dharma*”, iniciou suas atividades oficialmente no dia 08 de maio de 2010, após dois longos meses de árduo trabalho para transformar uma antiga sala para treino de arte marcial, em um local apropriado para práticas e permaneceu por apenas dois anos.

O espaço recebeu pintura de símbolos tibetanos feitos pelo Lama Kenpa e vários membros da *Sangha*, bancadas feitas de madeira para as práticas formais em *sadhanas*. Cada um trazia sua almofada e todos os finais de semana eram realizadas práticas meditativas de acordo com o calendário tibetano e conforme a orientação do Lama.

O Centro realizava práticas de Tara Verde, *Riwo Sangcho*, Festins de *Chöd*, *Shamatha*, *Tsogs* e tinha uma relação bastante estreita como o Lama Kenpa, que era o principal responsável pelos ensinamentos e estruturação do Centro.

O Lama Kenpa é um exímio artista, fazia maravilhosos trabalhos em madeira, e a *Sangha* participava com ele da produção aprendendo sobre a pintura tibetana. Era comum estarmos sentados conversando com Lama Kenpa, jantando com ele comendo *momo*, uma espécie de trouxinha de carne moída com muita pimenta e arroz.

Quando o Centro se desfez, o Lama Kenpa permaneceu ainda um tempo em Maceió, mas seu casamento terminou e ele retornou ao Butão para mais um retiro e hoje vive no Khadro Ling, no Rio Grande do Sul, vindo ocasionalmente a Maceió para ver a filha.

6.4 Grupos Existentes

O cenário hoje em Alagoas nos diz que o único grupo de práticas budistas organizado enquanto *Sangha* é o CEBB (Centro de Estudos Budistas *Bodisatva*) sob orientação de Lama Padma Samten da escola *Mahayana*. Faz parte do chamado budismo leigo²⁰ e tem se desenvolvido bastante no Brasil. O grupo existe desde 2009, com práticas regulares durante a semana e finais de semana para todos os interessados, cursos de meditação silenciosa, estudos

²⁰ Budismo leigo é o budismo que é desenvolvido através de tutores que são “multiplicadores” leigos, fazendo com que o *Dharma* chegue mais rapidamente a mais pessoas, beneficiando mais seres.



dos livros budistas, brechós, meditação para crianças, ensinamentos, *pujas*²¹ dos *sutras*²², ensinamentos online, loja de artigos budistas. Segundo Schenkel (2015), os grupos ligados ao Lama Samten, possuem o modelo de funcionamento através da formação de multiplicadores, estes com curso de tutores e facilitadores.

Existem adeptos de outras escolas budistas a exemplo da *Theravada*²³, que fazem suas práticas sem ligação com uma *Sangha* específica e muitos leigos compartilhando das ideias filosóficas do Budismo mantendo suas práticas religiosas de origem. Sabe-se que existem também adeptos da tradição *Nitiren Daishonin Soka Gakkai*, surgido no Japão quando da modernização do país e reverencia-se e recita-se o “*Sutra do Lotus*” e o mantra da “Lei Cósmica Universal” (*nam myoho rengue kyo*), é um grupo em expansão do Budismo leigo, cuja liderança não é um monge ou Lama, mas um presidente, organizado em comunidades locais, cuja ideia é não haver centralização em torno de uma única liderança (SCHENKEL, 2015, p83).

Muitas pessoas procuram o Budismo enquanto filosofia de vida, pelos preceitos que prega da não violência, do lidar com o sofrimento, da prática da meditação, da aquietação mental e atenção plena, como práticas a serem incorporadas no seu dia a dia.

6.5 Os Praticantes – Adeptos no Caminho do Bodhisattva

Os praticantes citados aqui, são pessoas que se tornaram adeptos e permanecem até hoje realizando suas práticas individualmente mesmo com a inexistência do Centro Budista. Alguns desses adeptos, tem sua crença no Budismo questionada pelos membros de suas famílias gerando algumas dificuldades nesse relacionamento. Nas entrevistas realizadas com esses adeptos, cujo roteiro segue em anexo, contamos um pouco dessa história, mostrando a trajetória de sua experiência. Irei relatar suas histórias identificando-os pelos seus nomes budistas, recebidos após sua tomada de refúgio.

As histórias de vida desses adeptos, resumem de forma bastante peculiar os sentidos e significados do Budismo em suas vidas e mostram como uma coisa se torna a outra e se confluem numa interessante trama existencial. De acordo com MALUF (1999, p.71), “é o sujeito portador de uma experiência ímpar e singular que pode reunir experiências e doutrinas religiosas e espirituais tão díspares e lhes dar um sentido”. Ninguém melhor que ele para narrar sua história e compor o cenário no qual habita, lhes configurando importância e sentidos únicos.

²¹ Práticas formais com recitação de mantras.

²² Pronunciamentos do *Buddha Shakyamuni*.

²³ Escola dos Anciões.



Nos relatos postos neste capítulo têm-se claro esses fatos. Os adeptos, descrevem de forma contundente e até posso dizer apaixonada sua experiência religiosa e que se torna experiência de vida. Apenas quem vivencia na prática a experiência pode falar com propriedade dela. Cada um dos relatos postos aqui possibilita ao leitor o entendimento mais de perto da importância da experiência búdica em suas vidas. São pessoas de formações diversas, de contextos sociais diversos e advindos de espaços cuja cultura processa-se de maneira totalmente oposta ao que é pregado pelo Budismo, e ainda assim encontra espaço para se fazer presente e florescer avidamente.

Aqui temos narrativas que perpassam pelos itinerários pessoais, pelos processos rituais, numa dimensão narrativa ou discursiva mais intensamente, porém também terapêutico pois trazem o sentido de transformação pautados na mudança comportamental e atitudinal de cada um deles. Os diferentes tipos de narrativas e de situação narrativa, possuem sentido, maneira, caminhos, formatos experienciais únicos, mas são trazidos de forma a possibilitar interpretações das mais diversas possíveis a quem interpretar (MALUF, 1999).

As narrativas trazidas neste espaço, são de natureza biográficas. Os interlocutores presentes aqui trazem suas histórias relatando um contexto descritivo da experiência religiosa em suas vidas, não pelo fato religioso em si, mas pelo potencial filosófico assegurado nele a ser aplicado de forma prática em suas vidas. Porém na observação desses relatos foi praticamente unânime nos relatos o falar da aproximação com a prática budista ter sido a necessidade, a vontade de aprender a lidar com o sofrimento e não causar mais sofrimento aos seres. Esta fala passa a ser também o elemento transformador da vida desses interlocutores. A filosofia Budista encerra em si essa perspectiva primária contida nas “Quatro Nobres Verdades”, já descritas no capítulo um. Maluf (1999, p.77), diz que a diferença contida na narração da história de vida, visa a história individual e o objeto da interpretação antropológica é alcançar os conteúdos e os sentidos sociais da experiência.

E isto fica posto em cada uma das narrativas aqui presentes. Os interlocutores se dispuseram sem nenhuma resistência em participar da pesquisa. Propuseram, cafés, lanches, práticas, abriram seus arquivos e decidiram o lugar das conversas. Acharam extremamente importante a pesquisa por dar lugar de fala da experiência com a filosofia budista neste pedaço do Brasil. Houve por parte dos interlocutores a compreensão e um sentimento de empatia que os levou a narrar suas histórias com o objetivo de serem escutados. E então corroboro com Maluf que diz,

é preciso sublinhar a influência do contexto cultural de onde emerge esse grupo social, cujo *ethos* encoraja o indivíduo a “falar de si”, a expressar ao outro sua



intimidade e suas vivências pessoais. As narrativas ouvidas pela antropóloga se inscrevem em um quadro social que valoriza a expressão pública, ou coletiva, das experiências íntimas e privadas dos sujeitos (MALUF, 1999, p.80).

Acredito que o fato de pertencer ao contexto, ou seja de também ser uma adepta, de conhecer o lugar de fala de cada um, possibilitou aos interlocutores narrarem suas histórias de forma livre e real. Todos sabíamos do que se tratava ali. E como adepta e antropóloga fazer uma leitura das narrativas, foi uma das melhores experiências vividas nesta pesquisa, o que possibilitou situar as experiências de cada interlocutor no cenário atual.

E na condição de antropóloga, busquei pontuar os aspectos essenciais, mais relevantes das histórias de vida de cada interlocutor, descrevendo o fenômeno ou atitude de vida mais significativa expressada das suas trajetórias de vidas para dialogar com a teoria antropológica.

Os interlocutores aqui dispostos, fizeram parte de uma *Sangha* um dia, de maneira formal. Tomaram Refúgio, ouviram ensinamentos e iniciações, fizeram práticas formais, participaram de rituais diversos sob a orientação de diversos professores, e hoje, seguem seu caminho não mais pertencente a um grupo formal de práticas, embora sintam falta do grupo, mas fazem da sua forma e no seu tempo tudo o que lhes foi ensinado por seus professores. Vivem suas orientações incorporadas às suas vidas e sempre que podem encontram seus professores para novos ensinamentos e orientações. Mas, uma vez incorporados à prática filosófica, esta ficou e não mais saiu. Aqui iremos observar apenas um recorte biográfico de um contexto temporal acerca da proposta de um sistema filosófico/religioso com características próprias, cujos registros materiais são existentes apenas nas experiências das pessoas. Nem todos os adeptos dessa linha de tempo foram contemplados aqui, pois a impermanência é a lei que rege o contexto e ela precisa ser obedecida. Tempo, viagens, burocracia, falecimentos, compromissos diversos interferiram nesse projeto, mas o nosso recorte contempla os objetivos propostos e a ele agradecemos.

Um roteiro de entrevista semiestruturada foi utilizado apenas como norteador do processo, mas cada interlocutor foi livre em contar sua história de vida e trazer os aspectos ou fatos que achasse relevante publicizar.

6.5.1 Júlio Hoffman

Homem, casado, advogado.

“Havia uma inquietação em mim, buscava algo que pudesse me dizer como lidar com o sofrimento.”

Júlio Hoffman é um adepto que esteve presente desde o início da *Sangha* do Kunzang Ling. Disse ser uma pessoa bastante reservada, de pouca fala, mas bastante perceptivo. Ele



contou que o Budismo sempre foi algo extremamente importante na sua vida, representando um diferencial enorme. Foi uma grande descoberta. Não me disse seu nome budista, por não lembrar na hora. Foi um nome dado por Ani Lá, quando tomou refúgio logo no início da *Sangha*, como não era um frequentador assíduo, ficando um bom tempo longe do grupo, devido ao tempo escasso que tinha, pouco usava esse nome, terminando por esquecer naquela hora. Mas ele estava anotado em algum lugar do seu material de estudos.

Ele contou que sua história com o Budismo começou através de sua busca pelas religiões, sua inquietação em se ligar a algum contexto religioso que pudesse lhe orientar como lidar com o sofrimento. Sua busca datam dos anos 90, inicialmente através de leituras diversas. Um dia soube através de um amigo, da presença de um Lama que viria ministrar uma palestra em Maceió, isso lhe interessou enormemente e foi então assistir essa palestra. Tal foi a conexão estabelecida com esse professor, que chegou a hospedá-lo em sua casa nas vezes que este veio ministrar ensinamentos em Maceió e ainda não existia uma *Sangha* nem um Centro de Práticas formal.

Também contou que foi acompanhando os ensinamentos e se sentiu muito feliz com a presença desse professor. Depois conheceu Chagdud Tulku Rinpoche que lhe causou imensa admiração e sentiu sua importância pela forma como se expressava e como causava influência a quem estava perto dele, era algo que não conseguia explicar, mas que o tocava profundamente.

Declarou que sua maior conexão é com Ani Lá, e escuta seus ensinamentos desde o início, principalmente quando está no carro, no trânsito pois o relaxa e sorve aproveitando cada palavra. Afirma textualmente que este foi o formato que encontrou para poder estar perto de sua professora e poder lidar melhor com o pouco tempo que tem. Diz que sua prática está longe de ser boa e que não tem muito mérito para obter realizações nessa vida.

Ele explica que faz sempre alguma prática todos os dias e quando está mais livre, faz mais de uma. Não pratica mais por encontrar certo conflito em casa, por não aceitarem sua escolha religiosa, recebendo críticas por ter várias imagens de *Buddha* pela casa. Tem no seu escritório o seu refúgio, o local onde consegue realizar suas práticas formais com certa privacidade. Espera que ao se aposentar possa dedicar mais tempo.

Júlio Hoffman disse que uma prática que mexeu profundamente consigo foi o *Drubchen*²⁴, que ele fez por ter uma energia extremamente forte, ser muito profunda e por

²⁴ (Tib. *sgrub chen*) É um ritual religioso que requer iniciações, recitação intensiva e meditação por um certo período de tempo, significa “grande realização”, é uma forma de prática de grupo intensiva que demonstra a



estar no *Chagdud Gonpa Khadro Ling* em Três Coroas no Rio Grande do Sul, um lugar muito especial. Essa prática, lhe trouxe muitas sacações. Todo esse conjunto de fatores possibilitou um maior entendimento do Budismo.

Ele também falou com muito carinho de sua professora, Ani Zamba Chözom, refere-se a ela como a professora que consegue fazer uma conexão muito boa com os brasileiros e estrangeiros e de ter uma linguagem que possibilita o entendimento do Budismo sem grandes dificuldades.

Ao se referir à *Sangha* do Kunzang Ling, Júlio Hoffman disse que poderia ter contribuído mais e que se o tivesse feito, talvez ela ainda existiria. Diz que sempre ficou muito reservado, na dele. Relata que “poderia ter sido menos egoísta”. Em relação à sua prática, diz que suas dificuldades são devido à falta de tempo e pelos conflitos gerados em casa pela não aceitação de sua escolha, mas continua tentando. Quanto ao seu contato com a literatura, também diz ser bem pouco. Gostaria de ler mais, e sempre lê os livros de Chagdud Rinpoche e citou “Portões da Prática Budista”.

Júlio Hoffman Disse ter uma relação equilibrada com o corpo e a alimentação, mas não por causa do Budismo, mas, por si mesmo. Também relatou não ter um altar pronto, tem muitas imagens de *Buddha* pela casa, mas nada em específico. Pretende ter um dia, quando puder se dedicar mais à prática que espera acontecer quando se aposentar. Ele acredita que não houve conversão ao Budismo, ele já existia em sua vida, faltava apenas a confirmação que se deu quando foi às palestras de Lama Samten e Chagdud Tulku Rinpoche.

É interessante Júlio Hoffman ser agradecido por ter participado de momentos de diálogos sobre suas experiências budistas e fala abertamente essa gratidão a mim pelo seu contato novamente com nossa professora Ani Lá. Ele me disse que fui inteiramente responsável por esse retorno aos ensinamentos. Em sua fala podemos destacar sua plena convicção com a prática Budista e sua determinação em manter-se fiel aos seus votos de refúgio e professores, de quem fala com grande respeito, devoção e carinho. Também destaco a importância que dá à sua família e o sofrimento que tem quanto ao conflito religioso perante sua crença e *Tashi Delek!*

6.5.2 Dawa Lhamo

Assistente Social, professora universitária, pesquisadora



“Passei minha vida inteira voltada para a militância dos direitos das pessoas e me incomodava ver qualquer ser sofrendo. Queria algo que me ajudasse a não causar sofrimento em qualquer ser que fosse. Isso me incomodava demais.”

Dawa Lhamo, significa “Deusa da Lua”, nome recebido numa iniciação de Tara Vermelha, realizada por Chagdud Khadro no Centro Kunzang Ling.

A entrevista com Dawa Lhamo, possibilitou uma das maiores alegrias e uma linda experiência durante esta conversa. Trouxe o olhar da budista pesquisadora, questionadora, e militante política. Sua disponibilidade em falar a respeito de sua experiência com o Budismo e seu entusiasmo com o relato, Sentiu-se profundamente agradecida por participar da pesquisa e contar um pouco sua história, pois achou um marco importante registrar as informações sobre o Budismo em Alagoas; agradeceu a todo instante por tê-la ajudado muito durante sua participação na *Sangha*, orientando quanto ao uso das *Sadhanas* e dos instrumentos de prática. Trouxe presentes que recebi com muito carinho, como um *Gau*²⁵, um anel de ouro com a cabeça de *Buddha* e algumas fotografias. Sua narrativa me emocionou muito, me vi muitas vezes em suas falas cheias de questionamentos.

Contou que sua busca pelo Budismo, se deu pelo fato de estar buscando algo que pudesse proporcionar a ela não causar sofrimento a nenhum ser. Buscava algo que lhe orientasse nesse sentido, que ajudasse a domar sua natureza bélica. Tem uma cultura sempre muito crítica, questionadora e se encontrava numa encruzilhada, onde ao mesmo tempo que buscava essa pacificação do espírito, não queria nada que lhe prendesse, lhe limitasse ou impedisse de seguir seu caminho de militância. Buscava um outro modelo que fortalecesse suas questões acerca do social, da causa do outro.

Ela relatou com bastante ênfase que teve muitos mestres além dos professores do *Dharma*, disse que cada um dos adeptos foi para ela um mestre em potencial, lhes ensinando muito acima do esperado. “Lembro da prática de Tara quando você (referindo-se a mim *Pema Chözang Drolma*), me ensinava como acompanhar a *sadhana*, mostrando e anotando quando eu estava perdida. Sempre tive o carinho de todos e fui tratada muito bem pelos participantes. Fiz amizade rápido com todos e percebi que o Budismo tinha um lugar especial na minha vida.

Também afirma não ter criado nenhuma expectativa com os membros da *Sangha*. Apenas chegou e se deixou levar. Disse que o ambiente lhe sinalizava harmonia e tranquilidade. Sentia-se acolhida. Gostava de estar lá naquele lugar de harmonia. Para ela simplesmente estar ali é suficiente, lhe trazia paz e muita alegria.

²⁵ Relicário, recipiente parecido com um medalhão que guarda substâncias consagradas e relíquias sagradas.



Para ela, a prática dos ensinamentos se faz todo o tempo, mesmo depois do Centro ter fechado, ela continuava realizando as práticas de meditação reunindo-se na casa de uma das adeptas semanalmente, uma vez tendo recebido as iniciações, não tinha como voltar atrás, já estava incorporado à sua vida e era o que buscava. E tem o sonho de poder fazer ainda um retiro de três anos para aprofundar sua prática.

Apontou que as dificuldades sentidas estão em decorrência de não ter em casa total correspondência de suas escolhas filosóficas. Nasceu e vive num ambiente permeado pelo cristianismo, onde sua mãe é católica e por isso sabe todas as rezas e rituais e os pratica sem nenhum problema junto à sua mãe e alguns parentes. Mas não se impede de fazer as suas próprias práticas e frisou que seu objetivo é evitar causar sofrimento a quem quer que seja; em sendo assim por sua mãe estar bem velhinha e com muitos comprometimentos de saúde, ela preza por isso e reza o terço com ela, como também vai a missas ou cultos sem nenhum problema quando o objetivo é estar com seus amigos e se for para o benefícios deles. As facilidades estão em poder continuar transitando tranquilamente nos diversos ambientes, e não se sentir pressionada por nada quanto à manutenção de seu sistema de crenças.

Disse que a literatura sempre fez parte de sua vida. Sendo professora e pesquisadora, manteve sua busca de conhecimento sempre ativa e conta que no momento está lendo “A Essência da Compaixão de Dilgo Khyentse Rinpoche”, E sempre que há uma oportunidade de estar em um ensinamento direto com um professor, ela o faz. Lamentou não ter participado do último retiro com Ani Lá, por ser no final de semana e é quando ela está em revezamento nos cuidados de sua mãe, então por enquanto não será possível se ausentar tanto tempo. Pediu para ser incluída no grupo online para recebê-los.

Dawa Lhamo, disse não ter nenhuma receita específica em cuidar do corpo e da alimentação, procura evitar excessos, ou coisas que já sabe que lhe fazem mal. Não tem dificuldades quanto a isso e procura não ser rígida, apenas observa o que lhe faz bem e lhe interessa.

Especificou que ainda não tem um altar pessoal como gostaria, deseja mandar fazer um no estilo dos oratórios católicos com uma porta, para que possa fechar quando não estiver realizando suas práticas para evitar causar impactos ou transtornos em casa frente aos demais que habitam e circulam e também como uma forma de proteger os componentes desse altar. Mas tem sim uma estatueta de *Buddha* no seu guarda-roupa que fica num canto específico e privilegiado no seu quarto.

Foi bastante contundente também em afirmar que não acredita que tenha havido alguma conversão ao Budismo. “Ele já estava lá, só não sabia onde e foi se manifestando



quando fui conhecendo, estudando, recebendo os ensinamentos. Sempre me soou familiar”, disse enfaticamente.

Os destaques da fala de Dawa Lhamo, estão presentes na sua perspectiva científica do *Dharma*, seu olhar incluindo a ciência o questionamento crítico cerca da realidade e dos fenômenos sociais. Aqui o Budismo se encontra de forma clara com a ciência sem perder sua essência, mas trazendo sua perspectiva analítica constante. Dawa Lhamo não está neste caminho apenas pela visão religiosa, mas sobretudo pela possibilidade de encontrar nesse caminho, meios hábeis para realizar coisas que já fazia antes com outro enfoque teórico/filosófico e que lhe dá dado de realidade. Seu olhar analítico traz à tona a pesquisadora sempre sedenta de respostas às diversas perguntas que o campo lhe traz. A literatura, a pesquisa, a experimentação, fazem do Budismo para Dawa Lhamo, um lugar singular trânsito fluido para seus questionamentos onde o empírico se encontra com o científico em perfeita harmonia.

Quando a entrevista terminou, Dawa Lhamo me deu um abraço, e agradeceu por este momento que foi muito agradável e gratificante, mas fez uma solicitação para nos reunirmos novamente para fazermos as práticas e restabelecer o contato, pois agora estava sozinha, pois as amigas com quem fazia as práticas semanais, faleceram. *Tashi Delek!*

6.5.3 Pema Namgyal

Homem, Advogado, Fotógrafo amador.

“O que me encanta no Budismo é a possibilidade de ir além do que acredita que é. “É a possibilidade de me destruir, de me quebrar, de desconstruir.”

Pema Namgyal, que significa “Completamente Vitorioso”, nome recebido por Ani Lá em cerimônia de tomada de refúgio, me recebeu, com muito carinho se prontificou a colaborar inteiramente com a pesquisa por achar importante o registro dos dados sobre o Budismo em Alagoas. Em uma conversa animada, foi contando sua história com muita tranquilidade. Me mostrou seu altar, suas *tangkas*, seus objetos de prática, e me presenteou com uma *tangka* de Guru Rinpoche e várias fotos para compor meu arquivo.

Contou que tinha relação direta e direta com o espiritismo, e frequentou por vários anos. E veio conhecer o Budismo através de um cartaz que viu numa farmácia homeopática. O cartaz, anunciava uma palestra e vivência de *Ngondro*²⁶ com *Chagdud Khadro*. O assunto lhe

²⁶ Significa preliminar. Consiste numa série de práticas com muitas repetições. É a fundação de toda a prática Vajrayana. São elas: Vajrasattva, Oferenda de Mandala, Guru Ioga e Prostrações (KHYENTSE, 2017, p. 55-56).



chamou atenção e resolveu ir conferir de perto pra conhecer. Se encantou com a filosofia e começou sua transição. Algumas pessoas presentes na palestra já eram suas conhecidas o que também lhe fez assegurar a importância do evento

Disse que o Budismo lhe dá dado de realidade, lhe faz ver as coisas de forma mais claras, sem máscaras. O que lhe encanta no Budismo é a possibilidade de ir além do que acredita que é. “É a possibilidade de me destruir, de me quebrar, de desconstruir”. O Budismo tem a capacidade de mostrar o real.

Relatou que sua relação com a *Sangha* do *Kunzang Ling*, era menos intensa. Fazia as práticas, mas não se envolvia muito, seguia as orientações de Ani Lá, mas ainda não tinha a proximidade que veio surgir quando da finalização do grupo e a formação do grupo de estudos Budistas Visão *Dipankara* para continuar dando suporte para as orientações de Ani Lá em terras alagoanas; isso era mais forte e mais evidente com a *Sangha* do Tashi Chekhor Ling, tinha mais proximidade com o professor que era o Lama Kenpa e com os demais participantes.

Disse que procurava ser assíduo nos ensinamentos que era sempre muito reservado no centro, entrava e ficava sentado em sua almofada aguardando a prática começar.

Contou que sua prática dos ensinamentos se dá de forma contínua. Estuda sempre o que lhe é recomendado por seus professores, especialmente o que Ani Lá lhe sinaliza, se tornou responsável pela organização dos ensinamentos e retiro dela todos os anos e acompanha via internet sempre que possível.

Enfatizou ter uma relação bastante estreita com Ani Lá, esteve em vários dos retiros em que ministrou ensinamentos, durante a existência da *Sangha*, como organizador de alguns e em seu domicílio quando da cidade de Mucugê na Bahia, acompanhando de perto. Relatou o quanto Ani Lá é firme em sua fala, sendo bastante contundente lhe deixando muitas vezes sem reação e com muitas interrogações na cabeça. “Costumo não questionar o que é dito, por considerar as falas de Ani Lá como extremamente sábias e pontuais. Eu fui a um retiro com Ani Lá em Mucugê e só recebi lapada. Fiquei na casinha dela, num quarto que mal me cabia, eu dormia com os pés do lado de fora do quarto de tão pequeno que era. Mas foi muito bom estar lá na presença dela. Ela estava saindo do retiro numa caverna que tinha lá. Foi uma experiência maravilhosa. Ela é minha principal professora.” Disse também ter uma relação muito boa com Lama Kenpa, sente nele uma conexão profunda, tem alguns objetos feitos por ele como um altar em MDF e um *damaru*.

Relatou não ter muitas dificuldades com a sua prática, a qual acontece tranquilamente, tem em sua casa um espaço com seu altar, livros, estatuas, *tangkas* e *thormas*, que usa com



frequência. E sempre que pode viaja para receber ensinamentos de outros mestres qualificados que tem conexão. Está sempre lendo alguma coisa, principalmente quando por indicação de Ani Lá. Procura estar sempre cuidando do corpo e da alimentação, mas sem exageros. O que come tem a ver exatamente com sua necessidade de cuidados, não porque o Budismo exige. Procura ser simples e sem exageros.

Pema Namgyal disse que o Budismo aconteceu na sua vida, não acredita nessa história de conversão, mas de conexão. Buscou seu computador e disponibilizou várias fotografias e mostrou diversas outras que tem tirado e também que tem juntado de Ani Lá, para preservação de sua memória e registro de suas ações, ensinamentos.

O destaque das falas de Pema Namgyal, estão na sua afirmação de uma crença que lhe possibilitasse melhor forma de lidar com o sofrimento e ter no budismo a possibilidade concreta de lidar com algo que lhe dá dado contínuo de realidade, mantendo seus pés no chão. Também é fato destacar o amor e respeito pelos professores e sua determinação em segui-los de forma confiante, considerando suas falas bastante sábias e pontuais. Outro aspecto importante, diz respeito quanto a ideia de conversão, da qual diz contundentemente não acreditar nisso.

Esta entrevista foi uma das mais ricas que pude ter, recebi muitas fotos pra compor o acervo que estou organizando, a conversa foi larga e farta, sem preocupação com o tempo, redeu muitas lembranças e emoções. Pema Namgyal, respira Budismo, sua presença exala compromisso com a filosofia, foram momentos de muita alegria, por se estabelecer um ambiente de pertença. Tomamos chá durante toda a conversa e deixando-se as portas abertas para muitas possibilidades no futuro. *Tashi Delek!*

6.5.4 Pema Namgye Döndrup

Homem, Arquiteto, Professor de Arte Marcial, casado.

“O que o fez e faz ser Budista, é a vontade de melhorar, de buscar não causar sofrimento a ninguém. Tenho um compromisso muito grande com isso. A prática está sempre comigo, na minha ação diária.”

Pema Namgye Döndrup, significa “Aquele que faz a flor de lótus abrir”, participou ativamente da pesquisa. Desde o início o interlocutor mais participativo, disponibilizou fotos, dados, informações, foi o meu colaborador mais intenso. Ficou muito feliz quando disse da pesquisa e que seria ele um dos meus interlocutores. Somos amigos desde o nosso ingresso na *Sangha* que se deu praticamente ao mesmo tempo.



Disse que sempre teve uma ligação com o Budismo. Sempre lhe atraiu e já buscava algo e em 2004 namorava uma garota católica e soube do centro budista e resolveu visitar. Ao chegar se encantou com o ambiente, com as cores, com os objetos, com os cânticos e começou a frequentar. O que fez com que terminasse o namoro pois a namorada não aceitava o Budismo e botava muitas dificuldades. Não demorou muito e solicitou refúgio recebendo o nome de Pema Seldron que significa “Clara Luz do Lótus”, que permaneceu por alguns anos com esse nome, sendo depois renomeado quando da renovação dos votos feito com Lama Kenpa de quem se tornou tradutor e *unze*²⁷. Foi um dos membros mais ativos da *Sangha* era responsável pela comunicação do Centro, pela divulgação dos eventos, pelo contato com os leigos, conduzia algumas práticas e auxiliava ao Lama todo o tempo.

Relatou que o que o fez e faz ser Budista, é a vontade de melhorar, de buscar não causar sofrimento a ninguém. Tem um compromisso muito grande com isso. O que é prontamente demonstrado aos seus alunos na academia de artes marciais que tem. Lá faz meditação com os alunos e utiliza os conteúdos aprendidos com os professores budistas incorporados as suas aulas.

Contou que sua relação com a *Sangha*, se estabeleceu muito rápido. “Me dei muito bem com a *Sangha*, foi muito rápido. Logo me adaptei as rotinas e estava sempre lá, participado de tudo, me integrei totalmente, em pouco tempo tinha tomado refúgio e logo já estava conduzindo algumas práticas, fazendo a arte dos cartazes dos ensinamentos, do site, da comunicação do centro. Havia uma conexão muito forte”.

Disse que os ensinamentos estão sempre lhe seguindo. “A prática dos ensinamentos está sempre comigo”. Disse que sua relação com os professores foi sempre muito forte e rápida. Relatou que foi ao Chagdud Gonpa Khadro Ling, passar uns três meses e ficou por um ano lá. Aprendeu muito e foi uma experiência fantástica, que não tem como definir. Foi lá que conheceu o Lama Kenpa de quem se tornou amigo e *unze* depois quando este veio residir em Maceió.

Contou que as dificuldades que tem em relação a ser praticante é com as pessoas que não entendem sua escolha, mas que procura não se ligar muito nisso com isso pois essa é a essência da prática, aprender a lidar com as pessoas. E busca seguir adiante. O que as pessoas dizem a respeito dele ser budista hoje não mais é relevante. Em casa não há dificuldades com isso. Há uma grande mistura de crenças e todos se respeitam muito.

²⁷ Assistente do Lama, na condução das práticas e rituais.



Relatou que seu contato com a literatura é constante. As facilidades da internet o ajudam a manter a leitura em dia. Tem uma grande âncora com os ensinamentos já obtidos e isso favorece suas pesquisas, mesmo hoje não estando mais ligado a uma *Sangha*. Costuma ouvir os ensinamentos gravados há muito tempo os quais foram ministrados por seus professores. Tem coisas muito antigas gravadas que lhe causam certa nostalgia, mas o mantém próximo dos ensinamentos.

Disse que sua relação com o corpo com a alimentação é tranquila. Por ser praticante de arte marcial seu corpo é cuidado por isso. Não bebe, não fuma e usa substâncias tóxicas. Procura ter uma alimentação saudável, mas sem estresse. Tem seu altar pessoal, montado em casa e o mantém limpo e cuidado conforme foi ensinado. Diz que o Budismo sempre esteve em sua vida e isso é sua filosofia de vida e o que lhe mantém.

O que destaco na fala de Pema Namgye Döndrup, é seu envolvimento com os ensinamentos e a *Sangha*, e sua clareza do que quer. Sua atividade é intensa. Não consegue estar num lugar sem se dar por inteiro e sempre com muito bom humor. Tem a disciplina o ponto auto de sua prática.

A conversa com Pema Namgye Döndrup, foi muito divertida, rimos muito todo o tempo pois estabelecemos uma amizade e uma cumplicidade muito forte. Lembramos de muitas situações vividas, das práticas que conduzíamos, dos momentos que íamos ao centro simplesmente para ficar lá cuidando da sala de prática, conversando com o Lama Kenpa, recebendo pessoas ou simplesmente praticando alguma meditação. Éramos uma dupla que estávamos sempre juntos, havia uma sintonia que nos permitia saber fácil o que se queria dizer. Temos um carinho enorme um pelo outro, irmãos *vajra*, irmãos do *Dharma*. É sempre muito bom estarmos junto. *Tashi Delek!*

6.5.5 Kunza Yeshe

Homem, viúvo, professor de Aikido, Administrador.

“O Budismo me lança luz sobre o desapego, é um caminho de liberdade. Minha vida é sempre um convite a lidar com o apego. E isso pra mim é Budismo e isso me faz ser budista”.

Kunza Yeshe, significa “Sabedoria Primordial”, nome recebido durante seu casamento em 18/01/2005, por Ani Lá, me recebeu para a entrevista na praça de alimentação do Shopping. É uma pessoa de temperamento forte, intenso e muito atento, sempre falando do tempo curto, dos bichos que cria, fala com o corpo inteiro, traz sempre muita informação. Ficou muito feliz em poder participar da pesquisa e disse que disponibilizaria o que eu



precisasse para compor a pesquisa. E falar do Budismo pra ele é sempre trazer à tona inúmeras experiências de vida, com o Aikido, com o seu casamento, por ter sido o primeiro casamento budista do estado e as pessoas não entendiam o ritual, como se portar, se conduzir.

Começou inicialmente a falar dos animais que cria, que recolhe na rua e que estão doentes e está buscando meios de mantê-los junto com a atual namorada. Disse que sua prática foi anterior a sua entrada no centro Budista. O Aikido foi sua prática budista inicial. Foi através da filosofia dessa arte que conheceu o Budismo e daí ao ingressar na *Sangha*, foi apenas complementar. E sua iniciação real com os ensinamentos, se deu através de Lama Samten, quando de sua vinda a Maceió. Foi convidado por uma amiga dona de uma farmácia de manipulação que fazia Aikido com ele, a ir a uma palestra desse professor.

Relatou que tem se abstraído do conceito do que é ser budista, em razão do que tem vivido. O que lhe toca é a ideia de do apego. É algo que tem sido muito intenso todo o tempo em sua vida. Diz que “o Budismo lhe lança luz sobre o desapego, é um caminho de liberdade. Sofro com as perdas a começar de minha esposa, depois seus bichos, minha academia..., minha vida é sempre um convite a lidar com o apego. E isso pra mim é Budismo e isso me faz ser budista”.

Falava de forma enfática, gesticulando e com voz intensa: “Pratico os ensinamentos estando presente, atuando, ativo. Estou aqui com você, mas estou atento a nossa conversa e ao que está acontecendo ao meu redor, se alguém me tocar aqui agora pelas costas, vai levar um sopapo, vou reagir imediatamente. O movimento circular das coisas que também está no Aikido, você sabe disso. O constante movimento das coisas, é isso que é o Budismo, estar presente nas coisas”.

Para Kunza Yeshe, sua relação com o professor é de profundo respeito. “Tenho uma conexão muito grande com Lama Samten, com Lama Tsering que esteve na inauguração do Centro e me presenteou com o livro de Sogyal Rinpoche, „O livro tibetano do viver e do morrer”, que ainda não consegui ler. Mas está na minha cabeceira e pretendo mergulhar na sua leitura, pois o acho extremamente importante e foi uma das maneiras de me pôr a lidar com a impermanência das coisas. E sei que tenho que ler para poder resolver a perda de minha esposa, que me faz muita falta”.

Relatou que sua relação com a *Sangha*, sempre foi boa, embora não tenha participado muito dela porque três meses depois de meu casamento, sua esposa foi diagnosticada com câncer. “E eu passei a ter que lidar com isso durante dez anos. E foram muitas viagens a São Paulo, e o tratamento intenso que ela passou, nós estivemos vivendo em função dessa realidade. O que me fez não estar presente em muitas das atividades promovidas pela *Sangha*.



E estar com “Valquíria o meu amor, era prioridade. Ela me acalmava, me aquietava, me entendia e nós os entendíamos. Eu vivi o Budismo com ela, durante a doença dela. E ainda estou vivendo essa história”.

Referiu que, suas dificuldades em praticar o Budismo, está no tempo. “Para mim o tempo é muito pouco pra práticas formais. Mas pratico ele o tempo todo, na ação. Sempre que posso vou a um ensinamento, procuro estar atento”.

Discorreu sobre sua relação com o corpo dizendo: “Minha relação com o corpo é tranquila, procuro comer coisas que me façam bem. Não tenho aquela paranoia de ser vegano, vegetariano, de não comer carne, acho que é impossível ser totalmente assim com as necessidades que temos. Mas não sofro com isso não. Tento não causar sofrimento a nenhum animal, e cuido do meu corpo de forma tranquila, com a prática do Aikido”.

Mencionou que não tem um altar em sua casa no momento. “Tinha quando Valquíria estava viva, ela era praticante do Hinduísmo e praticava comigo o Budismo também, e, depois que ela faleceu guardei tudo, tenho minhas práticas de silêncio, adoro isso. Ficar sozinho em silêncio, observando as coisas, fico lá aguardando as plantas, lavando o canil, sem pressa. Vou lavar os talheres, faço isso cuidadosamente, meu altar é esse. Um dia arrumo ele, mas está ligado ao apego, não me apego a coisa alguma. Sou assim e pronto.”

Quando perguntado se se converteu ao Budismo, Kunza Yeshe declarou enfaticamente “Não me converti a nada. Não acredito nessa coisa de conversão, você vai para aquilo que te faz bem e pratica. Eu vou a todas as religiões, fico lá enquanto me faz bem, quando não, saio de boa, deixo lá. Estou agora indo aos cultos com minha namorada, porque gosto do pastor e da pregação dele, mas não por causa dela e já disse que no momento que não me fizer mais bem, não vou mais. Não tem essa de ser evangélico, católico, budista, convivo com todas. W. era praticante do Hinduísmo, e casamos no Budismo, foi o primeiro casamento budista do estado, foi um auê. No dia aquela movimentação danada, teve uma repercussão imensa, as pessoas não entendiam e eu fiquei observando, foi um dia chuvoso, muita gente, contratei pessoas para ficar cuidando dos carros pois a rua era muito deserta, pedi a uns amigos policiais para fazer uma ronda por lá. Gosto do Budismo por me sentir bem e familiarizado com ele. Essa coisa de conversão não existe pra mim”.

O destaque na fala de Kunza Yeshe, está em relacionar a prática da filosofia com seu cotidiano. Sua vida é sua prática, a todo o tempo relata isso que os ensinamentos possibilitam o enfrentamento com a prática, para ele a prática está ali para mostrar fielmente o que os professores tentam dizer em suas palestras ou ensinamentos e que muitas vezes é duro e forte.



A conversa com Kunza Yeshe, aconteceu num ritmo acelerado é assim em qualquer momento que o encontre. Ele está sempre muito intenso em suas falas, em sua expressão. Fala com todo o corpo e não foi diferente nesta entrevista. Apesar de estarmos num café do shopping, sua performance foi a mesma. Mas extremamente agradável e dinâmica. Se emocionou em falar da *Sangha*, pois sua história com ela está diretamente atrelada ao seu casamento, cuja esposa faleceu e era seu grande amor e foi também a sua maior experiência com o conceito mais forte do Budismo, a impermanência. Muito aprendizado. *Tashi Delek!*

6.6 O Caminho do Bodhisattva

Os relatos das histórias de vida trazidos pelos interlocutores descrevem de maneira clara o quanto o Budismo interferiu e continua interferindo em suas vidas. Mudando suas formas de ser e pensar, mas sobretudo se incorporando aos seus saberes e em muitos casos apenas reafirmando conteúdos já existentes. Fica evidente que o caminho do *Bodhisattva* percorrido aqui em Alagoas é algo bastante literal. A prática filosofia é a todo o tempo um chamado para a prática, a qual não se esgota. Os adeptos descritos aqui nesta pesquisa, estão bastante envolvidos e à sua maneira estão percorrendo este caminho.

O *Dharma* floresceu em Alagoas, isso é certo. Pode não mais ter uma *Sangha* estruturada nos moldes tradicionais tibetanos como dantes o fora, mas deixou vestígios claros que encontrou lugar para ficar, ele ganha novos contornos outrora reafirmados pelo Dalai Lama em sua visita em 2006. De acordo com Schenkel (2015, p.82-83), o Dalai Lama chamou atenção de todos dizendo da importância da preservação da pluralidade cultural, onde os adeptos budistas não careciam de se “travestir” com trajes exóticos para se reafirmarem budistas, tão pouco deveriam ser intolerantes para com sua própria cultura. Deveriam sim buscar sua verdade interna e evitar o proselitismo, com isso incentivou a perspectiva leiga não-religiosa, como a forma mais adequada de transmissão do Budismo no ocidente.

É esse o formato encontrado na realidade dessa parte do Nordeste do Brasil. O cenário em Alagoas se reveste de muitos adeptos leigos, que percorrem o caminho do *Bodhisattva*, comprometidos com a essência da premissa de desenvolver condições a fim trabalhar para a eliminação do sofrimento dos seres, inserindo sua realidade cultural ocidental à realidade cultural oriental tibetana. As narrativas apresentadas aqui possuem dados dos espaços coletivos visitados por cada um dos interlocutores. São narrativas pessoais de cunho individual, com a premissa de expressão de si mesmo, no qual cada um especificamente mostra que fazem a Roda do *Dharma* girar ao se preocuparem em pôr em prática os ensinamentos descritos por *Buddha* no Primeiro Girar que são as Quatro Nobres Verdades, e



estas são base da filosofia budista. Conhecer as verdades do sofrimento, as causas do sofrimento, as possibilidades de cessação e os caminhos da cessação são a preocupação básica destes adeptos. As falas de Dawa Lhamo, Pema Namgye Döndrup e Kunza Yeshe são bem claras quanto a isso. Cada um dos girares encerram em si desdobramentos das Quatro Nobres Verdades em iniciações e ensinamentos que foram presenciados por cada um dos adeptos aqui presentes. Ani Lá é extremamente enfática na condução desses ensinamentos, os quais estão caracterizados no terceiro girar que trata da Natureza da Mente e sendo esses adeptos seus alunos, ela busca orientá-los no treino da mente para entender como ela funciona criando os obstáculos e obscurecimentos para impedir a compreensão do sofrimento. Estamos todos transitando a todo o tempo pelos três girares a fim de estabelecer o melhor entendimento do *Dharma* já que o escolhemos para ser o norteador de nossas vidas. Observei em cada interlocutor um compromisso real coma teoria. Um envolvimento completo inserindo os ensinamentos em práticas vivenciadas no cotidiano da vida. As narrativas não eram um mero jogo de palavras, eram histórias reais de vivências articuladas com as vidas das pessoas. Os interlocutores falavam de si de forma bastante descritiva e com precisão clara e consciente.

De acordo com Maluf (1999), as narrativas são de caráter autobiográfico, e, tem na escrita antropológica a descrição e a busca de interpretações de seus conteúdos e sistemas simbólicos de onde emergem. Dessa forma minha intenção enquanto pesquisadora é fazer o que Maluf (1999, p.75) diz, “pensar a variedade e a riqueza observadas como parte de um processo ao mesmo tempo subjetivo e social, além de fazer o exame da situação de enunciação ou de performance e da própria narrativa em sua totalidade, buscando os sentidos e os significados.” Tarefa nada fácil, porém, muito gratificante e enriquecedora para compreensão das experiências subjetivas. Assim o caminho do *Bodhisattva* se faz. Seguindo adiante, mesclando-se aos diversos contextos culturais possibilitando aos que nele desejam abraçar, esse lugar de fala, de ação, de aprendizado revela essa presença Budista em Alagoas através de seguidores de mestres.



7. IMAGENS, CORES, FORMAS E VISUALIDADES SAGRADAS DO BUDISMO TIBETANO

“A fotografia foi deliberadamente escolhida para compor essa pesquisa. Ver o cenário no qual o Budismo tibetano se insere é fundamental e não pensei duas vezes em optar por essa inserção. Achei por bem fazer o diálogo com a antropologia visual e mostrar a beleza de imagens produzidas nas fotografias que fiz e que recebi de meus interlocutores. E é claro que a ideia também perpassa pelo fato de favorecer o melhor entendimento com a descrição através das palavras, que quando se vê se forma uma opinião mais aproximada da realidade. E foi muito emocionante revisitar as memórias produzidas ao ver as imagens. A mente viajou por inúmeras lembranças fazendo o meu coração palpitar e os olhos marejar quando vi cada uma das fotos a ser selecionadas para estar neste trabalho, o que me foi bastante difícil pela quantidade e variedade de informações que cada uma trazia.”²⁸

Este capítulo tem como proposta trazer fotografias dos rituais, práticas e elementos budistas, mostrando a variedade de objetos, cores, sentidos e significados presentes na Escola *Vajrayana* e possibilitar um diálogo pertinente dentro de aporte teórico do campo da Antropologia Visual. As fotos utilizadas foram reunidas a partir de acervos particulares de adeptos que cederam ou disponibilizaram o acesso a elas para a presente pesquisa. São também imagens que produzi que registram minha participação nos eventos. A escolha das imagens foi feita seguindo a seleção em termos de representatividade delas de rituais, ensinamentos, objetos de prática, sentidos e significados. Foram considerados também critérios tais como a qualidade das imagens, visualidades sagradas, cores e formas utilizadas no Budismo. Foi seguido a metodologia de apresentação da fotoetnografia de acordo com formato de pranchas tal com Alves (2004) utilizou com a composição delas em pranchas através de explicação à luz da teoria.

O Budismo Tibetano é extremamente rico em imagens, cores, formas as quais compõem visualidades carregadas de uma série de sentidos e significados que delineiam, definem e mostram como a cultura, a forma de ser e pensar desta filosofia se constitui. Esse repertório de características perfaz a os rituais, os ensinamentos que norteiam a orientação e vivência das práticas dos seus adeptos. Na tentativa de entender esse repertório imagético budista utilizo orientações teóricas de antropólogos visuais para ajudar a fazer essa

²⁸Trecho do diário de campo, escrito em outubro/2017.



fotoetnografia e discutir esse imagético universo de possibilidades visuais manifestadas dentro do Budismo.

Começamos com a questão da imagem, de acordo com Sylvia Cauby Novaes (2005) “imagens, tais como os textos, são artefatos culturais, permitindo aprofundar a compreensão do universo simbólico, que se exprime em sistemas de atitudes por meio dos quais grupos sociais se definem, constroem identidades e apreendem mentalidades” (p.110). A cultura tibetana tem essa característica forte. Sua identidade está intimamente ligada ao processo filosófico, religioso que o define também no aspecto social e político. É tarefa da Antropologia trazer a experiência biográfica na construção do texto científico que comporta as informações contidas no espaço cultural de cada espaço frequentado pelo pesquisador na sua busca incessante de sentidos e significados.

Um dos objetivos da Antropologia sempre foi o de contribuir para uma melhor comunicação intercultural, o uso das imagens muito mais que o de palavras, contribui para essa meta, ao permitir captar e transmitir o que não é imediatamente transmissível no plano linguístico (NOVAES, 2005, p.110).

Essas imagens trazem no seu bojo um conjunto de informações, expressando e dialogando constantemente com o modo de vida da sociedade que as produz. Um diálogo repleto de questões culturais e políticas fundamentais, expressando toda uma diversidade ideológica. Tem um conteúdo performático onde muitas vezes, olhar pode ser o suficiente para se entender o que se está dizendo.

A imagem pela especificidade de sua linguagem é segundo Novaes, mais flexível do que o texto, no sentido de acomodar, em sua estrutura narrativa, múltiplos significados, e é, portanto, um elemento essencial para que se possa analisar como esses significados são construídos, inculcados e vinculados pelo meio social. Implica numa negociação de sentido que transcende a própria imagem e que se realiza no contexto com que ela convive. A imagem, assim, aponta para esses textos, podendo ser lida, ela própria, como um texto (NOVAES, 2005.p111).

Uma imagem vem carregada de informações, detalhes, dados que por si só definem, fatos, ações, significados que não seriam ditos de outra forma com tanta especificidade. Ela documenta a realidade social e congela a informação se fazendo eterna na evidência que declara. A fotografia possibilita registro de memória e espelho da realidade. Conforme Novaes (2005, p.111), “a fotografia explicita uma mistura feliz de informação, acaso, estética e intenção.” No Budismo Tibetano vemos de forma contundente elementos estéticos, visuais, intencionais, presentes na sua cosmologia que se reflete no cotidiano, de uma forma bastante imbricada e confluyente. Porque a imagem traduz a representação mental e cotidiana dos indivíduos e da sociedade.



Segundo Achutti (2004, p.111), “as fotografias são recortes arbitrários, traduções da realidade. Uma fotografia é a materialização de um olhar, é o discurso de um olhar.” Aqui teremos olhares; os olhares de quem retratou a imagem e os olhares de quem vê as imagens, e por consequência, diversos pontos de vista, trazendo uma grande riqueza de interpretações. E as imagens sagradas do Budismo Tibetano, possuem essa característica singular. Sozinhas falam desvairadamente. Produzem informações atingindo de forma intensa a todos que com elas se encontram.

O caminho de compreensão dessas imagens se dá pelos ensinamentos e iniciações ministrados pelos professores, mediante o conhecimento da psicologia budista. Cada imagem carrega em si um conjunto de informações e dados das representações mentais produzidas pela mente e que dão origem aos diversos padrões de comportamentos e processos emocionais.

Cada uma dessas imagens carrega a força de uma cultura que se constitui se define ao mesmo tempo de forma social, filosófica e política. E assim se explica e se insere nos diversos contextos com os quais interage. De acordo com a ideia de Novaes sobre acerca da imagem,

a imagem nos traz presença daquilo que nela está representado e, neste sentido, ela é um modo de presença, pois associa o objeto ou pessoa representada a sua presença em nós que a observamos, daí esse processo de familiarização que a imagem desencadeia (Novaes 2012. p.02).

Isto fica bastante evidente, a presença desse construto do objeto observado. Elementos diversos estão presentes impregnados de mensagem, de sentidos e significados. Uma linguagem poderosa assentando um discurso onde essa linguagem é segundo Alfredo Bosi (1974), *apud* Novaes (2014), ao mesmo tempo sequência e estrutura, movimento e forma, curso e recorrência. O ir e vir demandado pela percepção visual em curso. Enquanto pesquisadora e adepta recorro neste sentido a uma reconstrução etnográfica, no sentido da experiência em campo para entender esse universo empírico. É uma experiência transformadora e bastante difícil de falar por exigir o distanciamento necessário para atingir a análise adequada para a compreensão do objeto estudado. Como elemento etnográfico, a fotografia possibilita um recorte do campo sobre o qual se estuda, isolando fragmentos do universo que investiga de acordo com Novaes (2014).

Então, o que a imagem nos revela? O que ela nos diz acerca de si mesma e o que enseja com sua composição neste contexto onde a religiosidade se confunde, ou melhor, se mistura com o social de um povo? É como Etienne Samain (2012.p.57) diz, as imagens pertencem à ordem das coisas vivas, pois são fenômenos por combinar aportes dos mais variados. A visualidade trazida pelas imagens fotográficas, registram histórias e conteúdos



pertinentes ao contexto sócio histórico tibetano, e a construção ideológica desses elementos. Boris Kossoy (1996. p.42) diz que toda fotografia que apreciamos se refere ao passado, um passado que diz do momento vivido, acerca das situações, sensações e emoções registradas sob a forma de impressões que com o tempo se tornarão etéreas, nubladas, longínquas. Porém do ponto de vista do sentido e significado presente no conteúdo trazido pelo registro imagético, esta informação trazida está presente no *continuum* espaço de tempo nos mostrando que tudo não para de acontecer.

A fotografia diz sem dizer de acordo com Novaes (2014) incita muitos comentários que vão sendo postos por cada olhar que pousar nas imagens. A fotografia também contempla novas reflexões sobre as próprias experiências de quem contempla, ela é aberta para que o observador possa mergulhar em seu interior e perceber em si mesmo o que a foto desperta.

Implica num reconhecimento que não passa pela palavra, mas pela sensibilidade do olhar, pela intuição, pela capacidade de estar no lugar certo na hora certa, pela sensibilidade de colocar o corpo (e a câmera acoplada) na correta distância. (NOVAES, 2014. p.63).

Esse é um ato que requer um aprendizado minucioso e extremamente paciente, algo que requer segundo Neusa Rolita Cavedon (2005) uma dialética constante entre o objetivar e o subjetivar no que é fotografado e ainda a ideia de posse de realidade. Relato que a fotografia possui três características: a de registro documental por representar a realidade; artística por criar emoções e textual por transmitir ideologias e valores. Com isso ela salienta que diante da fotografia o expectador adquire função epistêmica, estética e simbólica por receber nesse amplo conteúdo imagético, informação, sensação e representação sociocultural, permitindo-lhe assim reafirmar e precisar sua relação com o mundo da imagem.

A fotografia tem um caráter simbólico servindo de mediadora entre o expectador e a imagem, possibilitando trazer à tona o saber, os afetos, as crenças, os modelos culturais e sociais de uma época, classe social e cultura, das quais o expectador foi parte integrante e é representante (CAVEDON, 2005.p.16).

É aqui que entra a objetividade e a subjetividade no sentido da forma de como a coisa é observada e registrada. Onde a etnografia se faz presente para possibilitar uma relativização, o distanciamento necessário para compreender determinados comportamentos e interpretá-los. A etnografia transforma as imagens em palavras, possibilita dizer do que se está vendo. Narrar do ponto de vista teórico o que a experiência e a vivência mostram e explicar o que a imagem traduz no mento em que é capturada.

A fotografia e a etnografia requerem a capacidade de lidar com a emoção e de saber utilizar a mesma para o descortinamento de elementos recônditos no cerne do fazer científico (CAVEDON, 2005.p.21).



Nesse diálogo da antropologia com a fotografia é possível trazer elementos importantes na construção de narrativas. Condição essa que segundo Novaes (2014) não é dada ao texto acadêmico ou jornalístico. Eu falo também que essa condição está na ideia de acolhimento da experiência de quem contempla e ouve o que experiencia. Ou seja, existe uma abertura da fotografia em possibilitar ao observador um mergulho no seu interior, para perceber em si mesmo o que a foto representa.

É nessa perspectiva que segue a reflexão dessa pesquisa, onde de acordo com Cavedon (2014) a narrativa tem a capacidade de conservar suas forças e continuar se desenvolvendo e o narrador segundo Benjamin (1996) é livre para narrar sua história como quiser como disser. De acordo com Cavedon (2014) Ao fotografar o pesquisador isola alguns fragmentos do universo que investiga, um recorte que evidencia alguns aspectos do campo que são realçados pela foto e com eles, dialoga.

A fotografia funciona em nossas mentes conforme diz, como uma espécie de passado preservado, lembrança imutável de certo momento e situação, de certa luz, de determinado tema, absolutamente congelado contra a marcha do tempo (KOSSOY, 1996, p.42).

É na tentativa de manter esse momento vivido, que insistimos em manter o caráter simbólico, afetivo das imagens, na forma de memória, de representação, de possibilidade de narrativa. O Budismo Tibetano tem uma riqueza de informações presentes nas diversas imagens, repletas de cores e visualidades que falam por si só, mas que possibilitam ao indivíduo inúmeras interpretações do seu universo imagético. Cada item trazido abre inúmeras oportunidades interpretativas gerando mais e mais meios de entendimento da rica filosofia que a rege.

E esse conjunto trazido na riqueza dessas imagens, cores e visualidades fazem parte e sintetizam o fazer do Veículo do Diamante, que compõe com seus rituais as diversas possibilidades oferecidas no caminho para a busca da iluminação. Buscamos mostrar isso através das imagens das fotografias trazidas pelos adeptos. As cores, formas e visualidades trazidas pelas imagens fotográficas, não só registram histórias e conteúdos pertinentes ao contexto sócio histórico do povo tibetano, mas, sobretudo da construção ideológica desses elementos.

É o que estará presente nas páginas seguintes, no formato de pranchas categorizadas por temáticas que vão sendo explicadas no corpo da organização da fotografia em cada uma das pranchas apresentadas. Cada prancha terá um conjunto de até seis fotos, retratando um acervo visual que poderá ter desdobramentos posteriores para estudos mais aprofundados dentro da Antropologia visual.





PRANCHA 1

SALA DE PRÁTICA O espaço de práticas é preparado para possibilitar aos praticantes, lugar para meditar e receber ensinamentos. Local das ações rituais, do altar das deidades, do envolvimento da *Sangha* com a vivência da filosofia, troca de energia e convivência. Local formal obedecendo os elementos da tradição a qual está vinculada. Compõe esse espaço um altar ou vários altares cujo local é composto de oferendas e homenagem as Deidades. Oferendas aos elementos do universo, aos seres do mundo, às mentes iluminadas, São tigelas, *Thormas*, lamparinas, Incensos, comida, adornos, facas cerimoniais, flores. As lamparinas lembram, aos praticantes a necessidade de se manter vigilante, em claro, atento, com atitudes lúcidas para seguir o caminho.

Para o Budismo, o altar revela um espaço de oração e reflexão para trabalhar os aspectos da mente. Dessa forma, cada elemento sugere ao praticante a possibilidade de meditar sobre aquele aspecto e conhecer seu significado mais profundo. E também a forma inicial de tomada de refúgio, ou seja, de reafirmar seu compromisso com as Três Jóias: O *Buddha*, O *Dharma*, a *Sangha*. O refúgio é o ato de lembrar, prestar homenagem e fazer compromisso de nunca se desviar da responsabilidade de agir como um *Buddha*. E no treino da mente assegurar também ao praticante que o poder de mudar a mente não está do lado de fora, mas dentro de si próprio. Porém, precisa reconhecer a natureza da mente para conseguir o estado de iluminação. O que é feito através da simbologia dos diversos objetos que compõe o altar e o ritual que o segue. O ritual de montagem do altar é feito diariamente e a cada cerimônia ou prática ritualística. Cada item é cuidadosamente tratado com atenção e respeito. Geralmente no início do dia, com alguma recitação de mantra e desmontado ao final do dia, encerrando a prática. Cada praticante seguirá a orientação dada pelo professor de sua confiança e pela tradição que segue.

No Budismo Tibetano, a composição do altar é feita da seguinte forma: sete tigelas de água a qual significa a generosidade; oito oferendas auspiciosas: água de beber e água de lavar; Os alimentos, representando a energia; o Incenso, as boas ações; a lamparina, a sabedoria; as flores, a transitoriedade da vida; as *Thormas* e as imagens, a mente iluminada; as facas, as relações de apego; o som, a ignorância.





Fotografia 1. Sala de Práticas do Kunzang Ling.



Fotografia 2. Sala de Práticas Tashi Chekhor Ling.





Fotografía 3. Oferendas de Flores.



Fotografía 4. Oferendas de Flores.





Fotografía 5 – Altar de ofrendas



Fotografía 6 – Altar de ofrendas



PRANCHA 2

Rituais – Os rituais budistas variam de uma escola para outra. Tradicionalmente, incluem venerar a *Buddha* e recitar as Três Jóias e os Cinco Preceitos. O culto pode dar-se num santuário em casa ou num templo. Os rituais são compostos de preces que no Budismo *Mahayana*, podem ser dedicadas também aos *Bodhisattvas*. Recitar tais preces ou girar a roda de orações para simbolizar um mantra repetido são outras maneiras de ganhar mérito. A prece, em vez de servir para pedir alguma coisa, é uma tentativa de combinar os pensamentos íntimos com as boas energias. Os casamentos, são considerados um sacramento. A cerimônia de matrimônio é ministrada no templo pelo abade ou oficiante (homem ou mulher). Em países como o Brasil, alguns costumes tradicionais da religião se misturam com tradições ocidentais. Ensinaamentos são orientações dadas pelos professores acerca de um tema específico ou uma preparação para aprendizado e prática de uma forma de meditação. Ex.: Tara Vermelha, *Cherezing*, Buda da Medicina, *Drupchen*, Essência do *Siddi*, *Shamatha*, etc. O *Tsog* é uma prática que envolve alimentos, significa reunião. É um encontro entre praticantes. É o mais excelente método no caminho do Budismo *Vajrayana* para fazer oferendas e acumular mérito e sabedoria e purificar carma, confessar as falhas e quebras de compromissos, além de criar condições para liberação de obstáculos. É geralmente executada nos quartos de lua, oitavo e vigésimo terceiro dia do mês lunar. Há iguarias e sabores variados que transitam entre o salgado, doce, amargo, ácido e apimentado. Também são oferecidas, flores, incenso, bebidas alcoólicas e não alcoólicas, lamparinas. Pode ser realizado como oferenda em benefício de pessoas que estejam passando dificuldades, em memória de entes queridos, para remover obstáculos e criar conexão auspiciosa com alguém ou algum acontecimento, confessar as falhas e reestabelecer seu compromisso com o *Dharma* para beneficiar todos os seres, em comemoração de alguma data auspiciosa. A liberação de animais, tem como objetivo criar mérito e desenvolver ação auspiciosa para criação de bom carma.





Fotografia 1 – Casamento



Fotografia 2 – Ensino





Fotografia 3 – Ensino



Fotografia 4 – Tsog





Fotografia 4 - Tsog



Fotografia 5 – Tsog





Fotografia 6 – Liberação de Animais



PRANCHA 3

THANGKAS – No Budismo Tibetano as *Thangkas*, são pinturas a mão feitas em tecido, pergaminho, representando as deidades ou ensinamentos cujo objetivo é possibilitar a visualidade das representações mentais. Essas pinturas estão presentes na maioria dos mosteiros e centros de prática, não só como ornamentação, mas também como indicativo da reverência à mente iluminada do *Buddha*.





Fotografia 1 – *Buddha Shakyamuni*





Fotografia 2 – Guru Rinpoche





Fotografia 3 – Roda da Vida





Fotografia 4 – Buda da Medicina





Fotografia 5 – Troma



PRANCHA 4

OBJETOS DE PRÁTICA – São acessórios utilizados para auxiliar as práticas meditativas. São objetos bem diversificados cada um com uma função específica, podendo ser utilizados associados ou isoladamente. Depende da prática ou ensinamento que se estiver sendo feito. São eles: O **Mala de Contas** (espécie de rosário) indiano de 108 contas. É usado para a meditação com mantras, para que a mente se concentre no som e energia do mantra e não na contagem da quantidade de repetições (que podem ser feitas tanto em voz alta ou sussurrada quanto apenas mentalmente). Geralmente as repetições - *japa* - são realizadas 108 vezes (ou vários ciclos de 108 ou divisões de 108), número que carrega a energia para transcender condições limitantes. A cada conta, faz-se ritmicamente uma repetição inteira do mantra trabalhado. A conta principal - *meru* - que une o mala, nunca faz parte das repetições, servindo para demarcar o início e o fim do *japa* de 108 mantras. Inicia-se a entoação a partir da primeira conta após o *meru* e ao completar as 108 repetições, vira-se o mala na direção contrária e reinicia-se a partir da última conta - que se torna então a primeira desse novo ciclo. Cada mala tem a energia de seu dono e do mantra para qual é usado e pode ser usado também para decorar o ambiente de meditação ou ornar imagens de divindades. É considerado um objeto de proteção, podendo ser usado, inclusive, pendurado no pescoço ou pulso. As **Sadhanas** são textos litúrgicos para a prática da meditação. Para se utilizar uma *sadhana*, é preciso de um professor qualificado que oriente o aluno com o conhecimento necessário. O **Sino** representa a sabedoria, o princípio feminino o som também representa o corpo e a fala iluminados, a repetição de mantras. O **Dorge** representa a natureza vazia de todos os fenômenos e simboliza o **método** ou **meios hábeis**, o princípio masculino. As **Thormas** – São oferendas preparadas especificamente em rituais tântricos como sinal de devoção. Sua base geralmente é colorida em branco e vermelho, cônicas circulares, coloridas completando a decoração do altar. Sua utilidade é variada e são usadas como representação de algumas divindades, como para o consumo ritual durante certas cerimônias e também como oferta para acumular méritos e remover obstáculos no caminho espiritual ou para acalmar espíritos hostis.





Fotografia 1 – Mala de 108 contas



Fotografia 2 – Mala de Mão 21 contas



Fotografia 3 – Sadhanas





Fotografia 4 – Sino e Derge



Fotografia 5 - Thorma



Fotografia 6 - Thorma





Fotografia 7 - Serkien.



PRANCHA 5

Altar pessoal – A prática de altar diz respeito à tomada de refúgio. Não existe um formato específico, mas a ideia básica é estabelecer a conexão com as Três Jóias (o *Buddha*, o *Dharma* e a *Sangha*). É preciso ter um lugar reservado para o Altar, deve conter imagens de *Buddha* ou das deidades que se tenha iniciação, sete tigelas de oferendas contendo água de beber, água de lavar, incenso, comida, som (que pode ser representado por uma concha), flores e perfume, que são oferecidas na cultura tibetana a qualquer visitante como forma de boas-vindas. Deve conter um prato com alguma comida, uma lamparina e seu mala de recitação de mantra. As tigelas devem ser preparadas ao nascer do sol e retiradas ao pôr-do-sol, e se estiverem vazias devem estar voltadas para baixo. O Altar é uma forma de reverenciar o *Buddha* e manter uma conexão com o professor e com o *Dharma*. Pode conter, ainda, uma foto do seu professor, e deve ser mantido limpo e bem cuidado todos os dias.





Fotografia 1 – Altar pessoal de Pema Namgye Döndrup.





Fotografia 2 – Altar pessoal de Pema Namgyal.





Fotografia 3 – Altar pessoal de Pema Chözam Drolma.



8. CONSIDERAÇÕES FINAIS – DESFAZENDO A MANDALA

Este é o momento de desfazer a mandala iniciada no primeiro dia da pesquisa. Ela foi composta de vários símbolos, cores e figuras cuidadosamente desenhadas representando a jornada empreendida nesse caminho, O caminho do *Bodhisattva*, que é também o meu caminho, insere-se num círculo mágico que foi composto de um estudo dos mais prazerosos que realizei. Possibilitou-me estudar com forte intensidade a filosofia budista, tendo acesso a ensinamentos profundos, aprimorando minha prática e conhecendo pessoas maravilhosas que foram excelentes mestres ao colaborarem para o meu desenvolvimento pessoal e acadêmico. Despertou-me a *bodichita* da compaixão, e reafirmou meu *samadi*, meu compromisso com meus mestres, com minha prática, com a minha preciosa vida humana.

Cada uma das dificuldades encontradas trouxeram preciosas lições de paciência e compaixão fascinantes. Cada uma das condições surgidas e criadas foram motivo suficiente para tornar essa pesquisa um registro importante para o meio acadêmico dentro do traçado espiritual e filosófico que o Budismo possui. A primeira dessas condições é o registro histórico desse evento religioso no contexto das terras alagoanas; a segunda é o diálogo com os sujeitos participantes desse processo, ao vivenciarem essa presença através da contribuição de suas histórias de vida, dentro de suas experiências; a terceira, é o estudo aprofundado da filosofia budista com seus enfoques particulares, específicos e enxergar mais ainda o seu potencial teórico com sentimento de familiaridade e clareza, aumentando assim meu respeito, carinho e apreço por essa prática cultural ímpar; o quarto, é estar na qualidade de pesquisadora dentro do campo antropológico e poder contribuir com o conhecimento acadêmico com o registro desses conteúdos; a quinta é o fato de poder me ver como observadora participante e engajada interlocutora na indagação dessa história; a sexta é a vivência desse processo de trazer o olhar de dentro através das minhas vivências e experiência subjetiva e, ao mesmo tempo, trazer um olhar de fora, utilizando metodologias do campo antropológico dentro do contexto da pesquisa.

Cada capítulo fora desenhado com o objetivo de trazer luz e clareza às informações e importantes dados etnográficos acerca da filosofia budista visando literalmente informar ao público acadêmico e não acadêmico sobre a presença dela em Alagoas. Mostrar o Caminho do *Bodhisattva* na forma das histórias contadas por seus interlocutores, nas imagens capturadas pelas fotografias, nos escritos dos mestres, e nas discussões acadêmicas, foram os objetivos que me fizeram percorrer cada parte desse caminho e me permitir aprender cada lição trazida por ele.



O primeiro capítulo teve como objetivo versar sobre a cosmologia budista, sobre a visão de mundo, de homem e a perspectiva filosófica do que foi dito e ensinado por *Buddha* servindo como bússola para nortear o entendimento do caminho a ser percorrido pelos adeptos e em todo ele a tônica principal é a noção de como entender e lidar com o sofrimento e a preciosa vida humana. Cada adepto foi pontual em trazer em seu relato a sua preocupação com esse sentido a exemplo de Dawa Lhamo, que relatou que sua busca era a encontrar uma forma de poder trabalhar para evitar causar sofrimento em nenhum ser e o Budismo foi a filosofia que lhe deu as condições para realizar seu desejo. Era algo que ela já fazia, mas, não sabia como incorporar à sua vida cotidiana com o suporte teórico/prático para isso.

O segundo capítulo teve como objetivo apresentar os mestres, suas trajetórias de vida, seus ensinamentos e sua importância na propagação do *ethos* da filosofia budista na vida dos alagoanos que os seguiram. Cada ensinamento ministrado por esses mestres, refletiu nas mentes e ações dos adeptos e são veementemente lembrados um exemplo é o de Ani Zamba Chözom na fala de Pema Namgyal, que diz não questionar as falas dela por considera-las extremamente sábias e pontuais, ela é a minha principal professora eu Pema Chözam Drolma, que me emociono sempre que estou na presença dela e fui sua *Tchupen* (assistente) nas práticas que realizei durante os anos que ela morou aqui em Maceió. A exemplo de Lama Samten com quem Kunza Yeshe e Júlio Hoffman dizem em seus relatos terem estabelecido uma conexão profunda com suas orientações tendo-o hospedado em suas casas algumas vezes e sentem profunda paz ao estarem em sua presença.

No terceiro capítulo, o objetivo foi relatar através das histórias de vida dos adeptos, suas experiências com o Budismo, mostrar o grau de importância que tem esta filosofia através de suas narrativas subjetivas, singulares e íntimas permitindo dessa forma, um encontro etnográfico que possibilitou entender o caráter extensivo da experiência descrita por eles, favorecendo à pesquisadora diversas interpretações dos sistemas simbólicos de onde essas experiências emergem. Pema Namgyal diz “fui a um retiro com Ani Lá e só levei lapada. Mas não questionei, apenas ouvi e refleti.” Ele mostra o quanto as palavras de Ani Lá são fortes e certeiras. Ou quando Dawa Lhamo fala que o Budismo já estava lá, só não sabia onde e foi se manifestando quando foi conhecendo, investigando. Ou quando os adeptos dizem estar fazendo suas práticas independentemente da existência de uma *Sangha*, porque os ensinamentos já estão postos.

E o quarto e último capítulo, que traz as fotografias dos espaços de prática, advindas dos acervos dos adeptos e cujo objetivo era fazer uma discussão com a antropologia visual,



pelas imensas possibilidades que esse sistema de crença tem em visualidades o qual se torna um prenúncio de acervo imagético a ser organizado para futuro registro de pesquisa visual.

O campo foi muito rico favorecendo o objeto de pesquisa, trouxe muitas possibilidades de outras incursões e investigações. Abre-se nesse momento muitos caminhos para serem explorados, muitos convites possibilitando maravilhosos diálogos com a Antropologia, um vez que o Budismo está intimamente ligado à ciência e nela se ancora tendo-a como importante parceira para trazer luz às indagações das mentes inquietas.

O caminho está longe de terminar, ficou claro que ele ainda está se fazendo, e, é exatamente esse o significado dele. Para o praticante budista, não é a chegada que lhe interessa, mas o percurso que vai vivenciando. É o exercício da atenção plena, do estar presente, atento. É a meditação realizada na ação pois o caminho só existe quando por ele se passa. Que a mandala se desfaça e todos os seres possam se beneficiar. ***Tashi Delek!!***



9. REFERÊNCIAS

- ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. Fotoetnografia da Biblioteca Jardim. Porto Alegre: Editora da UFRGS: Tomo Editorial, 2004.
- ALAGOAS 24 horas. Maceió abriga cultura Tibetana. Disponível em <<http://www.alagoas24horas.com.br/846082/maceio-abriga-cultura-tibetana/>>. Acesso em 18 nov. 2018.
- ALVES André. Os Argonautas do mangue. Unicamp. Imprensa Oficial - SP (IMESP). 1ª Ed, 2004.
- ANDRADE, Clodomir Barros de. Budismo e a Filosofia Indiana Antiga. São Paulo, Fonte Editorial, 2015.
- AVELINE, Ricardo Strauch. As transformações históricas do Budismo e suas implicações ético-sociais. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UNISINOS – São Leopoldo, 2011.
- BARROS, Maria Theresa C. O Despertar do Budismo no ocidente no século XXI: contribuição ao debate. Tese, Medicina Social, UERJ, 2002.
- BARROSO, Victor Breno Farias. Rostos de um *Buddha* tupiniquim: Breve panorama social do Budismo no campo religioso brasileiro. Paralellus, Recife, v. 7, n. 15, set./dez. 2016, p. 483-499.
- BERTAUX, Daniel. Los relatos de vida. Perspectiva Etnosociográfica. Barcelona: Ediciones Belaterra, 2005.
- BINGEIMER, Maria Clara Lucchette. O Censo e as Religiões no Brasil. Editora Reflexão. PUC/RJ, 2010.
- BIAZUS, Paula de Oliveira. Fotoetnografia da Biblioteca Jardim. Horizontes Antropológicos. Porto Alegre, v. 12, n. 25, p. 301-306, Junho 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832006000100018&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 07 Abril 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832006000100018>.
- BOFF, Leonardo. Espiritualidade. Um caminho de transformação. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.
- BOSI, Alfredo. Imagem, Discurso. Discurso, São Paulo, v. 5, n. 5, p. 65-86, aug. 1974. ISSN 2318-8863. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/discurso/article/view/37780>>. Acesso em: 21 nov. 2017.
- BONI, Paulo César; MORESCHI, Bruna Maria. Fotoetnografia: a importância da fotografia para o resgate etnográfico. *Revista Digital de Cinema Documentário*, n.3, p.137-157. Disponível em: http://www.doc.ubi.pt/03/artigo_paulo_cesar_boni.pdf. Acesso em: 13 jan. 2012. 2007
- CAMURÇA, Marcelo Ayres. *A realidade das religiões no Brasil no Censo do IBGE 2000*. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata. As religiões no Brasil: continuidades e rupturas. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.



CAVEDON, Neusa Rolita. Fotoetnografia: a união da fotografia com a etnografia no descortinamento dos não ditos organizacionais. *Organ. Soc.*, Salvador, v. 12, n. 35, p. 13-27, Dec. 2005. Available from

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-92302005000400001&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 13 Set. 2017.
<http://dx.doi.org/10.1590/S1984-92302005000400001>.

CAPUTO, Juliana de Lima. Difusão Histórico-Espacial do Budismo no Brasil e em Minas Gerais. PUC/MG. Programa de Pós-Graduação em Geografia-Tratamento de Informação Espacial. BH/2011 Mestrado. Orientação Prof. Dr. Alexandre Alves Diniz.

CEISTUTIS, Alexandre Freitas. “Tornei-me Budista sem Querer”: Budismo presente nas obras de Richard Wagner. Mestrado em Ciências da Religião. São Paulo: PUC/SP, 2014.

CLELAND, E. "The vajrakilaya sadhana, an euro-american experience of a nyingma ritual". Department of Sociology and Anthropology, Carleton University, 2011. Dissertação de mestrado não publicada.

CLIFFORD, J. **Sobre a Autoridade Etnográfica**. 1998

file:///C:/Users/S%C3%ADlvia/Documents/ANTROPOLOGIA%20MESTRADO/Clifford-experiencia_etnogr%C3%A1fica_Cap01-Cap02.pdf. Acesso em 15/08/16.

COLEMAN, J. W. "The new buddhism, the western transformation of an ancient tradition". New York: O.U.P., 2002.

COEN, Monja. Gênero no Budismo. Mojacoen.com.br. Acesso em 07/05/17

CSORDAS, Thomas. *Corpo/significado/cura*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2008.

DOKHAMPA, Gyalwa. *A lua no espelho: uma versão incomum da Prajana Paramita*. Edição revisada de Lama Jigme Lhawang; tradução de Lúcia Brito – 1ª ed. Teresópolis, RJ: Lucinda Letra, 2013.

ECKERT, Cornélia & ROCHA, Ana Luiza Carvalho. *Etnografia da duração: antropologia das memórias coletivas em coleções etnográficas*. Porto Alegre: Marcavisual, 2013.

ECKERT, C. “Questões em torno do uso de relatos e narrativas biográficas na experiência etnográfica”. In: *HUMANAS, Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas*, Porto Alegre, v. 19, n 1-2, 1994-1997 (p.21-44).

FERRARO, Giuseppe. “Dimensões filosóficas da doutrina budhista do anātma (“não si”). *Revista Religare*, v.8, n° 1 (2011). Disponível em:

<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/religare/article/view/10943> Acessado em 12/02/2012.

FOOTE-WHYTE, William. "Treinando a observação participante" In: GUIMARÃES, A. Z. *Desvendando Máscaras Sociais*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1980. p. 45 a 66.

FILHO, Clóvis, Correia de Souza. *Introdução a Psicologia Tibetana*. Vozes Editora. Rio de Janeiro, 1982

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.



GOLDENBERG, Mirian. A arte de pesquisar. Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Record, 2005
 GOLVEIA, Ana Paula. Introdução à filosofia budista. Paulus Editora, 2016

GOLDPHIN, Nuno. A Fotografia como recurso narrativo: Problemas sobre apropriação da imagem enquanto mensagem antropológica. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 1, n. 2, p. 161-185, jul./set. 1995

GOLVEIA, Ana Paula. Introdução à filosofia budista. Paulus Editora, 2016.

GONÇALVES, Ricardo M. “As flores do *Dharma* desabrocham sob o Cruzeiro do Sul: aspectos dos vários „Budismos” no Brasil”. REVISTA USP, São Paulo, n.67, p. 198-207, setembro/novembro 2005. Disponível em <http://www.usp.br/revistausp/67/14-goncalves.pdf>
 Acessado em: 28/05/2011.

GROSS, RITA M. Mulheres budistas como líderes e professoras. Estudos Feministas, Florianópolis, 13(2): 256, maio-agosto/2005. University of Wisconsin – Eau Claire

GROSS, RITA M. Mulheres budistas como líderes e professoras. Rev. Estud. Fem. Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 415-423, ago. 2005. Disponível em:
 <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2005000200015&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 11 Set. 2018.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2005000200015>.

GROSS, RITA M. Buddhism After Patriarchy: A Feminist History, Analysis, and Reconstruction of Buddhism. Albany, NY: SUNY, 1993.

GROSS, RITA M. “Buddhism.” In: SHARMA, Arvind, and YOUNG, Katherine K. (eds.). Her Voice, Her Faith: Women Speak on World Religions. Boulder, CO: Westview, 2003. p. 87-90.

GYATSO, Geshe Kelsang. Oito passos para a felicidade: a maneira budista de amar. Ed. Tharpa, 2007.

GYATSO, Tenzin (XIV Dalai Lama). O mundo do Budismo tibetano: uma visão geral de sua filosofia e prática. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001

GURAN, Milton. Documentação Fotográfica e Pesquisa Científica: Notas e Reflexões. XII Prêmio Funarte Marc Ferrez de Fotografia.

GUNTHER, Hartmut. Pesquisa qualitativa, versus pesquisa quantitativa: esta é a questão? Pesq.: Teor e Pesq., Brasília, v.22, n.2, Ago. 2006. Disponível em:
<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v22n2/a10v22n2> Acesso em 15/12/2015.

HESSE. Hermann. O Lobo da Estepe. Rio de Janeiro/São Paulo Edições Record/Altaya. 1955. p.177.

JAPIASSÚ, Hilton e MARCONDES, Danilo. *Dicionário Básico de Filosofia*. 3.ed. revisada e ampliada Rio de Janeiro: Zahar, 2001

LIBÓRIO, Luiz Alencar. Budismo: Cosmologia e Espiritualidade. Paralellus, Recife, v. 7, n. 15, set./dez. 2016, p. 459-481



KHYENTSE, Jamyang. Não é para a felicidade: um guia para as chamadas práticas preliminares/plagiado por Dzongsar Jamyang Khyentse – Teresópolis, RJ: Lúcida Letra, 2017.

KOSSOY, Boris. Fotografia e memória: reconstituição por meio da fotografia. In: Samain, Ettiéne (Org.). O fotográfico. São Paulo: Hucitec; Senac São Paulo. 2005.

KUNG, Hans. Religiões do mundo: em busca dos pontos comuns. Trad Carlos Almeida Pereira. Campinas, SP: Verus Editora, 2004. ISBN -13:978-85-87795-57-1.

LIMA, C.M.G. de; DUPAS, G.; OLIVEIRA, I.de; KAKEHASHI, S. Pesquisa etnográfica: iniciando sua compreensão. Rev. latino-am.enfermagem, Ribeirão Preto, v. 4, n. 1, p. 21-30, janeiro 1996. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v4n1/v4n1a03>. Acesso em agosto/2018.

MALUF, Sônia Weidner. Antropologia, Narrativas e Busca de Sentido. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 5, n. 12, p. 69-82, dez. 1999

MONTEIRO, Paula. Religião, modernidade e cultura: novas questões. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata. **As religiões no Brasil**: continuidades e rupturas. Petrópolis: Editora Vozes,2006.

MORIS, Tony. Em que acreditam os budistas? Trad Marilene Cezarina Tombini. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. ISBN 978-85-200-0839-3.

NINA, Ana Cristina Lopes. Ventos da impermanência. Um estudo sobre a Ressignificação do Budismo Tibetano da Diáspora. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

NOVAES, Sylvia Caiuby. O uso da imagem na Antropologia. In O Fotográfico. 2ª Ed, São Paulo: Editora Hucitec/Editora SENAC São Paulo, 2005.

NOVAES, Sylvia Caiuby. A CONSTRUÇÃO DE IMAGENS NA PESQUISA DE CAMPO EM ANTROPOLOGIA. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/viewFile/36791/23802>. Acesso em 12/09/2017.

NOVAES, Sylvia Caiuby. « O silêncio eloquente das imagens fotográficas e sua importância na etnografia », *Cadernos de Arte e Antropologia* [Online], Vol. 3, No 2 | 2014, posto online no dia 01 Outubro 2014, consultado o 13 Setembro 2017. URL: <http://cadernosaa.revues.org/245>; DOI: 10.4000/cadernosaa.245. Acesso em 12/09/17

PADMASAMBHAVA/YESHE TSOGYAL. A Lenda da Grande Stupa/A Vida do Guru nascido do Lótus. São Paulo: Darma, 1997

PAULA, C. “O príncipe hindu Sidarta Gautama, o iluminado”. *Superinteressante*, nº 174, março/2002. Disponível em: <http://super.abril.com.br/religiao/principe-hindusidarta-gautama-iluminado-442777.shtml> Acessado em: 10 mar. 2011.

PERIANO, Mariza. A Favor da Etnografia. Relume-Dumará RJ, 1995. http://www.marizapeirano.com.br/livros/a_favor_da_etnografia.pdf. Acesso em 15/08/16

PEACOCK, John. O livro tibetano da vida, da morte e do renascimento: um guia ilustrado da sabedoria tibetana. São Paulo, Pensamento, 2005.



- PRAIAS de Maceió. Centro Budista Kunzang Ling: o Tibete chegou à Maceió, Alagoas. Disponível em <<https://www.praiasdemaceio.com/centro-budista-kunzang-ling/>>. Acesso em 18 nov 2018.
- RABTEN, Geshe. A senda graduada para a libertação: instruções orais de um lama tibetano. Trad. Izar Tauceda. Brasília: Ed Teosófica, 1993.
- RINPOCHE, Patrul. As palavras do meu professor perfeito: um guia para as preliminares da essência do coração do vasto espaço da grande perfeição. Três coroas/RS. Editora Makara, 2000.
- RIBEIRO, José da Silva. Métodos e Técnicas de Investigação em Antropologia. Universidade Aberta. 2003. Lisboa.
- ROSADO-NUNES, Maria José. Gênero e Religião. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo Estudos Feministas, Florianópolis, 13(2): 363-365, maio--agosto/2005
- SAMTEN, Lama Padma. A joia dos desejos. São Paulo: Petrópolis, 2001. (a)
- _____. Meditando a vida. São Paulo: Petrópolis, 2001. (b)
- _____. O Mandala do Lótus. São Paulo: Petrópolis, 2006.
- _____. A roda da vida: como caminho para a lucidez. São Paulo: Petrópolis, 2010
- SALVAGNI, Julice; SILVEIRA, Marco Antônio Negri da. Discursos Imagéticos: a fotografia como método da pesquisa social. Anais Eletrônicos do II Encontro História, Imagem e Cultura Visual - 8 e 9 de agosto de 2013 Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – Porto Alegre – Brasil GT História, Imagem e Cultura Visual - ANPUH-RS. Acesso em 12/09/17
- SAMAIN, Etienne, 2012. As imagens não são bolas de sinuca. Como pensam as imagens. pp.21-36 in Samain, E. Como pensam as imagens. Campinas. Editora Unicamp.
- SAMAIN, Etienne Ghislain. 1995.” Ver e Dizer na Tradição Antropológica. Bronislaw Malinowski e a Fotografia.” Horizontes Antropológicos v. 2. pp.19-48.
- STEINER, Neusa. A Mulher nos Jardins de Buda. Mescla Editorial, 2009.
- SCHENKEL, Klara Maria. O *Buddha* e o extremo oriental das Américas: um estudo etnográfico das práticas budistas no estado da Paraíba. – <http://tede.biblioteca.ufpb.br:8080/handle/tede/4206> - Acesso em 18/10/16.
- TASHI Chekhor Ling. Lama Kenpa. Disponível em <<http://tashichekhorling.blogspot.com/p/lama-kenpa.html>>. Acesso em 18 nov. 2018.
- TULKU, Tarthang. As três jóias: *Buddha, Dharma e Sangha*. São Paulo: Editora *Dharma*, 1994.
- TULKU, Chagdud. O senhor da dança – a autobiografia de um lama tibetano. Tradução de Cândida Bastos. Porto Alegre: Makara, 2005.
- USARSKI, Frank. O Budismo e as outras. Encontros e desencontros entre as grandes religiões mundiais. Letras & Letras. Aparecida, 2009. ISBN 978-85-7998-053-7



USARSKI, Frank. “Declínio do Budismo „amarelo“ no Brasil”. *Tempo Social, Revista de Sociologia da USP*, São Paulo, v. 20, n. 2, pp 133 – 153. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ts/v20n2/07.pdf> Acessado em 06 jun.2012

_____. Conflitos religiosos no âmbito do Budismo internacional e suas repercussões no campo budista brasileiro. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 26(1): 11-30, 2006.

_____. O Budismo no Brasil - um resumo sistemático. In: USARSKI, Frank (org.). *O Budismo no Brasil*. São Paulo: Lorosae, 2002.

_____. O momento da pesquisa sobre o Budismo no Brasil: tendências e questões abertas. *Debates do NER*, Porto Alegre, Ano 7, n.9, p.129-141, jan./jun. 2006.

VARENNE, Jean-Michel. *O Budismo Tibetano*. Martins Fontes. São Paulo, 1983.

VARENNE, Jean-Michel. *O Tantrismo*. Martins Fontes. São Paulo, 1984.

WEBER, Florence. 2009. “A entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou: por que censurar seu diário de campo?” *Horizontes Antropológicos*. 32. p.157-170, jul./dez. 2009.

ZIBECHI, Aloma Sellanes (org). *Os latino-americanos e o Tibete: harmonia na diversidade*. São Paulo: Palas Athena, 2011.

YÜN, Hsing. *Sutra do Buda da Medicina: Introdução, comentários e preces*. Trad de Luciana Franco Piva. São Paulo: Mirian Paglia editora de Cultura Ltda., 2004.



GLOSSÁRIO

Avalokiteshvara – Bodhisattva celestial que é a manifestação da compaixão de todos os Budas.

AbhiDharma – Sistematização do pensamento budista contido nos sutra/sutta.

Amitayus – O Budh da longevidade.

Bodhi – O despertar de buddhi, a mente.

Bodhisattva – Um Buda antes do despertar.

Bodhichitta – O desejo e a atitude de atingir a iluminação em prol de todos os seres sencientes.

Bön – Religião antiga também praticada no Tibete fundamentada numa visão xamânica do mundo e da natureza.

Buddha – O “Desperto”, ou o “Iluminado”.

Buddha Shakyamuni – O Buda histórico, Siddharta Gautama (c. 563-481 a.C.), que viveu na Índia e atingiu a iluminação.

Carma – Termo de origem sânscrita que quer dizer literalmente “ação”. Princípio de causa e efeito, segundo o qual todas as ações (mentais, verbais ou físicas) levam a situações ou experiências futuras e todas as experiências são consequências de ações passadas. Experiências de felicidade ou sofrimento são consequência, respectivamente, de ações virtuosas ou não virtuosas.

Dharma – no contexto upanixádico, papel sociopolítico, no Budismo, (i) ensinamento específico, (ii) a doutrina budista em conjunto, (iii) elementos que informam a experiência e organizam a realidade.

Dzogchen – A “Grande Perfeição”. O ensino e a prática do tantra interior mais elevado (Atiyoga), o ápice dos ensinamentos tântricos e filosóficos da Escola Nyingma.

Estupa – Monumento budista típico, encontrado em formas diversas, representando simbolicamente a iluminação de Buda. Literalmente significando, em “sânscrito”, “suporte de oferendas”, frequentemente contém relíquias de seres iluminados.

Guelug – A mais recente das ordens do Budismo tibetano, fundada no século XV por Lama Tsong Khapa monástico tibetano. Os Dalai Lamas pertencem a essa ordem.

Gueshe – Título conferido a lamas da Escola Guelugpa, equivalente a um título de “Doutor em Budismo”.

Guru – O mestre.



Guru-Raiz – Guru, em sânscrito, “mestre”, literalmente “pesado”, termo que transmite o sentido de autoridade e superioridade hierárquica do mestre. Guru-Raiz é o mestre de maior influência sobre o caminho espiritual de um praticante.

Hinayana – O “Veículo Monástico”. É o sistema fundamental do Budismo, cujas sementes foram lançadas quando Buda Shakyamuni, logo após atingir a iluminação, deu seus primeiros ensinamentos, revelou as Quatro Verdades Nobres e lançou as bases de uma das mais revolucionárias instituições criadas pela nova religião: a *Sangha*, ou comunidade, no caso monástica. A tradição *Hinayana* tem como ideal espiritual a consecução do arhat, ou santidade, e cultiva ainda a ideia de que apenas uma vida monástica levaria à iluminação. Assim, essa tradição ficou associada, de forma derogatória, a uma motivação individualista de busca apenas pela própria libertação, negando aspectos universalistas dos ensinamentos de *Buddha*. A única Escola *Hinayana* ainda existente nos dias de hoje é a Escola Theravada, no Sudeste Asiático.

Ioga – Termo que, significando literalmente a união com o estado natural da mente, está normalmente relacionado com a prática espiritual.

Iniciação – Transferência de poder. Autorização para ouvir, estudar e praticar os ensinamentos do *Vajrayana*.

Irmãos e Irmãs vajra – alunos do mesmo professor, ou com quem recebemos ensinamentos do *Vajrayana*.

Kadam – Importante ordem do Budismo tibetano, iniciada por Atisha e fundada por seu principal discípulo, Dromtönpa, no século XI. Três séculos mais tarde, Tsong Khapa reavivou essa ordem, que passou então a ser conhecida como *Guelug*.

Kagyü – Ordem do Budismo tibetano fundada no século XI por Marpa, Milarepa e Gampopa, com uma importante combinação de papéis: tradução dos ensinamentos (Milarepa) e organização monástica e intelectual dos ensinamentos (Gampopa). De grande importância nessa escola é a linhagem dos Karmapa, que instituíram a prática de reconhecimento de reencarnações.

Kalpa – Ciclo de destruição e formação do universo.

Lama – Termo tibetano que significa “Mestre espiritual”, equivalente ao termo “guru” em sânscrito. Professor espiritual.

Lama-Raiz – O principal ou primeiro professor, professor espiritual de quem recebemos iniciações, comentários e instruções essenciais. Professor que nos introduziu a natureza da mente.



Lojong – “Treinamento da Mente”. Tradição do *Mahayana*. Os Oito Versos para o Treinamento da Mente, compostos por Langri Tangpa (1054-1123), oferecem práticas para o cultivo da compaixão, sabedoria e Bodhichitta.

Mahayana – Tradição budista mais popular na Ásia central e no extremo oriente. Grande Veículo.

Mandala – Do sânscrito, centro, circunferência. Cria campo energético, representa a natureza cósmica.

Mantra – São sons ou fórmulas (que podem variar de apenas uma ou duas sílabas a frases inteiras) que, recitados de forma repetitiva em conjunção com uma prática de visualização, evocam um estado de iluminação ou energia positiva e protegem a mente do praticante de percepções ordinárias.

Meditação – Deixar a mente descansar em um objeto de contemplação ou reflexão.

Mérito – carma positivo, a energia gerada por ações positivas de corpo, fala e mente.

Mudra – Em sânscrito, “selo”. Gesto ritual realizado com as mãos que simboliza qualidades iluminadas.

Nirvana – A libertação budista. O estado do além do sofrimento.

Nyingma – A ordem do Budismo tibetano com raízes mais antigas, iniciada na época de Padmasambhava (século VIII). Foi a primeira instituição budista completa no Tibete, tornando-se uma ordem distinta mais tarde (século XI) quando outras ordens se estabeleceram (daí eu nome, Nyingma, “antiga tradução”. Baseada em ensinamentos e traduções antigas de textos, um de seus ensinamentos principais é o da Grande Perfeição (Dzogchen).

Padmasambhava – O “nascido da Flor de Lótus”.

Padma - Lótus

Prajñā – Sabedoria.

Prostrações – gesto de reverência, no qual a testa, as duas mãos e os dois joelhos tocam o chão.

Protetores do Dharma – Deidades que protegem os ensinamentos para que não sejam enfraquecidos, para que suas transmissões não sejam distorcidas ou adulteradas. São às vezes emanções de *Buddhas* ou *Bodhisattvas* e outras vezes são espíritos, deuses ou demônios que foram subjugados por um grande mestre espiritual e que juraram proteger o *Dharma*.

Puja – Em sânscrito, “oferenda”. Normalmente se refere a uma oferenda associada a um ritual ou à recitação de uma sadhana.

Refúgio – Conjunto de votos tomados pelo neófito ao se decidir seguir as práticas budistas. Toma-se refúgio no *Buddha*, no *Dharma* e na *Sangha*.



Roda do Dharma – Símbolo de ensinamentos de *Buddha*

Sadhana – Método soteriológico. Livros de mantras para recitação.

Sakya – Ordem do Budismo tibetano fundada em 1703 com a criação do Monastério Sakya. Um de seus mais proeminentes representantes foi Sakya Pandita, considerado uma emanção do Bodhisattva Manjushri.

Samsara – A ronda de transmigrações; os desejos insatisfeitos. Círculo interminável de existências condicionadas que estão impregnadas de sofrimento e frustração resultantes da ignorância e de outras emoções negativas.

Samaya – Pode significar acordo, compromisso, convênio, preceito, limite, etc. No Vajrayana é o vínculo sagrado entre professor e discípulo, e também entre discípulos.

Stupa - São a representação simbólica da mente de *Buddha*. São construídas para guardar restos mortais de mestres iluminados e em locais de passagens das pessoas, ou em cruzamentos para diminuir as forças negativas e encorajar a harmonia entre as pessoas. Tornase também um local de continua visitação e peregrinação para adeptos. Tornando-se assim parte integrante da cultura, sendo ricas em cores, formatos, desenhos que designam a mente à qual está relacionada

Sangha – A comunidade e a ordem budista.

Sutra – Um texto conciso falado por *Buddha*, ensinamentos.

Tantra – Termo sânscrito que significa, literalmente, *continuum*, continuidade. São os textos, e os ensinamentos neles contidos, do Budismo *Vajrayana* que tratam da pureza natural da mente. É também um método sofisticado de meditação. A Escola *Nyigma* (a “antiga” tradução) classifica os tantras em exteriores (Kriya, Upa e Yoga) e interiores (Mahayoga, Anuyoga e Atiyoga), enquanto o Sarma, ou Nova Tradução, os divide em quatro classes: Kryia, Upa, Yogatantra e Anuttaratantra.

Tangka – Pintura tibetana sobre tela, papel ou pergaminho enrolável.

Tara – O princípio feminino da iluminação. Tara é a bodhisattva da atividade compassiva, correspondente feminina e indivisível do bodhisattva masculino Avalokiteshvara. Há inúmeras manifestações de Tara.

Terra Pura – Um lugar ou um mundo manifestado por um *Buddha* ou um grande *Bodhisattva* por meio das qualidades espontâneas da sua realização.

Torma – objeto ritual, geralmente modelado em farinha e manteiga que pode ser símbolo de uma deidade, uma mandala, uma oferenda ou, as vezes, uma arma para combater forças negativas.



Tchöd – método de meditação no qual se oferece o próprio corpo par cortar os quatro demónios internos.

Tripitaca – as três coleções de ensinamentos de *Buddha*, Vinaya, Sutra e Abidarma.

Tulku – a reencarnação do desaparecido.

Vacuidade – ausência de existência inerente em todos os fenômenos.

Vajra – Cetro de diamante. Instrumento ritual, manipulado pelos lamas no curso das cerimônias. Pequeno cetro de cinco a dez centímetros, em bronze, prata ou ouro maciço.

Vajrayana –O Veículo *Vajrayana* poderia ser considerado, em grande parte, uma radicalização de alguns conceitos básicos do pensamento *Mahayana*. Essa radicalização toma forma de uma “tecnologia espiritual”, que representa, num certo sentido, a realização desses conceitos por meio das poderosas práticas de ioga tântrica. O Veículo *Vajrayana* tornou-se uma forma importante de Budismo na Índia após 500 d.C. e seu ideal era a figura de *mahasiddha*, um praticante extremamente completo, que poderia atingir a iluminação no período de uma única vida.

Vajrasattva – O *Buddha* que corporifica as Cem Famílias. Prática com recitação de mantra para purificação de ações negativas

Veículo – um sistema de ensinamentos que realizam todos os desejos.

Yidam – Deidade tântrica, pacífica ou irada, masculina ou feminina, que representa diferentes aspectos da iluminação.





APÊNDICE

Roteiro de Entrevista

O Caminho do Bodhisattva em Alagoas: um estudo etnográfico

Pesquisadora: Sílvia Teixeira de Lima

Orientadora: Silvia Aguiar Carneiros Martins

ROTEIRO DE ENTREVISTA DE PESQUISA

1. De que forma o Budismo entrou na sua vida e que influências tem na sua vida?
2. O que te faz ser Budista?
3. Como se dá a sua relação com a *Sangha*?
4. De que forma pratica os ensinamentos oferecidos?
5. Qual sua relação com o seu professor?
6. Que dificuldades e/ou facilidades tem na sua vida em ser praticante Budista?
7. O quão é o seu contato com a literatura específica e a frequência aos ensinamentos, retiros oferecidos?
8. De que forma se dá sua relação com o corpo e com a alimentação para a sua prática?
9. Você tem seu altar ou local de prática em sua casa?
10. Você se converteu ao Budismo ou o Budismo a você?

